VANGA: A BÍBLIA ARDENTE

TODOS OS CONSELHOS E PROFECIAS

A. Marianis

Tradução: Amadeu António

VANGA: A BÍBLIA ARDENTE

TODOS OS CONSELHOS E PROFECIAS

A. Marianis. - Moscovo: Eksmo, 2010

Nem todos os mistérios associados ao nome de Vanga são conhecidos do público.

Este livro dar-lhe-á a oportunidade de se familiarizar com a visão do mundo da famosa clarividente. O mais interessante é que a mundividência de Vanga coincide surpreendentemente com as visões dos filósofos indianos e

adeptos do Ioga espiritual superior. Um dos ensinamentos modernos pertencentes à tradição do Ioga — Agni Ioga, transmitido ao mundo pelos Arhats de Shambhala — Vanga chamou-lhe Bíblia Ardente e acreditava que

este ensinamento estava destinado a salvar o mundo. UDC 133.3

BBK 86,42

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro, com exceção de citações individuais, pode ser utilizada de qualquer forma, incluindo a publicação na Internet, sem a autorização escrita da editora.

O autor expressa a sua mais sincera gratidão a Diana Simeonova pela tradução do búlgaro das máximas de Vanga.

Prefácio

O fenómeno de Vanga não deixa de surpreender milhões de pessoas, obrigando-as, quase contra a sua vontade, a refletir sobre o maior mistério da vida — o mistério do futuro.

Se alguém é capaz de prever o futuro, isso significa que ele já existe algures, sob a forma de um destino já traçado para uma pessoa concreta, para um país inteiro ou para o mundo todo? Se assim é, será possível alterá-lo? Será possível aprender a prever, por si mesmo, o que o espera no futuro? Estas e muitas outras questões são suscitadas na mente da pessoa comum pela existência de fenómenos humanos como Vanga...

Mas Vanga não falava às pessoas apenas de eventos concretos do futuro; revelava-lhes também muitas coisas que existem no presente, mas que estão ocultas aos olhos comuns por um véu de mistério e ignorância. Não se limitava a informar sobre algo; aconselhava, orientava, partilhava com os contemporâneos a sabedoria que lhe fora concedida por uma misteriosa fonte do Alto.

Isto já não é apenas um dom — é uma missão com que as Forças Superiores dotam uma pessoa. Não é por acaso que o dom profético surgiu numa rapariga cega de 13 anos depois de, num sonho maravilhoso, lhe ter aparecido um Cavaleiro de beleza deslumbrante, envolto num halo de luz divina, com armadura resplandecente como o sol, que lhe disse: «Não está

longe a hora em que o mundo se virará do avesso e muitos perecerão. Tu preverás a vida e a morte. Não tenhas medo, eu estarei sempre ao teu lado, e tu transmitirás às pessoas as minhas palavras...»

Em todos os tempos e em qualquer país do mundo, nunca faltaram videntes. Porque foi precisamente Vanga que se tornou famosa pela sua capacidade de previsão quase em todo o mundo?

O fenómeno de Vanga é único porque ela podia profetizar não só sobre os destinos de pessoas concretas que a procuravam em busca de ajuda e conselho. Ela previa os destinos de países inteiros e do mundo todo. E tais profecias não foram acessíveis a muitos videntes ao longo de toda a história da humanidade. Cassandra, João o Teólogo, Renio Nero, Nostradamus, Abel, Messing, Edgar Cayce, a própria Vanga... talvez todos eles não fossem apenas videntes, mas mensageiros através dos quais as Forças Superiores comunicavam às pessoas o segredo do futuro.

É ainda mais interessante compreender o que Vanga dizia sobre o futuro do nosso país, o que aconselhava, o que ensinava. Graças às recordações de pessoas que se encontraram pessoalmente com Vanga, podemos saber muitas coisas interessantes sobre o mundo espiritual interior da profetisa búlgara.

Recordações muito interessantes sobre Vanga foram deixadas numa pequena obra intitulada «Ludmila e Vangelia» pelo escritor e poeta soviético Valentin Mitrofanovich Sidorov.

Quem poderia imaginar, por exemplo, que a famosa profetisa acreditava piamente no grande futuro de um dos ensinamentos filosófico-esotéricos mais interessantes do mundo, a Agni Ioga, ou Ética Viva, também chamada Ensino da Vida, transmitido à família Roerich pelos Mestres Espirituais de Shambhala? E, no entanto, era exatamente assim!

Isso é confirmado também pelos seguidores búlgaros do ensino dos Roerich, membros das sociedades roerichianas búlgaras, que conheciam Vanga. Vanga chamava à Agni Ioga a «Bíblia de Fogo».

Na verdade, não havia nada de místico no conhecimento que Vanga tinha da existência deste ensino. Foi claramente Ludmila Jivkova, seguidora búlgara deste ensino e, além disso, antiga conhecida de Vanga, quem a introduziu à Agni Ioga. Mas Vanga não se limitava a saber da existência deste ensino; valorizava-o altamente e previa-lhe um grande futuro não só na Rússia, mas em todo o mundo!

Recordemos como ela falava dele:

«Como uma flor branca, cobrirá a Terra, e graças a isso as pessoas serão salvas»;

«O Novo Ensino virá da Rússia (...). A Rússia será pura, haverá a Irmandade Branca na Rússia. Daqui o Ensino começará a sua marcha por todo o mundo».

Sidorov V.M. «Ludmila e Vangelia»

Porque dava Vanga tanta importância a este ensino?

Será que o entusiasmo de Ludmila Jivkova pelo Ensino da Vida influenciou tanto Vanga que ela passou a considerá-lo o ensino capaz de salvar o mundo inteiro? É pouco provável que fosse apenas a influência de Ludmila. Vanga era muito mais velha do que Ludmila Jivkova, e a experiência de vida que lhe era própria não lhe permitiria seguir cegamente os entusiasmos espirituais da sua jovem amiga. Simplesmente, os conhecimentos que Vanga possuía graças à sua clarividência revelaram-se muito próximos de muitas das principais teses e ideias do ensino da Ética Viva.

Tentemos compreender o que ensina a Agni Ioga e que conselhos e previsões deixou ao mundo a notável profetisa búlgara.

CAPÍTULO PRIMEIRO

O MUNDO INVISÍVEL

Vanga repetiu várias vezes que, além do mundo físico visível, existe também um mundo espiritual invisível.

«Foram escritos tantos livros, mas ninguém dará a resposta definitiva se não compreender e não reconhecer que existe o mundo espiritual — o céu — e o físico — a terra, e uma Força Suprema, chamem-lhe como quiserem, que nos criou...» — afirmava a profetisa.

Esse mundo era para Vanga tão real como, para nós, a realidade terrestre comum. Foi precisamente graças ao invisível mundo espiritual que a vidente búlgara obteve conhecimentos surpreendentes sobre o futuro e o passado, inacessíveis a todos os outros.

Sobre os segredos do mundo invisível que lhe eram acessíveis, a vidente dizia:

«Na quietude da noite, quando todos dormem, escuto os sons das esferas celestes. Ouço como os sinos celestes marcam as horas, como tudo o que é vivo responde ao seu toque. Graças a isso, cada flor sabe quando abrir as suas pétalas, e o galo — quando cantar.

Se eu contasse tudo o que vejo, aconteceria um milagre. Estou transbordante dos segredos do mundo que me foram revelados, segredos que não vos posso contar. É como uma albufeira cheia até às bordas. Mais um pouco — e a barragem não aguentará a pressão... E então — que Deus nos ajude!»

Porque não foi dado a Vanga o direito de revelar às pessoas todos os segredos do outro mundo que lhe eram acessíveis? Quem impôs a proibição de transmitir esses conhecimentos? Evidentemente, as Forças Superiores, que deram à profetisa uma missão especial, indicavam-lhe o que podia e o que não

podia revelar aos seus contemporâneos. Aliás, dificilmente devemos lamentá-lo. Afinal, muitas das verdades dos outros mundos foram transmitidas às pessoas no ensino filosófico da Agni Ioga, ou Ética Viva, que a própria Vanga chamava «Bíblia de Fogo». Graças a este ensino, traduzido para muitas línguas do mundo, qualquer pessoa pensante pode aceder aos conhecimentos superiores da natureza espiritual do Cosmos, da Terra e de si mesma.

O que diz o ensino da Agni Ioga sobre o mundo invisível?

Segundo a Ética Viva, em todo o universo existem três tipos principais de matéria: física, subtil e ígnea. Cada um destes tipos possui uma enorme diversidade de estados e formas.

O mundo físico é formado pelo tipo físico de matéria; os mundos invisíveis do Cosmos são formados pela matéria subtil e ígnea.

A realidade invisível do universo inclui cinco planos principais de existência: astral, mental, Ígneo, Búddhico (plano de Buddhi) e Átmico (plano de Atma).

Além deles, existe ainda o plano etérico, também invisível ao olho do homem comum, mas este camada do espaço pertence mais ao plano físico de existência e não tem significado independente na estrutura do Cosmos.

Todos os mundos acima enumerados diferem uns dos outros pela densidade da matéria que os constitui e pelo nível, ou velocidade, das vibrações das partículas de que ela é composta. Quanto mais elevado o nível de vibrações, mais perfeito é o tipo de matéria e o plano de existência que ele forma. A densidade da matéria é determinada pela quantidade de partículas suas numa mesma unidade de área. Mesmo no plano físico existem formas de matéria física com diferentes densidades: a densidade do ferro é muito superior à da água e do gás. É por isso que o ferro é duro e pouco plástico, a água é plástica e fluida, e o gás ainda mais plástico e volátil.

A matéria do mundo invisível — de cada um dos seus planos — é, pela densidade, semelhante ao gás. As formas da matéria que constitui o mundo invisível lembram as terrestres, mas possuem plasticidade e — especialmente nos planos superiores de existência — luminosidade. Em «Grãos de Agni Ioga» diz-se:

«... refinada e rarefeita (...) é a matéria desse mundo. Mais perto da Terra, lembra muito a terrestre, só que a sua plasticidade e permeabilidade são muito maiores. Quanto mais alto o estrato a partir da Terra, maior é a rarefação da sua matéria e das formas vivas que ela reveste. As formas tornam-se cada vez mais refinadas, leves e luminosas. Tudo está em movimento ou em estado de pulsação visível, e o motor — é o pensamento» («Grãos de Agni Ioga», vol. 8, 380).

Na Agni Ioga, os tipos de matéria que formam os planos astral e mental são chamados subtis, e os próprios mundos são frequentemente designados por Mundo Subtil.

Além da matéria subtil, existe uma matéria mais elevada do ponto de vista evolutivo — a matéria ígnea — que forma o plano Ígneo de existência, bem como os planos seguintes, Búddhico e o supremo, Átmico, do Cosmos.

O Mundo Subtil está invisivelmente presente nas formas terrestres, físicas, que nos são visíveis.

Na Agni Ioga diz-se:

«Os objetos terrestres têm o seu protótipo subtil — astral e ígneo. Afinal, a própria matéria, pela sua estrutura, é ígnea. Montanhas, rios, campos, florestas, mares, neves — tudo está expresso em três formas, unas na essência, mas tríplices na manifestação».

«Grãos de Agni Ioga», vol. 1

Tal como as montanhas, mares e florestas terrestres ocultam em si protótipos subtis invisíveis ao olho humano, também no corpo físico do homem estão ocultos corpos subtis invisíveis para nós, o astral e o mental (ou o seu embrião, pois nem todas as pessoas têm este corpo completamente formado).

Além disso, na estrutura subtil do organismo humano estão presentes o embrião do corpo ígneo e dois elementos espirituais superiores: Atma e Buddhi, que constituem o princípio espiritual imortal do homem.

Após a morte do corpo físico do homem, a sua alma-consciência desloca-se da casca física esgotada para o corpo astral e passa para o plano astral de existência. Assim, a morte do homem não significa de modo algum o fim da sua existência consciente, mas precisamente a transição da alma-consciência para o mundo astral.

Depois de lá permanecer durante um certo período de tempo, a alma-consciência reencarna novamente no plano físico num novo corpo terrestre.

Este ciclo de encarnações dá à consciência potencialmente imortal do homem a possibilidade de se desenvolver e evoluir constantemente.

O local de habitação do homem no pós-morte, ou seja, nos intervalos entre as suas encarnações no plano terrestre, é o Mundo Subtil. Uma característica peculiar da existência neste plano de ser, e naturalmente das consciências humanas nele, é a ausência de espaço e tempo fixos. Tanto um como o outro são aí absolutamente subjetivos e dependem das sensações dos próprios habitantes do plano astral. Consequentemente, para os habitantes dos mundos superiores, de facto, não existe passado, presente nem futuro no sentido terrestre.

Esta propriedade da outra realidade era também sublinhada por Vanga:

«Não há passado, não há presente nem futuro! Há apenas o Grande tempo e os tempos. Tudo isso são fragmentos de um mesmo fluxo».

«Não há diferenças entre passado, presente e futuro. Eu vejo imagens — doença, morte, catástrofe, casamento, filhos. Tudo em movimento, só as direções são diferentes...» — dizia a vidente.

A que se parecem, então, os próprios habitantes deste mundo, que coexiste ao nosso lado?

Os espíritos — interlocutores

Vanga tornou-se famosa não só pelas suas previsões, mas também pela sua misteriosa capacidade de comunicar com os mortos. Muitos pensavam que a vidente búlgara sabia instantaneamente quase tudo sobre pessoas desconhecidas apenas porque podia ler os seus pensamentos. Mas a própria Vanga dizia que não sabia ler pensamentos. Toda a informação sobre os visitantes era-lhe transmitida, por um lado, por uma voz misteriosa que soava na sua consciência ou por palavras escritas por alguém diante do seu olhar mental, e, por outro lado, pelos parentes falecidos daqueles que a procuravam. Segundo as palavras da vidente cega, bastava que uma pessoa aparecesse diante dela para que, imediatamente ao seu lado, surgissem os espíritos dos seus parentes e amigos falecidos.

A capacidade da vidente búlgara de comunicar com os mortos foi talvez o que mais impressionava a imaginação das pessoas que a procuravam em busca de conselho e ajuda.

O escritor V.M. Sidorov recordava:

«Os contactos com o mundo invisível eram para Vanga uma realidade inabalável. Ela não fazia segredo disso, e como poderia fazê-lo, quando todas as suas informações — por vezes pouco conhecidas, ou mesmo totalmente desconhecidas — ela, pelo seu próprio reconhecimento, recebia dali.

Queixava-se:

— Às vezes durmo apenas uma hora por dia. Os espíritos não me dão descanso. Inquietam-me, acordam-me. Dizem: «Levanta-te. Está na hora de trabalhar».

Vanga há muito que é uma vegetariana rigorosa. Mas acontece que passa dias inteiros sem sentir necessidade de comida. Limita-se a água, não fervida, fria — não gosta de outra. E o que é surpreendente: com isso não sente o mínimo cansaço.

Sente um fluxo de vigor. Quem sabe se isso não será o resultado da comunicação com o mundo invisível, que, em certas condições, pode dar uma recarga energética invisível.

Pela descrição de Vanga, os espíritos são transparentes e incolores («como água num copo»). Mas ao mesmo tempo brilham («como o calor num forno»). Comportam-se como pessoas. Sentam-se. Andam. Riem. Choram.

Ultimamente repetem sempre o mesmo: «Não tenham medo. O mundo já não caminha para a destruição».

Sidorov V.M. «Ludmila e Vangelia»

É interessante a descrição que Vanga faz dos espíritos: «transparentes e incolores como água num copo», mas ao mesmo tempo dotados de uma certa luminosidade. É exatamente assim que a matéria do mundo astral é descrita na Agni Ioga e noutros ensinamentos esotéricos. Ela é transparente e plástica, como o ar ou a água, e nos planos superiores de existência possui luminosidade. Aliás, foi o grande médico e filósofo da Idade Média, Paracelso, quem deu o nome «astral» (ou seja, «estelar», luminoso) a este tipo de matéria. Consequentemente, nos momentos da sua comunicação transfísica, Vanga vê os mortos nos seus corpos astrais.

É precisamente da matéria astral que são feitos os corpos astrais das pessoas, nos quais elas permanecem nos intervalos entre as encarnações no plano terrestre. Como já foi dito, se no plano terrestre o portador da consciência-alma é o corpo físico, no mundo astral o recipiente da consciência torna-se o corpo astral do homem. Ao abandonar o corpo físico esgotado, a consciência desloca-se para a sua próxima casca, astral, passa para o plano astral de existência e continua aí a sua existência racional, nas condições desse mundo.

No entanto, os planos de existência não estão separados uns dos outros por véus impenetráveis: os videntes do plano físico de existência podem comunicar com as almas das pessoas que se encontram no mundo astral, e os seres do plano astral podem «descer» ao plano físico.

Mediadora entre os mundos

Vanga dizia que os mortos vinham ter com ela sob a forma de sombras transparentes que irradiavam luz.

Nesse momento, como se fosse numa fita de cinema, passavam diante dela os eventos do passado, do presente e do futuro.

«Os mortos vêm, sentam-se, fazem o que querem. Assim que chega alguém, começam a aparecer-me imagens que se movem da direita para a esquerda. Vejo como se fossem imagens vivas — paisagens, pessoas, eventos, desgraças. Por vezes são tantas, e as imagens movem-se tão rapidamente, que não consigo contar tudo o que vejo, mas também não consigo parar o seu movimento. Por isso pergunto ao visitante o que exatamente lhe interessa — problemas de saúde, um objeto perdido, trabalho, filhos? ...Digo o que vejo e ouço. Em primeiro lugar, os espíritos comunicam-me o nome do visitante...» — dizia a vidente.

Vanga afirmava que os mortos podem ser tão emocionais como as pessoas vivas. Por vezes, tentam desesperadamente avisar os seus entes queridos que ficaram na Terra dos infortúnios que os ameaçam. À vidente, pelo seu próprio reconhecimento, nem sempre era fácil o contacto com os espíritos:

«Às vezes os mortos gritam tão alto que me parte a cabeça. Especialmente se gritam sobre coisas más — doenças, mortes, desgraças. Eu sei que não se pode falar disso, mas eles como que me empurram: diz, diz!

Então viro-me um pouco e digo-o baixinho, para que a pessoa não ouça, para que saia de mim. Senão morro ou enlouqueço...»

Vanga possuía a capacidade de comunicar com as almas de pessoas mortas há mais de um século. Era uma verdadeira mediadora entre o mundo dos mortos e o dos vivos. Vanga dizia que os mortos vinham ter com ela porque ela era a porta de entrada deles neste mundo. «Assim que aparece um visitante diante de mim, chegam imediatamente os seus parentes mortos, fazem-me perguntas através de mim e eles próprios comunicam muitas coisas, e eu transmito o que ouço deles aos vivos».

Especialmente interessante é o facto de haver casos em que as vozes do outro mundo foram ouvidas também pelos visitantes de Vanga!

Como se pode explicar isso? Evidentemente, pelo facto de a famosa vidente representar uma espécie de canal energético através do qual, do mundo invisível para o plano físico, podiam vir as almas dos mortos. Não é por acaso que a própria Vanga se chamava a porta para a vinda dos mortos a este mundo. É precisamente por isso que, na sua presença, as vozes do outro mundo podiam ser ouvidas também por pessoas estranhas, os visitantes de Vanga.

Há outra variante de explicação para este fenómeno invulgar. Não está excluído que algumas pessoas especialmente sensíveis, na presença de Vanga, tenham experimentado a influência da sua poderosa aura e, sob o efeito de uma espécie de ressonância energética, tenham começado temporariamente a manifestar a capacidade que lhe era própria de ouvir vozes do outro mundo.

Seja como for, neste caso é oportuno colocar questões: de que forma podem os mortos falar? Apenas através da troca de pensamentos? Ou os habitantes de outros planos comunicam também com a ajuda de sons, no seu próprio intervalo sonoro, inaudíveis para os habitantes do nosso mundo tridimensional? Têm os espíritos a capacidade de sentir, tocar, cheirar? Como explicar a sua capacidade de ver e ouvir, graças à qual sabem o que se passa com os seus entes queridos que ficaram na Terra?

Na Agni Ioga diz-se que nenhum sentimento humano desaparece após a sua transição para o outro mundo. O corpo astral do homem tem os seus órgãos dos sentidos, que funcionam nas condições do mundo astral. O outro mundo está cheio de sons semelhantes aos terrestres. É precisamente por isso que as pessoas que estiveram em estado de coma, tendo involuntariamente «espreitado» para além da linha que separa o mundo físico do astral, não só viram paisagens maravilhosas, mas também ouviram certos sons cósmicos, um zumbido estranho ou um ronco, e por vezes — uma música majestosa, não terrestre.

« ...o visível é um aspeto ou o outro lado do invisível, e o audível — daquele que não se ouve. Isto aplica-se também a todos os outros órgãos dos sentidos. Mesmo os próprios órgãos são duplos, ou melhor, triplos, quíntuplos e sétuplos, dependendo do condutor[1] em que se manifesta a consciência. Para cada plano em que o homem vive, funcionam os órgãos dos sentidos que lhe correspondem. Ao separar-se do corpo físico, o homem não perde a capacidade de ver e ouvir, cheirar, tocar e sentir o sabor. Após a libertação do corpo subtil, todos os seus sentidos, transfigurados, permanecem com ele».

«Grãos de Agni Ioga», vol. 2, 323

A ciência e o Mundo Subtil

Outro tema interessante levantado por Vanga em relação ao Mundo Subtil é a atitude da ciência para com ele. Cada vez mais cientistas, nos nossos dias, não temendo as zombarias de colegas céticos, reconhecem a existência de uma realidade invisível ao homem. No futuro, o seu número, a julgar pelas profecias dos autores da Agni Ioga e de Vanga, deverá aumentar ainda mais.

[1] Condutores na Agni Ioga também são designados os corpos das pessoas: físico, astral, etc. Esta designação sublinha o facto de que cada corpo serve de condutor da vontade da consciência naquele ou noutro plano de existência: o corpo físico — no plano físico, o astral — no astral, e assim por diante. — Nota do autor.

Vanga encontrou-se repetidas vezes com investigadores que tentaram estudar as suas capacidades. A conhecida neuropsiquiatra mundial N.P. Bekhtereva realizou experiências com a vidente búlgara, às quais aludiu no seu livro «Magia do cérebro e labirintos da vida».

Aos cientistas, Vanga dizia:

«Querem explicar o que eu faço? Mas como se explica isso, se tudo isto é obra das mãos de Deus? O meu dom vem de Deus. Ele tirou-me a visão, mas deu-me outros olhos com os quais vejo o mundo — tanto o visível como o invisível».

Mas, ao mesmo tempo, a vidente afirmava que em breve a ciência confirmaria oficialmente a existência do mundo invisível e começaria a investigá-lo tal como agora investiga vários fenómenos do mundo físico.

«Virá o tempo dos milagres, e a ciência fará muitas descobertas na esfera não material», — dizia Vanga ainda em 1979.

Estas palavras de Vanga tornaram-se quase uma repetição literal de uma profecia transmitida pelos Mestres de Shambhala através de B.N. Abramov. Em 1960, nas suas anotações, Abramov registou:

«Em breve, novos aparelhos permitirão detetar a maravilhosa realidade, e então alguém terá de acreditar naquilo que agora nega. Assim, a ciência abrirá uma janela e tornará objeto de estudo as inesgotáveis riquezas do mundo

invisível, contidas no espaço que rodeia o homem. À ciência caberá o mérito da penetração na área do desconhecido».

«Grãos de Agni Ioga», vol. 1, novembro, 26

Segundo os autores dos «Grãos de Agni Ioga», a existência do mundo invisível será anunciada à humanidade não só pelos investigadores, mas também por pessoas dotadas de capacidades paranormais e de elevado potencial espiritual — os chamados pessoas da nova, sexta raça. Cada vez mais se incluem entre elas as crianças índigo, dotadas da capacidade de ver e ouvir outra realidade, não percetível pelos órgãos dos sentidos das pessoas comuns. Além disso, na Agni Ioga diz-se que um papel especial na perceção dos fenómenos do Mundo Subtil no futuro será desempenhado pelas mulheres, em virtude da subtileza psíquica e espiritual da sua natureza.

«Anunciar ao mundo aquilo que o mundo nega não é simples. O mundo vive da evidência. A evidência é o resultado da atividade da mente terrestre. Consequentemente, é preciso introduzir na área da evidência os fenómenos de ordem supraterrestre. Muitos deles ocorrem na vida comum, só que escapam à atenção, pois toda a atenção da mente terrestre se concentra no terrestre. Mas já entre as pessoas comuns aparecem os precursores da sexta raça, dotados de sentimentos subtis mais desenvolvidos. E eles, multiplicando-se em número, iniciarão o desenvolvimento planificado da sexta raça.

Para o cego, o mundo da visibilidade densa não existe, mas para o vidente o seu ser é inegável; exatamente da mesma forma, entre os cegos para o Mundo Invisível aparecerão videntes de espírito; quando o seu número aumentar significativamente, o seu testemunho sobre a existência do Mundo Subtil já será tomado em consideração, como agora se tomam em consideração as novas descobertas da ciência, embora a maioria não tenha contacto com elas. A ciência irá à frente do tempo e à frente da compreensão das massas.

Ela confirmará o testemunho dos videntes, e o Mundo Subtil receberá reconhecimento oficial. Este é um dos caminhos de fusão dos dois mundos. Haverá outros caminhos. Um deles — através do coração. O caminho do conhecimento cardíaco da essência da vida é acessível a todos em quem o coração se refinou suficientemente. As pioneiras nesta área serão as mulheres. Tendo conquistado a sua igualdade de direitos, a mulher ocupará no mundo uma posição de liderança na área do conhecimento do coração».

«Grãos de Agni Ioga», vol. 5, 1

OUTROS MUNDOS

Com a existência do Mundo Subtil e de outros tipos de matéria no Cosmos está ligada também uma tema tão atual como a inteligência extraterrestre e as civilizações superiores do Universo.

Vanga comunicou aos contemporâneos muitas coisas interessantes a este respeito.

«Na Terra existiram civilizações muito antes da nossa, e no Cosmos, paralelamente a nós, existe também uma inteligência mais perfeita. A civilização humana tem um nível de desenvolvimento correspondente à idade infantil», — afirmava a vidente.

E esta afirmação da profetisa búlgara coincidia plenamente com o que se diz a este respeito no ensino da Agni Ioga. Os autores da Ética Viva falaram repetidas vezes que, antes da humanidade contemporânea, existiram na Terra civilizações altamente desenvolvidas da Lemúria e da Atlântida, que, com exceção de um pequeno número de eleitos, pereceram. Isso aconteceu não só devido a cataclismos naturais, mas também por causa da imperfeição moral dos seus representantes.

Especialmente este último aspeto dizia respeito à civilização da Atlântida.

Não menos interessantes são as afirmações de Vanga sobre a presença na Terra de inteligência extraterrestre em formas subtis e materiais invisíveis aos homens.

«No Cosmos encontrarão vida»

«No Cosmos encontrarão vida, — dizia a profetisa cega, — e então ficará claro como a vida apareceu na Terra».

Vanga considerava que daqui a cerca de 200 anos a humanidade estabelecerá contacto com irmãos em inteligência do Cosmos.

A vidente também profetizava:

«Os mortais comuns voarão para o Cosmos a uma velocidade 10 vezes superior à da luz. Mas isso não acontecerá antes de 2050».

Entre as previsões de Vanga havia também algumas que pareciam tiradas de livros e filmes de ficção científica. Assim, a pítia búlgara dizia:

«Chegará o tempo em que os terráqueos encontrarão representantes de outras civilizações. Os seus «discos voadores» já agora voam sobre a Terra e procuram a possibilidade de entrar em contacto. Não vos é dado ver isso, mas no nosso tempo há no céu muitos aparelhos voadores de extraterrestres. Em cada um deles costumam estar três aliens e muitos instrumentos surpreendentes.

Eles dizem-me: «Prepara-te para o grande evento futuro».

Vanga disse isto ainda em 1979. O que isso era para aqueles tempos — só pode compreender quem viveu na era soviética. Para as pessoas cujo visão do mundo fora formada pela ideologia materialista estreita dominante naqueles anos, tais palavras poderiam parecer delírio! No entanto, Vanga não teve medo de dizê-lo.

Não menos interessante é a declaração da profetisa sobre o que aconteceu durante o desembarque dos cosmonautas americanos na Lua. A clarividência de Vanga, a julgar por tudo, estendia-se não só no tempo, mas também no espaço. Vanga declarou:

«Eu observava os cosmonautas que pela primeira vez desembarcaram na Lua. Eles não vos contaram nem a centésima parte daquilo de que foram testemunhas».

Como se sabe, os rumores de que os americanos viram na Lua naves de extraterrestres já há muito penetraram na imprensa. As autoridades oficiais desmentiam esses rumores, mas era claro que não há fumo sem fogo — os cosmonautas realmente encontraram na Lua algo chocante. Na superfície da Lua desembarcaram dois cosmonautas — A. Armstrong e E. Aldrin, o terceiro membro da tripulação — M. Collins — ficou na nave em órbita lunar. Os cosmonautas que desembarcaram na superfície da Lua tinham dois tipos de comunicação — interna, destinada a negociações com Collins e com o serviço terrestre de controlo de voo,

e externa, pela qual era feita a transmissão televisiva direta de tudo o que acontecia com os cosmonautas. Num certo momento, Armstrong, que caminhava pela superfície da Lua, mudou o microfone para o canal de comunicação interna e começou a falar excitada e alto: «Não compreendo o que está a acontecer aqui? Mesmo à nossa frente, do outro lado da cratera, estão naves espaciais, maiores do que a nossa, que nos observam!» O outro cosmonauta, Aldrin, revelou-se mais frio, continuou a comunicação com a Terra pelo canal televisivo como se nada fosse.

No entanto, diz-se que dezenas de radioamadores observaram o desembarque dos cosmonautas na Lua e conseguiram de alguma forma captar as ondas em que funcionava o canal de comunicação interna dos cosmonautas com a Terra — foram eles que ouviram as negociações não destinadas «para todos» e a exclamação espantada de Armstrong relativamente às naves extraterrestres na Lua. Imediatamente começaram a circular vários rumores, que rapidamente penetraram na imprensa e se espalharam pelo mundo inteiro.

Mas, a julgar por tudo, a presença de naves extraterrestres não foi tudo o que os americanos viram na Lua...

Convidados invisíveis do futuro

O que significavam, afinal, as palavras de Vanga sobre o facto de, no nosso tempo, circularem sobre a Terra «discos voadores» invisíveis ao olho humano, nos quais se encontram pilotos igualmente invisíveis? Isso significa

que tanto os «discos» como os pilotos neles são astrais pela sua estrutura material e existem nos limites do plano astral, observando e, possivelmente, estudando a nossa vida?

Sem dúvida, nem todos os extraterrestres no Cosmos devem existir precisamente no plano Subtil de ser — podem ser seres físicos como nós. Mas os pilotos e as naves de que falava Vanga, muito provavelmente, existem precisamente nos limites do plano astral.

Vanga afirmava que seres de outros planetas visitam a Terra há muito tempo, mas para os terráqueos são invisíveis... O seu planeta chama-se Vamfim, é o terceiro a contar da Terra.

Eis o que contava a sibila búlgara sobre os seus contactos com a Inteligência Superior:

«Os primeiros a entrar em contacto com os terráqueos serão os extraterrestres do planeta Vamfim. É o terceiro a contar da Terra.

Os seres do planeta Vamfim são transparentes à vista. Vestem algo que lembra uma armadura, que brilha como escamas de peixe. Entre eles há também mulheres. Os seus cabelos parecem algas. São macios como penugem e rodeiam as suas cabeças com uma auréola.

Por vezes, algum dos extraterrestres pega-me na mão e leva-me para a sua terra. Ao chegar lá, caminho por uma terra coberta de estrelas, como se as pisasse. Aqueles que me levam para lá deslocam-se muito rapidamente. Na sua terra tudo é maravilhosamente belo, não há palavras para descrever a beleza da sua natureza... Mas casas não vi em lado nenhum».

«Os extraterrestres visitam-me frequentemente...

São parecidos connosco e não são. São mais fortes, como os nossos atletas, mas cobertos de penas, como galinhas — assim são as suas roupas,

e nos pés algo como «chinelos vietnamitas». Na cabeça usam chapéus parecidos com os de praia, e debaixo do braço livros grossos, como os dos cientistas. Nas mãos têm varinhas. Dizem que querem ajudar-nos, que todos eles são curadores e podem tratar muitas doenças».

«Os extraterrestres são muito organizados. Lá, no seu planeta, reinam uma organização clara e um trabalho persistente. Estes seres afirmam que eu sou a sua ligação mais direta com a Terra. Comunicam apenas com unidades entre todos os habitantes do nosso planeta. Observam-nos constantemente. Não me permitem contar o que vejo e ouço no seu planeta. Dizem que ainda não chegou o tempo para as pessoas saberem tudo o que me comunicam».

Vanga predizia que o contacto dos terráqueos com extraterrestres levaria ao estabelecimento do equilíbrio no mundo:

«O equilíbrio chegará quando os extraterrestres entrarem em contacto com as pessoas...»

Muita informação interessante sobre a inteligência extraterrestre e civilizações alienígenas está contida no ensino da Ética Viva e nas cartas de E.I. Roerich. Claro que, nesta pequena obra, é impossível expor completamente tudo o que se diz neste ensino sobre outros planetas[1].

Aqui ficam apenas algumas informações sobre certos aspetos da vida dos nossos irmãos em inteligência.

«A evolução humana é considerada o coroamento do Universo, mas sabemos que o homem terrestre ainda é muito grosseiro na sua forma e tecidos em comparação com os habitantes, digamos, de Júpiter e Vénus».

Roerich E.I. De uma carta de 29.01.38

[1] Informações mais detalhadas da Agni Ioga sobre a vida das civilizações extraterrestres superiores são expostas no livro de A. Marianis «Avatares de Shambhala: história, factos, profecias». M., 2010. — Nota do autor.

Por grosseireza das formas e tecidos entende-se, aparentemente, o primitivismo da matéria terrestre, física, densa pela sua estrutura, em comparação com a matéria subtil, luminosa e plástica do Mundo Subtil. As civilizações de Vénus e Júpiter existem no plano subtil-material de existência, e é precisamente da matéria deste plano que são feitos os corpos dos habitantes desses planetas. Dado que o desenvolvimento espiritual das pessoas dessas civilizações é incomensuravelmente superior ao dos terráqueos, os rostos e corpos dos habitantes de Vénus e Júpiter são excepcionalmente belos.

Também o mundo natural desses planetas é muito mais perfeito do que o terrestre. E.I. Roerich escreveu sobre isso com base nas palavras do seu Mestre espiritual:

«Foi dito que nos planetas superiores há menos animais e eles são muito mais perfeitos. Assim, em Vénus não há de todo insetos nem predadores. Lá é o verdadeiro reino do voo. Voam as pessoas, voam as aves e até os peixes. Além disso, as aves compreendem a fala humana. As cores dos peixes e da plumagem das aves atingem combinações e belezas deslumbrantes».

Roerich E.I. De uma carta de 13.08.38

A julgar por tudo, dos insetos em Vénus só há abelhas e formigas, pois noutra carta E.I. Roerich escreve:

«As abelhas e as formigas foram trazidas pelo Grande Mestre[1] de Vénus para edificação da humanidade. Também há uma lenda de que o trigo foi trazido por Ísis de Vénus. É interessante notar que os botânicos afirmam que, enquanto todos os cereais se encontram no estado selvagem, o trigo nunca e em lado nenhum foi encontrado no seu estado primitivo».

Roerich E.I. De uma carta de 14.08.36

Significa isso que em Vénus há vida não só no plano astral, mas também no físico, manifestando-se pelo menos na existência de seres biológicos

inferiores, semelhantes às abelhas e formigas, e de plantas, por exemplo o trigo? Ou o Avatar cósmico, ao vir à Terra, trouxe de Vénus apenas «embriões» astrais de abelhas, formigas e trigo, criando (ou encontrando) para eles formas físicas adequadas na Terra? Sobre isso só podemos conjecturar.

A aluna e colaboradora de E.I. Roerich que vivia em Nova Iorque, Zinaida Grigorievna Fosdik, registou no seu diário algumas informações sobre a vida em Vénus, que lhe eram transmitidas por Elena Ivanovna. Em particular, no diário de Z. Fosdik diz-se que «as pessoas em Vénus vivem em corpos astrais, as crianças ao nascer já têm o mesmo desenvolvimento que as crianças de sete anos na Terra, vivem até aos quarenta anos, depois dissolvem os seus corpos».

[1] Trata-se do fundador de Shambhala, o Hierarca cósmico que assumiu a responsabilidade pela evolução da Terra, cuja última encarnação terrestre foi o Mahatma M., o Mestre espiritual de Blavatsky e dos Roerich. — Nota do autor.

Z.G. Fosdik. Os Meus Mestres.

Registo de 31.08.26.

Numa palavra, num futuro próximo teremos de aprender muitas coisas novas e extraordinariamente interessantes sobre os nossos vizinhos cósmicos!

Sobre Deus

Questões amaldiçoadas

Uma das questões mais importantes para a evolução da humanidade é a questão da natureza do princípio Divino.

Com esta questão acabam inevitavelmente ligadas muitas problemas amaldiçoadas da existência, tais como o destino do homem, a natureza do Bem e do mal, a luta entre estes dois princípios, a existência ou não existência neste mundo de uma justiça superior, e assim por diante.

Com frequência, as pessoas veem neste mundo uma injustiça evidente. Ladrões e vigaristas frequentemente prosperam, pessoas decentes sofrem sem motivo ou tornam-se vítimas de arrogantes. Pergunta-se: porque permite Deus tudo isso?

Se foi precisamente Ele quem criou este mundo, porque razão a Sua criação se revelou tão injusta? Porque há nele tão pouco bem e tanto mal? E se tudo isso foi feito pelo antípoda de Deus — o diabo, então porque não conseguiu ou não quis Deus impedi-lo? Será o mal mais forte do que o Bem? Uma pessoa pensante não pode deixar de fazer a si mesma tais perguntas.

Mas a causa destas perguntas é a compreensão errada pelas pessoas da essência do princípio Divino, da natureza de Deus.

Se partirmos do princípio de que Deus é uma personalidade mística sobrenatural dotada de consciência e vontade, que cria este mundo ao seu bel-prazer e dispõe dos seus destinos, então, claro, é precisamente a Deus que se

deve censurar por este mundo se ter revelado tão injusto. Mas o facto é que Deus não é uma personalidade semelhante ao homem. Deus não é um ser, mas um princípio cósmico suprapessoal, sem qualquer forma, uma centelha superior do princípio espiritual, presente em tudo o que existe — do cristal ao homem. «Deus é fogo», — diz-se sobre a natureza do princípio Divino na Sagrada Escritura.

Este mundo não é criado por Deus, mas pela própria natureza, e Deus, o princípio Divino, por sua vez, está dissolvido nela. A presença em cada ser ou mesmo forma de matéria (um cristal, por exemplo) de um impulso do princípio Divino dá a possibilidade a esse ser de se desenvolver, de evoluir. Quanto mais elevada for a organização do ser, mais forte se manifesta nele o princípio Divino. Na verdade, é precisamente ele que se chama espírito. Assim,

Deus o homem traz em si mesmo, Deus está escondido nas profundezas do seu espírito e da sua alma-consciência.

Além do espírito suprapessoal, em cada ser há ainda a alma, que representa já o princípio pessoal. Nos animais vemos apenas os primórdios desta individualidade, no homem ela já está plenamente formada. Juntamente com a individualidade-alma, o homem adquire também a liberdade de vontade. É precisamente ela o principal modelador do caminho de vida do homem, da sua karma e destino, e de modo algum um princípio Divino ultraterreno qualquer.

Vanga compreendia o significado da liberdade de vontade na vida do homem. Ela dizia:

«Deus deu ao homem uma arma poderosa — a vontade, que nenhuma força é capaz de quebrar, de modo que o homem decide por si mesmo a quem servir».

A quem servir — este é um princípio importante. Inclui a escolha realizada pelo próprio homem de a qual princípio, tanto no mundo como em si mesmo, dar preferência — ao Bem ou ao mal? No homem há não só o princípio superior — o espírito, a centelha do princípio Divino, mas também o princípio inferior, a personalidade do próprio homem.

O princípio superior na Agni Ioga é por vezes chamado «Eu superior», e o inferior — «eu inferior».

O Eu superior é o princípio espiritual imortal, que o impulsiona para o Bem e para o serviço aos outros pessoas e ao mundo. O eu inferior é o princípio egoísta mortal (ou transitório), herdado pelo homem da passada fase animal da sua evolução. Este princípio impulsiona-o a servir a si mesmo, aos seus pequenos interesses egoístas. A consciência do homem revela-se, assim, uma arena de luta entre dois princípios, o luminoso e o sombrio. Que escolha fará o homem? A quem servirá, como dizia Vanga? Isso depende da sua livre vontade. E esta mesma escolha determinará inteira e plenamente o seu

destino, por vezes não só para uma vida, mas para muitas encarnações subsequentes.

A voz do princípio Divino manifesta-se na consciência do homem naquilo que podemos chamar consciência moral. Mas se a consciência moral numa pessoa não existe — e há muitas assim, especialmente no nosso tempo — isso não significa que na alma dessa pessoa o princípio Divino esteja ausente. Significa apenas que a livre vontade desse indivíduo preferiu rejeitar o seu Eu superior e seguir o caminho do mal. Qual será o resultado desse caminho?

O resultado será a retribuição cármica da pessoa por todo o mal cometido ao longo da sua vida. Mas o castigo pelos seus pecados a pessoa receberá não de Deus, mas da lei cósmica impessoal da karma, que é o princípio regulador da própria Natureza, uma das leis cósmicas fundamentais.

É verdade que a ação da lei da karma está condicionada por outra lei cósmica — a lei das reencarnações, e é precisamente por isso que o funcionamento da lei da karma nem sempre é visível às pessoas. Por um lado, as pessoas veem um funcionário corrupto a viver na abundância, acumulando a sua riqueza à custa dos que o rodeiam, e indignam-se: «Porque não o castiga Deus?» Por outro lado, veem uma criança infeliz, nascida deficiente e abandonada pelos pais, e perguntam-se: «Por que razão Deus castigou uma criança inocente?» Não conhecendo a lei das reencarnações, não compreendem que o primeiro exemplo — o funcionário ladrão — é a causa, e o segundo exemplo — a criança nascida em circunstâncias infelizes — é o efeito de um mesmo fenómeno. Simplesmente não vemos as vidas subsequentes do ladrão e não sabemos as encarnações anteriores do sofredor.

Evidentemente, a karma realiza-se em cada caso de forma diferente. Há casos de realização imediata do castigo cármico pelos pecados. O povo apercebeu-se disso, graças ao que surgiu o sábio provérbio: «Não caves uma cova para o outro — cairás nela tu mesmo». Acontece também que, primeiro, na juventude, a pessoa é feliz e tem tudo o que desejaria. Mas chega uma certa idade — e na sua vida como que irrompe uma força hostil, trazendo consigo infortúnios, doenças, o colapso de todas as esperanças.

As variantes de realização da karma são incontáveis. Mas uma coisa permanece imutável: tanto a felicidade como o infortúnio a pessoa cria-os para si mesma na vida. Isso não lhos envia Deus!

Mensageiros de Deus

Se o princípio Divino está escondido no próprio homem, significa isso que no Universo não há ninguém mais poderoso e perfeito do que ele, não há Forças Superiores capazes de vir em sua ajuda?

Claro que há. As Forças Superiores existem e ajudam com sucesso as pessoas na sua evolução, apesar da imperfeição da natureza moral do homem. A muitos de nós aconteceu sentir que as Forças Superiores são capazes de vir em ajuda do homem, se ele for digno dessa ajuda. Mas essas forças não são

deuses, ou seja, não são seres sobrenaturais sobrenaturais. Têm uma origem tão natural como o próprio homem.

As Forças Superiores são aqueles que, em vidas passadas, foram como nós, pessoas, mas percorreram o seu caminho de evolução antes de nós e atingiram um estádio mais elevado, divino-humano, de desenvolvimento.

No cristianismo existe um conceito assim — divino-humano. Este conceito é aplicável aos grandes santos de todos os tempos e povos. Na Agni Ioga diz-se que todos os grandes ascetas e guias espirituais de diferentes países do mundo estão unidos, no plano espiritual, numa única organização para todo o mundo. Esta organização, no ensino dos Roerich, chama-se Hierarquia da Luz. No Oriente existe até um refúgio terrestre dos representantes desta organização das forças luminosas; chama-se Shambhala.

Foram precisamente os guias da Hierarquia da Luz que transmitiram ao mundo os ensinamentos da teosofia e da Agni Ioga, ou Ética Viva. Na Agni Ioga, os colaboradores da Hierarquia da Luz são também chamados Mestres espirituais da humanidade.

A maioria dos grandes ascetas do nosso planeta são colaboradores da Hierarquia da Luz. Ao deixar o plano físico de existência no fim de uma nova encarnação terrestre, as almas dos grandes ascetas unem-se no plano espiritual e, com esforços conjuntos, ajudam a humanidade a evoluir. No plano espiritual, Eles permanecem nos seus corpos superiores subtil-materiais, cuja matéria, pela sua estrutura refinada e luminosidade, representa na verdade luz viva.

Quando perguntaram a Vanga se ela tinha visto Deus, a vidente respondeu:

«Deus existe, mas não tem carne. É uma esfera ígnea ofuscante e resplandecente. Apenas luz — e nada mais».

Possivelmente, Vanga viu o próprio Cristo no Seu estado transfigurado, espiritual.

Mas, como já foi dito, os próprios representantes da Hierarquia da Luz consideram-se não deuses, mas irmãos mais velhos das pessoas, seus guias e mentores espirituais. Representam como que uma ponte, um elo de transição do nosso plano terrestre para a Realidade cósmica Superior, o princípio Divino suprapessoal e incompreensível, a Consciência Universal. Como escreveu sobre a natureza de Deus e da Hierarquia da Luz o colaborador de E.I. Roerich A. Klizovsky:

«...toda a vida multiforme do Cosmos com a Sua evolução e toda a ordem harmoniosa que observamos no universo realiza-se com a ajuda da Hierarquia. Milhões de Hierarcas de diferentes graus de poder, força e potência participam na criação e gestão do Cosmos, mas não é um só Deus que dirige isso, como erroneamente imaginam muitos cristãos».

A.I. Klizovsky.

Fundamentos da compreensão do mundo da nova era

Assim, os representantes da Hierarquia da Luz são os verdadeiros colaboradores do princípio Divino e Seus mensageiros no nosso mundo terrestre.

CAPÍTULO TERCEIRO

A ALMA NOUTRO PLANO

A Vanga eram frequentemente feitas perguntas sobre o que é a alma, o que acontece com ela após a morte, se ela se reencarna, e coisas semelhantes.

As ideias de Vanga sobre a natureza da alma merecem que nos familiarizemos com elas mais detalhadamente.

Vanga afirmava:

«Às almas que vivem no mundo além, todas têm trinta anos, estão na idade de Cristo. Têm visão, audição, paladar. Algumas delas ajudam os vivos. E as melhores voltam novamente para a Terra».

Na Agni Ioga, alma chama-se a parte potencialmente imortal da natureza do homem. Potencialmente imortal porque, embora raramente, entre a humanidade ocorrem casos

A alma e as reencarnações

em que a alma do homem morre. No ensino dos Roerich diz-se que a alma tem uma natureza complexa, composta: o espírito imortal suprapessoal, que representa um certo princípio energético universal, único para todas as formas de vida no Cosmos, e a alma individualizada, que guarda todas as características próprias do homem.

A alma guarda a memória de todas as encarnações de cada homem, sendo também o recipiente de todas as suas acumulações: espirituais, morais, cármicas.

Quando Vanga dizia que no outro mundo todas as almas têm trinta anos, não se expressou de forma totalmente precisa. A alma não pode parecer ter uma certa idade, porque pela forma representa o protótipo daquela mesma «esfera ígnea» que é Deus, apenas, claro, em forma reduzida. A alma é um aglomerado luminoso de matéria e energia subtis. E com trinta anos no outro mundo parecem as cascas, ou portadores, da alma-consciência — os corpos astrais das pessoas que passaram para lá do plano terrestre. O corpo astral do homem repete pelos contornos o seu corpo físico. Ele, ao contrário do corpo físico, não envelhece, permanecendo externamente «jovem» toda a vida.

Ao livrar-se do corpo físico esgotado após a morte, o corpo astral simplesmente permanece tal como sempre foi. Mas os parentes de pessoas recentemente falecidas veem-nas frequentemente em sonhos jovens e belas — assim elas realmente se tornam ao passar para o plano astral.

No entanto, também aqui no ensino dos Roerich nem tudo coincide com a opinião de Vanga quanto à idade dos mortos. Na Agni Ioga e noutros ensinamentos esotéricos diz-se que, no caso da morte de uma criança, o seu corpo astral permanecerá no plano astral na idade infantil, com um corpo astral infantil e consciência correspondente.

Os corpos astrais das crianças que prematuramente perderam o corpo físico permanecem algum tempo no outro mundo, enquanto a sua consciência reelabora a pequena experiência de vida terrestre que obtiveram. Depois reencarnam novamente no plano terrestre, sem esperar até «crescerem» no astral até ao nível de desenvolvimento de um adulto.

Muito frequentemente, as crianças falecidas reencarnam passados um ou dois anos na mesma família, com os mesmos pais, pois carmicamente estavam ligadas precisamente a eles e deviam viver exatamente nessa família. Há casos em que mães infelizes, que perderam um filho, sofrem um choque tão grande que recusam ter mais filhos no futuro. Isso é um erro gravíssimo! A mãe que perdeu um filho pode voltar a obtê-lo, ou seja, a mesma alma querida, carmicamente ligada a ela, noutro nascimento. Ao dar à luz outra criança, ela, num caso desses, simplesmente cria um novo corpo mais perfeito para a mesma alma. Claro que nem sempre é exatamente assim. Mas se a mãe que perdeu o filho desejar ardentemente voltar a tê-lo e a karma da própria criança o permitir — ela pode, com o seu amor, voltar a «atrair» do astral a alma dele, acelerando assim a sua nova encarnação.

A idade _____da alma

E, afinal: tem a alma uma idade? Tem!

Mas ela, ao contrário do corpo, pode ser contada num período que vai de centenas de milhares a vários milhões de anos. Afinal, a alma é a individualidade imortal do homem, una para todas as suas encarnações.

Ao famoso vidente americano Edgar Cayce, durante os seus transes, eram revelados conhecimentos sobre encarnações anteriores das pessoas que vinham às suas sessões, e entre elas havia muitos antigos atlantes. A Atlântida existiu milhões de anos atrás, a sua parte principal foi destruída há mais de um milhão de anos, e apenas o último reduto da Atlântida — a ilha de Posídonis — afundou-se no fundo do mar relativamente há pouco tempo — há cerca de 12 mil anos.

Na Agni Ioga existem os conceitos de «espíritos velhos» e «espíritos jovens». Espíritos velhos são os espíritos que há muito se destacaram do estado animal e passaram por muitas encarnações; jovens — os que recentemente passaram do reino animal para o estado humano e passaram por

poucas encarnações. Quanto mais velho o espírito, maiores são as suas acumulações intelectuais, morais e espirituais e, em regra, maiores as suas capacidades criativas.

Numa carta de 31 de agosto de 1936, E.I. Roerich escrevia:

«Precisamente a fraqueza de caráter indica a relativa juventude do espírito. Os espíritos velhos sabem o que querem e, em geral, são muito persistentes nas suas decisões e realizações».

São precisamente os espíritos velhos, que passaram por muitas encarnações e, graças a isso, adquiriram uma grande experiência de vida e acumulações criativas, que, desde que sigam o caminho do Bem, cedo ou tarde atingem a perfeição espiritual e tornam-se grandes ascetas e, depois, divino-humanos (ou, como se diz no Oriente, Arhats). Se, porém, a pessoa escolheu o caminho do mal e em muitas encarnações se «aperfeiçoou» no mal, torna-se um colaborador consciente das forças do mal, um mago negro e o antípoda do Arhat — um representante ativo das forças do mal. Este caminho para o abismo pode durar centenas de milhares de anos, mas cedo ou tarde acontece com essa pessoa o que se chama morte da alma.

Pode a alma morrer?

Vanga dizia:

«A alma não morre. Apenas as almas das pessoas más se tornam rancorosas, e não as chamam ao céu. Elas não se reencarnam».

Aparentemente, a vidente considerava que, nos casos de um estádio particularmente forte de degradação moral, a alma do homem deixa de se reencarnar na Terra e permanece no plano astral, nas suas camadas inferiores, chamadas nas religiões inferno.

Mas na Agni Ioga e noutros ensinamentos esotéricos diz-se que a alma, em casos muito raros, pode mesmo morrer, ou seja, simplesmente ser destruída. Absolutamente imortal é o espírito do homem — ele realmente nunca morre. Se a alma do homem perece, o seu espírito permanece mesmo assim imortal. Mas, no caso de perecimento da alma, a individualidade humana é destruída para sempre juntamente com todas as suas acumulações. O espírito desse indivíduo separa-se da alma e simplesmente «voa» para os espaços do Universo como um princípio suprapessoal, sem consciência individualizada.

Acontece que a morte da alma ocorre mesmo não em virtude do desejo consciente da pessoa de seguir o caminho do mal e causar dano a tudo o que a rodeia, mas em virtude da degradação moral da personalidade e da sua incapacidade de lutar contra as suas paixões inferiores.

Se a devassidão, o alcoolismo, a preguiça, o desejo de viver à custa alheia e vícios semelhantes se repetem de encarnação em encarnação, isso leva muito rapidamente a pessoa à decomposição moral, após um certo

estádio da qual se segue o colapso da consciência e a destruição da própria alma.

Evolução da alma

Para que vem a alma ao nosso mundo terrestre?

Para se tornar mais perfeita. O plano físico, com as suas energias densas e rígidas, condições de existência claramente expressas, é o melhor lugar para a evolução da alma e o desenvolvimento de todas as qualidades morais, espirituais e intelectuais do homem.

Com cada nova encarnação, a alma-consciência adquire mais conhecimentos e experiência, torna-se cada vez mais perfeita. Este é o processo de evolução. Vanga dizia:

«Com a morte morre apenas o corpo do homem, e não a alma. Aquilo que não está sujeito à morte desenvolve-se e atinge um estado mais elevado.

Isso acontece aproximadamente assim: primeiro morres como analfabeto, depois — como estudante, em seguida — como pessoa com ensino superior, depois como cientista, etc. Este é o caminho da alma...»

De onde e como vem a alma

Outra questão interessante — de que forma ocorre a encarnação da alma no corpo físico do bebé? Quando isso acontece? Vanga respondeu a esta questão assim:

«De onde vem a alma? Ela desce do céu, do cosmos, por um raio de sol e penetra na criança no ventre da mãe. Ele começa a viver uma vida independente, embora o cordão umbilical ainda não tenha sido cortado.

Quando isso acontece, quando se acende esta faísca? 21 dias antes do nascimento. Não nos é dado saber exatamente como vem esta faísca, como entra no corpo humano, mas se isso não acontecer, a criança nascerá morta».

Elena Ivanovna Roerich expressou sobre isso uma opinião diferente. Respondendo a uma pergunta de um dos seus colaboradores sobre abortos, ela escreveu sobre a encarnação da alma o seguinte:

«Também tocou corretamente a questão dos abortos. Esta questão é muito oportuna, pois agora se espalha tanta literatura repugnante sobre isso e até com a bênção de pastores espirituais, alguns dos quais se pronunciaram abertamente a favor da prevenção de nascimentos.

Cito linhas do Ensino: «O espírito recebe ligação com o feto no momento da conceção. Começa a entrar a partir do quarto mês, quando se formam os primeiros canais nervosos e cerebrais. A afirmação da coluna vertebral cria o próximo degrau de domínio. Notável é o momento do nascimento, quando a consciência do espírito se acende intensamente e depois se funde na matéria.

Houve até casos de pronúncia de palavras. O domínio definitivo do corpo ocorre aos sete anos de vida da criança». Também se diz que «como a fome impulsiona para a comida, assim o espírito voa para a encarnação, pois só a matéria dá novos impulsos». Consequentemente, não é difícil imaginar quantos sofrimentos causa ao espírito, pronto para a encarnação, a interrupção violenta da sua vida já iniciada ou mesmo apenas a prevenção da conceção do espírito atraído pela karma. Que karma pesada preparam para si os pais ignorantes e criminosos ao destruir o feto!»

Roerich E.I. De uma carta de 19.06.33

Reencarnação

Vanga, com base nas suas visões, afirmava que a reencarnação é absolutamente real.

Sobre reencarnações e sobre o outro mundo, Vanga conversava frequentemente com o seu antigo amigo, o professor

D. Filipov. Pelas suas recordações, Vanga até lhe disse uma vez que, numa das vidas anteriores, ela fora filha de um faraó e tinha uma irmã. Na nova encarnação, a sua mãe — a antiga faraó — viveu durante longos anos junto à catedral de Notre-Dame de Paris. Durante algum tempo, a sua alma chamava Vanga para ir a Paris, para se encontrarem...

Sabe-se que Vanga nunca saiu da Bulgária para lado nenhum. Na verdade, ela nem aspirava a isso. Apenas uma vez na vida a profetisa desejou ir a Paris, para visitar Notre-Dame. Porque sonhava visitar a catedral de Notre-Dame torna-se claro a partir da sua conversa com o escritor L. Georgiev (sobre isso escreveu nas suas recordações também o professor Filipov). Vanga contou-lhe sobre um dos seus sonhos:

«Sonhei com a Virgem Maria, que disse: «Vem a Paris a 2 de maio. Encontra a grande catedral de Notre-Dame, e lá, junto ao ícone da direita, uma faraó falará com a tua alma». O que ela me dirá, a Virgem Maria não comunicou. Mas eu sei que devo ir a Paris».

Ao mesmo tempo, Vanga descreveu a capital de França, completamente desconhecida para ela, nomeou as ruas e praças da cidade, e as suas principais atrações. Mas, infelizmente, o seu sonho não se realizou. Naqueles anos, as autoridades búlgaras não deixaram Vanga sair do país. Mais tarde, ninguém impediu a sua saída para o estrangeiro, mas Vanga disse que a sua mãe, nessa altura, já vivia noutro lugar, algures no sul de França.

Possivelmente, aliás, Vanga lembrava-se não só da sua encarnação como filha de um faraó. Aos seus próximos ficou gravada uma das frases mais misteriosas de Vanga:

«Tenho três nomes. Um — Vanga, outro — Petka, e o terceiro ainda é desconhecido para ninguém».

Petka, na Bulgária, chamam à santa que viveu no século XI — na Rússia é conhecida como Santa Parasqueva. Sabe-se também que Vanga amava muito a santa Petka, e o templo construído com o dinheiro de Vanga em Rupite — a localidade onde ela vivia — foi nomeado em honra da santa Petka.

Quem e como se reencarna

A vidente búlgara considerava — ou, pelo menos, as suas palavras foram assim compreendidas pelos que a rodeavam — que no plano terrestre regressam as almas apenas das pessoas melhores do ponto de vista espiritual e moral, para completar a missão da sua vida passada.

As palavras de Vanga sobre reencarnações foram transmitidas assim:

«A reencarnação existe, mas não afeta todas as almas. À Terra regressam apenas as mais bondosas e melhores».

A esmagadora maioria dos terráqueos reencarna; mas entre eles, infelizmente, há longe de serem apenas os melhores, como disse Vanga.

As almas de pessoas pouco desenvolvidas, grosseiras, egoístas também regressam à Terra, para nas suas encarnações subsequentes experimentarem em si mesmas as consequências kármicas dos próprios pecados. Elas frequentemente nascem deficientes, tornam-se órfãs na primeira infância, constituem as camadas mais pobres da população do nosso planeta, às quais é mais difícil viver. As pessoas que enriqueceram na vida passada por caminhos desonestos, funcionários corruptos e ladrões de todos os tipos, nas suas novas encarnações tornar-se-ão pobres coitados, obrigados não só a suportar um trabalho escravo por trocos, mas também a experimentar constantes humilhações e opressões por parte de ricos igualmente arrogantes, dotados de poder, que foram eles mesmos na sua vida passada.

À quota dos «devedores kármicos» cabe uma grande quantidade de sofrimentos, e porquê — eles não compreendem, pois não conhecem a lei das reencarnações e a sua condicionamento kármico. Num dos livros teosóficos, publicados no século XIX, dizia-se que, se os membros do parlamento inglês, que aprovam leis injustas prejudicando os interesses dos desfavorecidos, soubessem que, como castigo kármico por isso, eles mesmos na vida seguinte nascerão nos bairros mais pobres de Londres, cuidariam de tornar a vida das camadas mais pobres da população no seu país menos pesada.

VIDAS PASSADAS

VANGA SOBRE REENCARNAÇÕES

Apesar de Vanga saber sobre reencarnações e, se quisesse, poder «ver» as circunstâncias da vida passada de uma pessoa, ela não gostava de contar às pessoas sobre as suas vidas passadas, mesmo quando lho perguntavam.

São conhecidas as seguintes palavras de Vanga:

«Muitos perguntam: «Diz-me, quem fui eu na vida passada?» Eu respondo: «E quem disse que tiveste uma vida passada?» Outros interessam-se: «Quem serei eu na vida seguinte?»

Digo-lhes: «E de onde se sabe que terás outra vida? Pensa melhor na presente, em como te tornares melhor».»

Vanga procurava claramente fazer compreender às pessoas que devem pensar não nas encarnações passadas ou futuras, mas na vida atual. A mesma posição nesta questão era tomada pelos autores da Ética Viva. No ensino dos Roerich também se diz que se deve pensar o menos possível nas vidas passadas e o mais possível na própria existência presente. Os criadores da Agni Ioga sublinhavam o facto de a natureza não ter escondido por acaso do homem a memória das suas existências anteriores. Este conhecimento, sem prejuízo para o desenvolvimento espiritual, só pode ser acessível a pessoas espiritualmente preparadas, que sempre foram minoria. Se pessoas de baixo nível de desenvolvimento souberem da sua vida passada, isso não lhes trará nada de bom. Eis como explicava isso E.I. Roerich:

«Agora, quanto às encarnações, o conhecimento prematuro delas é muito prejudicial para o espírito ascendente; por isso elas são tão sabiamente ocultadas pela Natureza, que age sempre e em tudo pela lei da OPORTUNIDADE.

Frequentemente, o conhecimento prematuro das suas encarnações pode parar a ascensão ulterior, pois pode lançar o espírito num abismo de desespero, no caso de revelação de alguma traição no passado, ou reforçar a presunção, uma das qualidades mais obstaculizadoras no caminho do discipulado. Por isso se deve abençoar o sábio véu do mistério, tanto mais que no lugar da ascensão o espírito mesmo remove este véu, vê as suas encarnações e o seu sentido torna-se-lhe compreensível. Pode-se frequentemente encontrar desonestos ou autoenganados mentirosos, que se atribuem grandes encarnações. Por isso tantos Júlios Césares, Tamerlões, Aspásias, Semíramis, Cleópatras e assim por diante, visitam simultaneamente a nossa Terra».

Roerich E.I. De uma carta de 12.04.35

Sobre encarnações passadas, Vanga falava também com o escritor V. Sidorov e com a sua jovem amiga Ludmila Jivkova. No seu ensaio «Ludmila e Vangelia», V. Sidorov citava um fragmento da sua conversa com Vanga, na

qual estava presente — como interlocutora e como tradutora — Ludmila Jivkova.

«— Quando escreveres sobre a Bulgária, — recomendava-me Vanga, — tem Ludmila em mente.

(Na verdade, eu tentava seguir este conselho, trabalhando neste ensaio.)

— Vocês estavam ligadas no passado, — informou-nos Vanga. — Encontravam-se ao mesmo tempo junto ao santo Sérgio. No seu mosteiro.

E exclamou, arrebatada pela imagem do passado ressuscitado:

— Ai-ai! Vejo-te, — isto para Ludmila. — És oficial. Tens uma alma russa. O exército avança como uma chama, e os guerreiros como línguas dessa chama. Ai-ai, a alma russa avança e nada teme.

E novamente para Ludmila:

— Estarás sempre com a Rússia. Para ti, a Rússia é tudo. Devem aparecer outras mulheres parecidas contigo. Elas ainda não vieram do céu. Mas em breve virão e ajudarão a Terra.

Esta conversa ocorreu nos antigos aposentos reais sob Sófia, um ano depois do nosso primeiro encontro. Foi precisamente ela, sem suspeitar que seria a última, que gravámos em fita magnética».

Sidorov V.M. «Ludmila e Vangelia»

Memória de vidas passadas

Apesar de, na esmagadora maioria das pessoas, a memória de vidas passadas estar bloqueada, periodicamente, em diferentes países do mundo, aparecem pessoas que, por alguma razão, se lembram das circunstâncias das suas encarnações anteriores. Frequentemente, o principal impulso para o despertar dessas recordações é uma doença grave ou um trauma perigoso. Após o choque físico e psíquico sofrido, no supraconsciente do homem como que se derrubam certas barreiras e a informação sobre encarnações passadas torna-se-lhe acessível, por vezes juntamente com habilidades características que lhe eram próprias nas vidas passadas — por exemplo, o conhecimento da língua do país em que viveu então.

Casos interessantes de despertar da memória sobre encarnações anteriores foram descritos nas suas cartas aos colaboradores por E.I. Roerich.

«...Os nossos jornais locais estão cheios de notícias sobre um caso notável que confirma a doutrina da reencarnação. Assim, uma pequena menina de oito anos, que vive em Deli, lembra-se da sua vida passada. A casa do seu pai, comerciante de manufaturas, tornou-se agora um lugar de peregrinação. De todos os cantos da Índia acorrem multidões para ver esta menina, que aos olhos deles é a encarnação de Devi — a deusa, pois quem além de Devi pode lembrar-se das suas encarnações? Desde os quatro anos que ela contava sobre a sua vida passada, mas os familiares não ligavam nenhuma atenção a

isso, até que o antigo diretor da escola local soube. Ele interessou-se tanto pelos dados invulgares fornecidos pela menina que decidiu verificá-los. A menina Shanti deu-lhe o nome do seu antigo marido e dos seus antigos familiares, bem como o nome da cidade onde antes vivia, descreveu todos os edifícios notáveis dela e também comunicou uma massa de pormenores da sua vida passada, nomeadamente que morreu pouco depois do parto, quando o filho nascido tinha apenas dez dias. O professor da escola escreveu tudo isso para o endereço indicado, e qual não foi o espanto quando veio a resposta do antigo marido, e depois ele próprio chegou com o filho, que já tinha 11 anos, para visitar a sua antiga mulher.

A menina reconheceu-os imediatamente e chorou durante muito tempo ao olhar para o filho. Ela mencionou vários casos da sua vida em comum, que foram confirmados pelo marido. Também lhe comunicou que num canto da casa dele em Muttra ela tinha enterrado 100 rupias para as oferecer à deusa, se a criança, no nascimento da qual morreu, sobrevivesse. Como a menina insistia tanto para que a levassem à cidade onde antes vivia, à sua antiga casa e aos antigos pais, decidiu-se satisfazer o seu desejo, mas para isso combinaram todos não dizer à menina quando o comboio se aproximasse daquela estação.

Reuniu-se um grupo inteiro de pessoas interessadas neste fenómeno para a acompanhar, e os nomes de todos eles são citados no jornal. Claro que, assim que o comboio começou a aproximar-se da estação de Muttra, a menina reconheceu-a alegremente e apressou-se. Depois alugou-se um tonga (carroça) e disse-se ao cocheiro para seguir as indicações da menina. Os acompanhantes queriam convencer-se de quão bem ela se lembrava da localidade. A menina, sem a mínima hesitação, indicou a direção e todas as viragens, assinalando pelo caminho as mudanças que ocorreram nos 11 anos decorridos desde o dia da sua morte, e todas elas se revelaram completamente exatas.

Ao chegar a um beco sem saída, disse que ali se devia descer e ir por uma ruela estreita que levava à sua casa. Entre a multidão que viera vê-la, reconheceu imediatamente todos os seus familiares, chamando-os pelos nomes. Na casa, foi para o quarto onde estavam enterrados os seus dinheiros, e os dinheiros foram encontrados ali mesmo. O jornal cita ainda muitos pormenores contados por ela, que todos foram verificados. A menina conta também que, antes de nascer em Deli, nasceu noutro lugar, mas morreu aos dois anos e meio.

Os mesmos jornais noticiam ainda outro caso notável com uma camponesa, ocorrido na Áustria. Esta rapariga adoeceu com febres altas e, ao recuperar, começou a afirmar que era espanhola e que antes vivia em Madrid, onde era vendedora de legumes no mercado municipal. Mas o mais interessante é que se lembrou da língua espanhola e, ao mesmo tempo, não esqueceu o alemão e tem plena consciência da sua encarnação presente.

Assim se realiza aos nossos olhos a aproximação dos mundos, e muitas crianças semelhantes com recordações de vidas passadas virão à Terra.

E na nossa região conhecemos uma família cujo menino de cinco anos afirma constantemente que os seus pais não são os verdadeiros e que antes ele era um lama[1] e vivia num mosteiro. Frequentemente, este menino foge de casa em busca do mosteiro, e invariavelmente é encontrado a caminhar com um pequeno embrulho às costas na direção do Pequeno Tibete. No embrulho mete apenas livros sagrados.

O primeiro caso é descrito no jornal inglês da Índia de 29.XI.1935, intitulado «The Civil and Military Gazette».

Roerich E.I. De uma carta de 12.12.35

A doutrina das reencarnações no cristianismo primitivo

Afirmações de que o homem vive no mundo não uma vez, mas vem à Terra periodicamente, existem em muitas religiões. Estava também no ensino primitivo de Cristo. A doutrina das reencarnações foi retirada dos principais preceitos (dogmas) do cristianismo ortodoxo pela vontade dos representantes da Igreja. O que é que ela incomodava os clérigos — só se pode conjecturar. Mas até ao ano 553 da nossa era, os conhecimentos sobre reencarnações estavam presentes na religião cristã e todos os cristãos sabiam que já tinham vivido neste mundo e que, após a sua morte, reencarnariam novamente na Terra.

[1] Lama — sacerdote do lamaísmo, forma tibetana do budismo. — Nota da red.

A quais palavras de Cristo, que testemunham que Ele partilhava o antigo ensino sobre reencarnações, se refere E.I. Roerich? Sobre isso, Elena Ivanovna escrevia noutra carta sua:

[1] Gnosticos — seguidores do gnosticismo, ensino religioso-filosófico que partilhava muitos preceitos do cristianismo. — Nota do autor.

E.I. Roerich escrevia sobre a anulação da doutrina da reencarnação no cristianismo eclesial o seguinte:

«...a doutrina da reencarnação foi anulada apenas em 553 pelo R. C. no segundo Concílio de Constantinopla. Assim, a doutrina do pré-existência da alma e dos seus regressos sucessivos à Terra tornou-se «heresia» no cristianismo oficial apenas no século VI pelo R. C.; antes disso, era tolerada e aceite por aqueles clérigos que estavam especialmente próximos dos gnosticos[1]».

Roerich E.I. De uma carta de 08.10.35

«...E quantas afirmações nos Evangelhos sobre a reencarnação: precisamente, nas palavras do próprio Cristo. Grande pecado tomaram sobre si

os pais da Igreja ao retirar da consciência da grey que lhes fora confiada esta lei da Justiça Superior».

Roerich E.I. De uma carta de 17.10.35

«Escreve que «não há nada de espantoso em que Cristo não achasse possível comunicar esta verdade (a lei da reencarnação) a mentes humanas despreparadas de forma direta e aberta». Mas parece-me que seria mais correto dizer que, embora a lei da reencarnação fosse a pedra angular de cada antiga religião do Oriente e, claro, a religião dos judeus não fosse exceção, já nos dias de Jesus esta lei sofrera distorções pelas mãos dos príncipes da religião e se conservava na sua pureza original apenas entre seitas isoladas. Nos Evangelhos, nas palavras do próprio Cristo, temos testemunhos suficientes do conhecimento desta lei pelos judeus. Assim, no Evangelho de Mateus, cap. 17, vers. 10-13: «E os seus discípulos perguntaram-Lhe: 'Porque dizem então os escribas que Elias deve vir primeiro?' Jesus respondeu-lhes: 'Em verdade, Elias deve vir primeiro e restaurar tudo; mas eu digo-vos que Elias já veio, e não o reconheceram, e fizeram com ele o que quiseram; assim também o Filho do Homem padecerá às mãos deles.' Então os discípulos compreenderam que Ele lhes falava de João Baptista».

Evangelho de João, cap. 9, vers. 1-3: «E, passando, viu um homem cego desde o nascimento. Os seus discípulos perguntaram-Lhe: 'Mestre! Quem pecou, ele ou os seus pais, para que nascesse cego?' Jesus respondeu: 'Nem ele pecou nem os seus pais, mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus'». De facto, como poderia um cego de nascença ser castigado pelos seus pecados, se não existisse a lei da reencarnação? Há ainda passagens muito claras, mas Vós próprios achareis interessante encontrá-las».

Roerich E.I. De uma carta de 08.02.34

Nas cartas de E.I. Roerich e no ensino da Agni Ioga, o fenómeno das reencarnações é considerado sob todos os aspetos. A todas as questões relacionadas com a doutrina das reencarnações, nestas fontes são dadas respostas interessantes e compreensíveis.

Citamos apenas algumas delas.

Para que servem as encarnações no plano terrestre

Pode-se colocar a questão: se a alma pode ter existência consciente no Mundo Subtil após a morte do corpo, então para que precisa o homem de encarnações no plano terrestre? Porque não aperfeiçoar a sua natureza nas esferas superiores de ser?

Mas na Ética Viva diz-se que precisamente o plano terrestre é o melhor lugar para o homem desenvolver todas as qualidades da sua alma. Apenas o plano terrestre, com a rigidez das suas condições, a intensidade de todas as vicissitudes da vida, as fronteiras nítidas do espaço e do tempo, a delimitação clara entre o Bem e o mal, serve de arena ideal para revelar todas as propriedades ocultas do caráter do homem. Há ainda outra importante

diferença entre a existência no plano físico e a existência desencarnada nos limites do outro mundo. No Mundo Subtil, o homem pode apenas aplicar com sucesso tudo o que apreendeu na Terra, mas começar ali algo novo, para um homem que não atingiu um elevado nível de desenvolvimento espiritual, é praticamente impossível. Apenas na Terra pode ele apreender algo novo ou aperfeiçoar cardinalmente as suas antigas posições morais; no pós-morte, resta-lhe apenas seguir o caminho já trilhado nas direções lançadas durante a vida terrestre. Como escrevia E.I. Roerich:

«As pessoas podem aplicar ali tudo o que acumularam na Terra, mas aparecer ali com aquisição nova de conhecimentos, se não aspiraram a isso estando na existência terrestre, é quase impossível. Mas na Terra, como no Cadinho, as energias mais diversas chocam-se, atraem-se e manifestam-se na purificação e transmutação em energias mais perfeitas, ou subtis, sob a ação do fogo do espírito despertado.

Dessas colisões e uniões inesperadas de diversas energias nascem novas energias, que trazem nova criatividade, novas possibilidades. A Terra é o lugar de prova, de redenção e de grande criatividade; o lugar do Último Julgamento, pois aqui se realiza a grande seleção. Recordai, minha querida, que só na Terra podemos adquirir e assimilar novas energias ou renovar a composição das nossas energias, os budistas diriam — as nossas dharmas. Por isso se deve acolher cada encarnação, mas não evitá-la.

Se as pessoas soubessem como trabalharam os Grandes Espíritos, assumindo sobre Si as encarnações mais difíceis, as mais pesadas, frequentemente já desnecessárias para Eles, mas tão vivamente necessárias para os terráqueos, para os salvar da destruição, da captura nas redes de Satã!»

Roerich E.I. De uma carta de 28.06.48

O número de encarnações necessárias para atingir a perfeição e completar o ciclo terrestre da evolução do homem

Entre as pessoas familiarizadas com a doutrina das reencarnações, surge frequentemente a questão: quantas encarnações precisa a alma do homem de percorrer para se tornar perfeita e passar para um degrau mais elevado de evolução — o degrau de Arhat, ou divino-humano? E.I. Roerich respondeu a esta questão assim:

«O número de encarnações necessárias para o aperfeiçoamento do homem, para o seu avanço ulterior ou para terminar o caminho terrestre na evolução, está condicionado pelo seu impulso, vontade e energia. Energia e Vontade — os senhores do Destino-Karma».

Roerich E.I. De uma carta de 28.06.48

Ou seja — tudo é individual e depende da livre vontade do homem e do seu desejo ou não desejo de se aperfeiçoar. A alguém bastam trinta

encarnações para se tornar Arhat, enquanto outro caminhará para isso durante mil vidas.

Da vontade do homem e do seu desejo de se aperfeiçoar dependem também os prazos de permanência da sua alma no Mundo Subtil nos intervalos entre encarnações.

À questão de através de quanto tempo ocorre a nova encarnação do homem, o ensino da Ética Viva responde assim:

«Se alguém afirmar que as encarnações podem ser através de três mil anos, estará tão certo como aquele que afirma o prazo de três meses».

«Sinais de Agni Ioga», 333

O caminho da evolução cósmica da alma é muito longo e difícil. O ciclo de reencarnações, destinado a transformar um primitivo selvagem grosseiro em divino-humano, dura milhões de anos.

O objetivo da alma durante as suas peregrinações é acumular o máximo de experiência e conhecimentos possível, elaborar em si qualidades morais e espirituais positivas, que também não desaparecem com a morte do corpo, mas são transferidas pela consciência-alma indestrutível para uma nova encarnação do indivíduo. A alma do homem encarna em épocas diversas em países e povos diferentes.

As encarnações femininas alternam com as masculinas. Na Agni Ioga diz-se que, no âmbito de um só sexo (feminino ou masculino), costumam ocorrer não menos de três e não mais de sete encarnações consecutivas. Depois, o sexo da personalidade em que se encarna a alma muda.

O objetivo do ciclo de reencarnações

O objetivo das reencarnações da alma é o desenvolvimento omnilateral de todas as qualidades e possibilidades que tem no seu potencial, o atingir por ela da perfeição. Durante o ciclo de nascimentos, o homem desenvolve gradualmente em si todas as possibilidades criativas lançadas nele pela natureza.

Aperfeiçoando-se nas mais diversas esferas de atividade, manifestando o potencial do seu espírito em diferentes áreas da vida, adquire conhecimentos e desenvolve as suas capacidades espirituais e criativas.

A dissimilitude das diversas encarnações do mesmo indivíduo, a diversidade das esferas de manifestação do potencial criativo da alma — é condição obrigatória das reencarnações.

Nos textos da Agni Ioga a este respeito diz-se:

«Ser em todas as encarnações (tendo acumulações) apenas, digamos, grande poeta é absurdo. Isso equivale a desenvolver apenas uma mão,ou uma orelha, ou um dente. O objetivo de Skanda é dar a combinação de capacidades necessárias para o desenvolvimento de certas propriedades e a acumulação e

deposição de certa experiência. Podem aproximadamente repetir-se, se a lição nessa encarnação não foi aprendida. Combinações idênticas em duas ou várias encarnações não existem»

«Grãos de Agni Ioga», vol. 4, 25

Ao mesmo tempo, os autores dos «Grãos de Agni Ioga» notam que «as conquistas permanecem para sempre como propriedade inalienável do espírito por todos os tempos. Mas devem ser desenvolvidas e polidas todas as quarenta e nove facetas[1] do microcosmo humano. (...)

As encarnações são diversas precisamente para realizar este objetivo». («Grãos de Agni Ioga». Vol. 4, 25.)

[1] Como notava E.I. Roerich, o número total de centros energéticos do homem é igual a quarenta e nove.

O significado evolutivo das reencarnações

«Meu Filho, hoje tocaremos a questão da reencarnação e aprofundá-la-emos. O diamante é polido pelas facetas, senão não se tornará brilhante e não dará fogos. Cada encarnação tem como objetivo polir uma determinada faceta. Se ela não se termina nessa encarnação, a lição repete-se. O corpo deve ser perfeito para revelar todas as particularidades do espírito. Mas o corpo carrega em si a herança e muitas particularidades dos pais terrestres, e não existem corpos que correspondam idealmente ao espírito que nele se encarna. Ao espírito, especialmente ao altamente desenvolvido, é apertado na sua casca, pois não pode expressar nela todas as suas acumulações. Um músico genial na vida subsequente, no novo corpo, já não o será, e para os objetivos do desenvolvimento omnilateral da sua essência isso não é necessário, pois novas propriedades da sua natureza devem manifestar-se e aperfeiçoar-se nele».

«Grãos de Agni Ioga», vol. 2, 311

Os autores do Ensino da Vida, como também se chama a Agni Ioga, sublinham a importância do conhecimento da existência das reencarnações para a evolução espiritual do homem e para a compreensão por ele do objetivo da sua vida. A questão retórica do poeta: «Dons inúteis, dons casuais, vida, para quê nos foste dada?» permanece atual para muitos dos nossos contemporâneos. Se se estiver convencido de que ao homem é dada apenas uma única vida, para além da qual o espera novamente a desconhecida, então a vida perde realmente o seu sentido. Mas o conhecimento da lei da reencarnação arma o homem com a compreensão do porquê da sua presença na Terra, do que causam as circunstâncias da sua vida presente e do que o espera adiante, para além da linha da existência terrestre.

A personalidade torna-se plena quando são compreendidos o sentido e o significado da sua existência e a ligação com a Individualidade[1]. Uma existência com sentido ou sem sentido e sem objetivo depende disso. Enquanto não for aceite a reencarnação, a humanidade não sairá do círculo

fechado de contradições absurdas. Compreendem que a semente contém em si a forma vital da planta, mas não compreendem o mesmo ao aplicar ao grão do espírito. De onde vêm as capacidades de um músico genial em pais não geniais e a ausência de genialidade nos descendentes de um génio.

«Grãos de Agni Ioga», vol. 4, 561

Outro significado evolutivo das reencarnações — a constante mudança de corpos, personalidades e diferentes circunstâncias da vida não permite que o espírito-consciência do homem se petrifique na imobilidade do habitual:

«A lei da reencarnação protege sabiamente o homem do apego às mesmas condições de vida. É necessária a mudança de todos os corpos e a renovação das condições. Dar ao homem um corpo imortal significa condenar o espírito à petrificação. Mesmo numa curta vida terrestre, muitos conseguem enraizar-se tanto nas condições e no ambiente que os rodeiam que, no Mundo Subtil, são imóveis, semelhantes a toros de madeira, presos ao seu entorno. Estar não deste mundo significa o estado de não apego às condições temporárias da vida e a liberdade do espírito, que vive no seu próprio mundo, separado do mundo denso pela esfera da liberdade».

«Grãos de Agni Ioga», 1958, 843

A conclusão que se pode tirar de tudo o que foi dito sobre as encarnações é óbvia: as reencarnações são uma condição imprescindível criada pela própria Natureza para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da alma humana, para a sua evolução cósmica.

CAPÍTULO QUARTO

CARMA E DESTINO

DE ONDE VEM O DESTINO

Um dos problemas mais amaldiçoados da existência humana, que nos preocupa a todos, é o problema do destino.

Muito frequentemente perguntavam a Vanga sobre as causas das vicissitudes do destino, sobre por que razão os infortúnios atingem pessoas aparentemente boas e poupam as más. Perguntavam também à vidente de que depende o destino e se é possível alterá-lo.

Eis o que respondia Vanga a estas questões.

«Cada um vem a este mundo com o seu destino. A cada um cabe na vida tanto o bom como o mau».

«Aquilo que vejo, por mais horrível que seja, não pode ser alterado. Ninguém foge ao destino».

«Eu assumo sobre mim os sofrimentos de todas as pessoas, mas não posso nem ouso explicar-lhes, pois uma voz severa avisa-me constantemente

para não tentar explicar tudo, porque as pessoas merecem a vida que lhes cabe.

Aquilo que prevejo, mau ou bom, não pode ser alterado. A vida humana está traçada de uma vez por todas, e ninguém a pode mudar».

O que é, então, o destino? Porque não se pode fugir dele, por mais horrível que seja?

Na filosofia indiana existe o conceito de karma. Karma são as consequências dos atos maus e bons realizados pelo homem no passado (incluindo em encarnações anteriores). Nas reencarnações, a alma do homem é acompanhada não só pelos conhecimentos e experiência obtidos durante as existências terrestres, mas também por energias subtis que guardam em si a informação sobre os atos bons e maus que cometeu em vidas passadas. Este «dossier» cósmico codificado segue o homem de encarnação em encarnação juntamente com a sua alma, localizando-se no campo energético — a aura — que rodeia o seu corpo subtil indestrutível. Ao encarnar a alma no embrião do futuro homem, as energias da karma participam ativamente na formação do corpo do feto.

E se, de vidas passadas, o homem traz sobre si a karma de crimes graves, se é culpado da morte ou dos infortúnios de pessoas inocentes, a sua karma pode, já no ventre da mãe, formar o corpo físico do futuro homem de tal modo que ele nasça deficiente ou com um conjunto de doenças congénitas. Do mesmo modo se determina o futuro destino do homem. Se alguém, numa vida passada, matou alguém para se apoderar da sua riqueza — o devedor cármico, numa nova encarnação, será ele próprio morto, e não necessariamente a retribuição será cometida por aquele que sofreu com ele na vida passada. Quem enganou alguém será enganado, quem viveu desonestamente tornar-se-á obrigatoriamente vítima de um grande roubo ou de outra maquinação que cause um dano irreparável ao seu bem-estar. Assim são as leis cármicas.

A karma é, antes de mais, energia, cujas leis de ação se assemelham muito à lei da inércia. Se se travar bruscamente, o carro em movimento continuará a avançar várias dezenas de metros — será arrastado pela força da inércia.

O mesmo acontece com a energia da karma — ela também «arrasta» o seu portador — o homem que criou as causas cármicas — na direção traçada pela sua karma, por mais que ele tente evitar as consequências indesejadas para ele. É por isso que se diz que «do destino não se foge». O mesmo afirmava Vanga.

O ensino da Agni Ioga sublinha o caráter natural, e não místico, da lei da karma:

«O leviano pode conhecer a consequência num exemplo simples. Que ate firmemente à parede um elástico e, de olhos fechados, puxe-o com toda a força — não será um hematoma sobrenatural que resultará».

«Hierarquia», 299

Vanga repetia várias vezes que qualquer mal cometido pelo homem em relação a outras pessoas ou mesmo à natureza regressará a ele sob a forma de infortúnios na sua própria vida.

«Quem rouba, queixa-se da saúde», — dizia a vidente.

Por estranho que pareça, havia pessoas que, ao ir a casa de Vanga para pedir conselho, tentavam roubar algo da sua casa, aproveitando a sua cegueira.

Sobre essas pessoas, Vanga também dizia: «Quem rouba, pensando que eu não vejo, esse não verá misericórdia de Deus».

A vidente búlgara repetia constantemente aos que a rodeavam que, para se sentir feliz e evitar infortúnios, é preciso ser mais bondoso com as pessoas. Além disso, dizia que a karma de atos negativos pesa não só sobre o próprio pecador, mas também sobre os seus descendentes:

«Sejam mais bondosos, para não sofrerem mais; o homem nasceu para atos bons. Os maus não ficam impunes. O castigo mais cruel espera não aquele que causou o mal, mas os seus descendentes. Isso dói ainda mais».

A profetisa sublinhava repetidas vezes que a ausência de retribuição pelo mal causado a outras pessoas é apenas uma questão de tempo. Qualquer ato mau, cedo ou tarde, regressará ao homem sob a forma de infortúnios e desgraças. E não necessariamente numa encarnação futura, mas também na presente.

Segundo as palavras de Vanga, vendo muitos canalhas que vivem neste mundo muito bem, as pessoas frequentemente se indignam com o facto de os miseráveis e ladrões viverem à grande, desfrutando de todos os bens da vida.

E parece que na Terra não existe retribuição por todos os pecados e mal cometidos pelo homem na vida. Mas, na realidade, não é assim; cedo ou tarde, a retribuição chega: ora a casa do ladrão arde, ora o filho adoece com uma doença incurável. A retribuição chega também na vida terrestre!

São conhecidos muitos casos em que Vanga, com a ajuda da clarividência, determinava as causas dos infortúnios na vida das pessoas, e essas causas revelavam-se ser a karma negativa da própria injustiça delas em relação a outras pessoas. Assim, um homem veio ter com Vanga para saber porque morriam todos os seus filhos um atrás do outro. Dos 11 filhos, nenhum sobreviveu. Vanga lembrou-lhe um episódio da sua juventude: a mãe engravidara já em idade avançada, e o jovem, por algum motivo, começou a envergonhar-se desse facto e, por causa disso, um dia ofendeu cruelmente a

mãe. Pouco depois, a mãe e o seu filho morreram. Passaram muitos anos, o filho ingrato esqueceu-se desse caso.

Mas precisamente isso, segundo as palavras de Vanga, foi a causa do seu infortúnio — a natureza vingou-se dele por ter insultado o que sempre foi considerado sagrado — a maternidade. A esse homem, Vanga disse:

«Deves saber que a causa da tua desgraça não está na mulher. É preciso ser sempre bom, e então não sofrerás nem receberás castigos toda a vida».

Amigos e inimigos

Os problemas mais sérios nas relações entre as pessoas são, em regra, resultados de ligações cármicas de vidas passadas. Como se diz na Agni Ioga:

«Nunca aconteceu que a velha aura de encarnações anteriores não cansasse. Especialmente quando a karma traz companheiros não muito agradáveis. Mas quando cada encontro termina, surge o alívio, como se fosse devolvida uma propriedade alheia. Não menos de metade de todos os encontros terrestres ocorre de encarnações anteriores. Pode-se imaginar bonecos de cortiça que se prendem sob a pressão de uma energia superior de eletricidade».

«Sinais de Agni Ioga», 238

«Aceita a notícia dos companheiros manifestados pela vida. Todas essas velhas encontros em novas condições são apenas a continuação das antigas, estabelecidas no passado. Se foi amigo, encontras o amigo; se foi inimigo — o inimigo. E novamente as relações que continuam estabelecem-se para um futuro distante. É preciso tecer com muito cuidado novas fios, pois cada uma vai para o futuro e com cada uma terás de te defrontar, continuando-a a partir do ponto interrompido. Os fios não se interrompem, mas o contacto com elas é intermitente. Pela tua relação com as pessoas preparas para ti amigos ou inimigos. Colhes a ceifa da tua própria sementeira. Sem amigos e sem inimigos não se pode passar — encontrarás tanto uns como outros.

Não tem significado particular para a afirmação das ligações cármicas o modo como se relacionam amigos e inimigos, mas a tua relação com eles é extraordinariamente importante, pois é essa relação que constitui a base das cadeias cármicas que ligam os espíritos e os atraem magneticamente uns aos outros. Se, graças à tua consciência ampliada, o inimigo que se aproxima de novo já não tem em ti nada[1], a ligação cármica cessa, e a cadeia rompe-se. Frequentemente pode-se observar o fenómeno de que os que se encontram, passado algum tempo, como que se esgotam mutuamente. Isso também é sinal de que os seus caminhos se separaram. Não poucos entre os que se cruzam são transeuntes. Essas encontros são carmicamente pouco significativos. Com os transeuntes não se deve gastar tempo nem forças».

«Grãos de Agni Ioga», vol. 2, 298

Como e com que se cria a carma

Em princípio, que cada homem tem um destino, ou algo que «está escrito no berço», sabia a sabedoria de todos os povos do mundo. E todos os povos do planeta sabiam que o seu destino não se pode mudar — ele encontrará em todo o lado. O provérbio francês diz: «Quem está destinado a ser enforcado, não se afogará». Nesta expressão meio brincalhona também se esconde uma grande verdade: as principais circunstâncias da vida do homem formam-se por premissas claramente delineadas, criadas por nós mesmos no passado.

Mas viemos a este mundo não só para liquidar dívidas cármicas do passado, mas também para criar karma para o futuro. Criamos a nossa karma a cada minuto. Ao pagar as contas da karma antiga, criamos uma nova — de outro modo não pode ser, pois a karma é a própria vida. O principal é que a nova karma, criada por nós, seja mais perfeita do que a anterior. Os autores da Agni Ioga dizem sobre isso:

«Quando e onde colhemos os frutos dos nossos atos maus e bons? Colhemo-los agora, no presente, e novos volvemos a criar, para depois colher. E com uma mão semeamos, com a outra ceifamos. O presente é consequência do passado, mas o futuro é consequência do presente. A roda da causalidade em ação constante. O cuidado é com as causas que se lançam na roda. Enquanto se cria a causa, o criador é soberano sobre ela, pois cria livremente, mas assim que ela é criada e lançada na roda, já não é o criador da causa, mas a causa mesma que domina o homem. E nada se pode mudar enquanto ela não esgotar toda a sua energia no seu progenitor».

«Grãos de Agni Ioga», vol. 1, julho 22

Precisamente isso deve tornar-se a principal preocupação do homem — não criar para si uma nova karma negativa para o futuro.

E com que, propriamente, se cria a karma? Muitos consideram que a karma é formada principalmente pelos atos do homem. Sim, os atos desempenham o seu papel, mas se recordarmos que aos atos precedem os pensamentos e as intenções, resulta que os nossos pensamentos participam em não menor grau na criação desta ou daquela karma. É precisamente por isso que na Agni Ioga se considera que o principal fator de formação da karma são os nossos pensamentos.

«...deve-se sempre recordar que a nossa karma é criada, agravada e aliviada principalmente pelos PENSAMENTOS. Precisamente o pensamento e os impulsos internos tecem a nossa aura — este campo magnético que atrai ou repele possibilidades. Precisamente o pensamento-impulso, este fator decisivo da nossa karma, é tão frequentemente ignorado pelas pessoas ao julgar a karma. Mas se fosse de outro modo, não haveria possibilidade de sair do círculo encantado de causas e efeitos. Pois tudo é karma, e tudo se mantém pela karma. (...) Assim o Pensamento é a causa primeira e a coroa de toda a criação. Os pensamentos regem o mundo, consequentemente, regem a karma», — escrevia E.I. Roerich.

Roerich E.I. De uma carta de 24.09.35

Consequentemente, a karma pode e deve ser aperfeiçoada antes de mais pelo purificar do pensamento de pensamentos e sentimentos negativos.

O controlo do estado dos seus pensamentos e sentimentos e a relação correta com todas as dificuldades da vida, os autores da Ética Viva consideram a condição mais importante para o homem resistir às consequências negativas da sua karma passada.

Pode-se alterar o destino?

Segundo o ensino da Agni Ioga, a inevitabilidade das consequências cármicas não significa que nada possamos alterar no nosso destino. Podemos melhorar o nosso destino reelaborando a karma do passado e, o mais importante, não cometendo novos erros que nos criarão karma negativa para as nossas novas encarnações.

Mais ainda — a ajuda a outras pessoas e o sincero desejo de autoaperfeiçoamento podem ajudar o homem, até certo ponto, a aliviar as consequências negativas daquela karma que já se realiza na sua encarnação presente.

Por exemplo: uma mulher sem filhos, que durante muito tempo sonhou em ter um filho, já se resigna com o seu destino — não ter filhos próprios — e adota uma ou duas crianças órfãs. E, passado algum tempo, o destino de repente presenteia-a com um filho próprio! Esses casos não são raros.

O que indica isso? Dificilmente se pode chamar acaso. A infertilidade é, em regra, um castigo cármico por não querer cuidar dos próprios filhos no passado. Mas, ao adotar filhos alheios, os pais que não têm os próprios «apagam» assim a karma negativa com atos bons. E o negativo cármico, extinto pela energia de uma nova karma positiva, sai das suas auras.

E, juntamente com isso, chegam novas possibilidades mesmo no plano físico — o organismo da mulher, libertado da energia da karma negativa, revela-se capaz de dar à luz um filho próprio. Claro que nem sempre é assim. Se a karma do passado foi muito pesada, o organismo da mulher terá desde o nascimento desvios da norma que não lhe permitirão dar à luz um filho ela própria. Tudo depende do tipo de karma.

Nos ensinamentos dos Mahatmas diz-se que as karmas são de diferentes tipos, dos quais apenas um não está sujeito a correção. Os restantes tipos de karma podem ser alterados, melhorando assim substancialmente o destino. Sobre os tipos de karma e os métodos da sua reelaboração fala-se detalhadamente no livro de N. Kovaleva «Quatro caminhos da karma. Agni Ioga sobre o homem, o Cosmos, a vida». É para este livro que remetemos o leitor que deseje saber mais sobre a karma[1].

[1] Kovaleva N. Quatro caminhos da karma. Agni Ioga sobre o homem, o Cosmos, a vida. M., 2009.

«E o que fazer se a karma e o destino a ela associado não podem ser alterados?

Na Agni Ioga diz-se que, nesses casos, pode-se ajudar a si mesmo com a atitude correta face ao que nos acontece. Se a pessoa aceitar as circunstâncias negativas da sua vida com maldições e desespero, amaldiçoando tudo e todos e reagindo a cada obstáculo de forma extremamente emocional — não só não se ajudará a si mesma, como agravará substancialmente a situação, desperdiçando energia vital preciosa em experiências desnecessárias.

A salvação da carma negativa, não sujeita a alteração nesta encarnação, está na aceitação serena dela. Em primeiro lugar, a pessoa não deve culpar tudo e todos pelos seus infortúnios, mas refletir sobre o que acontece na sua vida contra a sua vontade e expectativas — e concluir qual é a verdadeira causa dos seus infortúnios ou circunstâncias indesejadas. Em segundo lugar, as circunstâncias difíceis da vida pessoal devem ser aceites sem explosões emocionais excessivas. Quando a pessoa sofre ao encontrar-se com pessoas indignas ou, por exemplo, tendo problemas de saúde, não deve tornar-se rancorosa, desejar vingar-se do ofensor ou invejar os outros, considerando que o Senhor Deus ou a Fortuna cega a privaram injustamente da sua atenção.

Não deve invejar os outros nem atormentar-se constantemente com o pensamento de que alguém tem tudo o que é necessário para a felicidade, enquanto a ela isso não foi dado, embora outros sejam piores do que ela. Tais raciocínios e experiências não levarão a nada de bom. A nossa karma devemos aceitá-la dignamente, sem queixas, sem murmúrios e compreendendo que, na vida seguinte, as circunstâncias do nosso destino serão significativamente melhores, se nesta encarnação não criarmos nova karma negativa com atos e pensamentos maus.

Eis o que dizem os «Grãos de Agni Ioga» sobre como se deve relacionar com todas as dificuldades e adversidades trazidas à nossa vida pela karma do passado:

«Meu Amigo, se a karma coloca em certas condições inevitáveis, não será a melhor solução, em vez de queixas e descontentamento, extrair delas tudo o que podem dar. (...) A primeira condição: fazer o trabalho assumido da melhor forma possível. A segunda: fazê-lo sem aborrecimento, alegre e vigorosamente e com o pensamento de aprender, aprender tudo e sempre. E acolher cada nova circunstância com a pergunta: o que pode ela dar em termos de nova experiência e o que ensinar. Afinal, a vida é o melhor Mestre. Porque não aproveitar as lições que ela dá gratuitamente. E as dificuldades podem ser enfrentadas com serenidade, elas desenvolvem resistência e força de oposição às ondas externas. Afinal, tudo o que nos acontece é apenas ensino e aquisição de experiência. (...)».

«Grãos de Agni Ioga», vol. 1, março 22

«Não se pode evitar as consequências, mas pode-se alterar a relação com elas e o caráter do seu impacto na consciência. Assim chora pelas perdas materiais o ignorante, mas alegra-se o sábio, vendo em cada perda uma libertação. Assim, o semeado é ceifado, ou seja, corrigido e neutralizado pela consciência aqui ou lá, pois a karma age inexoravelmente no plano das causas geradas. Mas no espírito pode o homem superar em si a consequência das causas inferiores já com uma nova relação modificada às consequências por elas geradas. E neste aspeto, o poder do homem sobre a karma é ilimitado. Mais exatamente, a karma inferior é substituída pela superior, espiritual, que não toca a cadeia de fenómenos cármicos externos, mas a relação com eles no espírito.

O ignorante lamenta-se, mas o sábio alegra-se quando vê que pode pagar antigas dívidas. Todos são devedores, só que não sabem pagar as contas dignamente. Daí o sofrimento, as lamentações e o descontentamento com o destino. E, no entanto, o pagamento das dívidas cármicas não é mais do que o processo de libertação da própria karma. Pagar e não fazer novas dívidas — eis a tarefa. Por isso é melhor dar do que receber. Pois quem recebe sempre terá de dar. Por isso é melhor pensar o bem e fazer o bem do que o mal, pois causa e efeito são os diferentes extremos de uma mesma coisa. (...)»,

«Grãos de Agni Ioga», vol. 1, julho 22

Algo semelhante dizia também Vanga aos que a rodeavam:

«Não murmurem ao sofrer! Os sofrimentos purificam. Para tornar uma coisa limpa, lavamo-la».

«Ninguém nasceu apenas para a felicidade.

Um é excelente trabalhador, mas não há harmonia na sua família. Outro tem tudo, mas problemas de saúde. Um terceiro é saudável, mas os filhos estão doentes, e assim por diante. Na vida de cada pessoa o bem convive com o mal. Assim é feito o homem, e assim é o próprio mundo. Todos precisam de paciência».

E.I. Roerich, sobre a relação com a karma, escrevia:

«Em cada vida, o homem pode extinguir aquela parte da velha karma que o alcançar nessa encarnação, e, claro, começará imediatamente uma nova karma, mas com uma consciência ampliada poderá liquidar mais rapidamente a karma acumulada por ele, e a nova karma gerada por ele será já de qualidade superior. Além disso, a velha karma já não lhe será tão terrível, pois o pensamento purificado e, consequentemente, a aura purificada reagem de forma completamente diferente aos golpes de retorno. E assim o homem pode sair do que parece ser o círculo encantado da karma».

Roerich E.I. De uma carta de 05.05.34

«Não desejeis demasiado»

E ainda nos textos da Agni Ioga diz-se:

«...é melhor ser pagadores do que recebedores, pois cada pagamento termina o passado, enquanto receber pode ligar novamente».

«Sinais de Agni Ioga», 238

Vanga dizia algo semelhante:

«Não desejeis demasiado — não podereis pagar por isso».

Nessas palavras também se esconde uma grande sabedoria. Na vida do homem tudo deve ser equilibrado. Quanto mais bens na vida terrestre forem dados ao homem, mais difícil pode ser para ele a existência pós-morte no outro mundo, para não falar das encarnações seguintes. Todos desejamos na vida o bem-estar. Mas a riqueza encerra em si não poucos perigos para o desenvolvimento espiritual do homem. Não é por acaso que Cristo disse que é mais fácil uma corda de camelo[1] passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus.

Se ao homem forem dados muitos bens numa vida, significa que a encarnação seguinte será, pelo contrário, extremamente difícil. A própria Vanga, numa das vidas passadas, foi filha de uma rainha egípcia, uma faraó. E a sua última encarnação como vidente cega, que viveu toda a vida na pobreza e no trabalho pesado, foi tão complicada que simplesmente nos espantamos com tantos fardos e sofrimentos que lhe couberam na vida.

Carma e reencarnações

A lei da karma está estreitamente ligada a outra lei cósmica universal — a lei da reencarnação. Todas as circunstâncias das nossas reencarnações são reguladas pela lei da karma. Sobre isso escrevia E.I. Roerich:

«A lei da reencarnação é a base de todos os verdadeiros ensinamentos. Se a rejeitarmos, todo o sentido da nossa existência terrestre cai por si mesmo. Além disso, quem poderá explicar satisfatoriamente toda a cruel injustiça de que um nasce belo, rico e feliz, enquanto outro deve arrastar uma vida miserável, frequentemente como deficiente físico, ou lutar toda a vida contra as mais pesadas injustiças e desgraças?»

Roerich E.I. De uma carta de 03.12.37

Noutra carta sua, E.I. Roerich notava que todas as qualidades morais e espirituais do homem após a morte e a reencarnação se conservam e tornam-se património do indivíduo na sua nova nascimento. Cada qualidade do espírito e traço de caráter do homem representam uma energia acumulada pelo indivíduo, que o segue em todos os mundos — tanto no pós-morte como na encarnação na Terra.

«É errado supor que «para além do limiar da morte deixamos as nossas mágoas, rancores e todo o tipo de ofensas, dívidas e devedores, ódio e

antipatia» e «que renascemos vezes sem conta sem essas qualidades na Terra, puros e luminosos, dignos de entrar no reino eterno».

Precisamente para além do limiar da morte nada deixamos do vosso enumerado bagagem, mas ainda adquirimos. O homem passa para o Mundo Subtil com todos os seus vícios e virtudes, precisamente conserva plenamente o seu caráter.

«As chagas do espírito são transferidas para o Mundo Subtil, se não forem curadas na Terra». Além disso, não se diz — «o semeador aqui, e o ceifeiro lá», no Mundo Subtil. Mais ainda, todas as nossas propriedades e qualidades refinam-se ou intensificam-se lá, por isso os rancorosos aqui tornam-se lá ainda mais furiosos, e vice-versa. Também renascemos longe de sermos os anjinhos que se costuma imaginar.

Frequentemente verdadeiros diabinhos se escondem sob esses bebés aparentemente inocentes. Cada Ego, em cada novo nascimento seu, conserva e traz consigo toda a bagagem anterior. Para onde poderia ir toda a experiência acumulada? Afinal, não só cada ação nossa, mas cada pensamento cria uma vibração, e precisamente essas vibrações são as energias que entram na construção de todo o homem, tanto objetivo como subjetivo. Precisamente essas energias, geradas pelo homem, são o seu património inalienável (cármico), que o acompanha também na sua nova vida terrestre.

As consequências cármicas da vida passada seguem o homem, e o homem na sua vida seguinte colherá as energias ou vibrações por ele impressas no astral, pois nada pode surgir do nada, por isso existe a ligação entre as vidas, e a nova casca subtil compõe-se da anterior. A aura do recém-nascido é branca ou incolor apenas porque a consciência ainda não a coloriu. Mas ao primeiro lampejo de consciência, a aura colore-se na cor correspondente.

Assim, verdadeiramente, trazemos connosco a nossa velha bagagem, mas nem todas as capacidades adquiridas podem manifestar-se numa única vida terrestre; a razão disso é novamente cármica (karma pessoal e karma de toda a humanidade), o instrumento físico ainda não está adaptado à manifestação das acumulações heterogéneas da nossa individualidade».

Roerich E.I. De uma carta de 05.07.38

Sobre como a karma condiciona as circunstâncias das nossas reencarnações e o que ela pode afinal representar para o homem, nos «Grãos de Agni Ioga» diz-se:

«Meu Filho, o padrão da vida terrestre, impresso pelo homem no espaço, representa apenas uma parte da fita estendida do infinito passado para o futuro. A este padrão juntam-se os padrões do Mundo Supraterrestre. O desenho é extraordinariamente complexo. Muitos fios nele são tecidos, e novos são tecidos a cada segundo. Tecelão do padrão vital pode-se chamar o

homem. Em cada encarnação são-lhe dadas molduras firmes, e nelas a tela, pela qual o padrão já é bordado pela vontade do homem. As molduras são o corpo e as suas particularidades, a tela — as outras condições kármicas, que são estabelecidas pelos Senhores da karma, e depois já a esfera de atividade da livre vontade do homem.

Esta esfera é tanto mais ampla quanto mais elevado o espírito e quanto mais conscientemente ele guia a si mesmo e à sua vida. Mas as molduras cármicas, embora se ampliem, permanecem mesmo assim de uma ou outra forma. (...)

A esfera de manifestação da livre vontade do homem é muito ampla, embora pareça que as molduras cármicas limitam a sua liberdade. Mas a karma não é carcereira, mas libertadora. A karma torna-se carcereira apenas para o espírito que vai contra a evolução; para aqueles que vão ao seu ritmo, a karma serve de asas de ascensão, ou degraus da escada de superação que leva para cima. A karma é universal. Mesmo nos Espíritos Planetários[1] cada um tem a sua karma. Acompanhados por ela, Eles subiram pela Escada da Luz e da Vida. Quando o homem toma a sua evolução nas próprias mãos, a karma torna-se a sua ajudante e executora da sua vontade».

«Grãos de Agni Ioga», vol. 2, 313

Pela karma criada tanto em vidas passadas como na última encarnação é condicionado também o período mais misterioso da vida do homem, ou melhor, da sua alma. É o que acontece com a sua consciência-alma após a morte do corpo físico — a existência pós-morte da consciência no intervalo entre encarnações na Terra.

[1] Espíritos Planetários — representantes da Hierarquia da Luz, guias cósmicos da evolução da humanidade. — Nota do autor.

CAPÍTULO QUINTO

SOBRE A MORTE E O PÓS-MORTE

O QUE É A MORTE

Vanga quase nunca dizia às pessoas que elas próprias ou os seus parentes próximos — se os visitantes perguntavam sobre eles — enfrentariam morte iminente. No entanto, previa a morte de qualquer pessoa com precisão espantosa.

V.M. Sidorov recordava:

«Vanga contava como sabia da morte iminente desta ou daquela pessoa.

— Vejo ao lado dele um homem alto com um rosto maravilhosamente belo. Mas dele emana frio, como de uma montanha de gelo. Quando vem ter comigo uma pessoa acompanhada por este companheiro — ele não o vê, mas

eu vejo —, compreendo que os seus dias estão contados. Mas não tenho direito de lhe dizer isso diretamente».

Aliás, por vezes Vanga via a morte numa imagem feminina, e não masculina.

V.M. Sidorov

A vidente dizia:

«Porque temeis a morte? Ela é tão bela. Vejo-a na imagem de uma jovem sorridente com cabelos loiros soltos».

É interessante que numa imagem simbólica semelhante viu a morte Elena Ivanovna Roerich na infância, quando tinha apenas sete anos. Uma vez, ao entrar no quarto onde dormia a sua irmãzinha Anechka, viu a figura de uma mulher envolta em longos véus claros. Esta imagem, com um som melodioso semelhante ao toque de um sino, voou pelo ar sobre o berço da irmã. A pequena Elena sentiu de repente claramente que era um aviso da morte da irmãzinha. E, de facto, a irmã morreu pouco depois, aos cinco anos.

Vanga, graças às suas capacidades invulgares — afinal, comunicava diariamente com os mortos! —, sabia não só da existência da vida após a morte, mas também que após a morte cada alma tinha reservado o seu lugar especial no pós-morte. Uma vez até teve de acompanhar a alma de uma pessoa querida falecida ao outro mundo...

Em 1942, Vanga casou-se com Dimitr Gushterov, antigo soldado que um dia veio ter com ela para saber quem matara o seu irmão. Viveram juntos 20 anos numa boa e amiga família, e depois Dimitr morreu de cirrose hepática (nos últimos anos bebia muito). Segundo testemunho dos familiares, quando o marido morria, Vanga estava de joelhos diante da cama dele e chorava. E imediatamente após a morte de Dimitr, a vidente mergulhou num sono estranho e profundo, que durou até ao próprio funeral. Ao sair deste transe, Vanga disse aos familiares que acompanhara a alma de Dimitr até ao lugar que lhe estava destinado no outro mundo...

O que acontece, então, com a alma do homem após a sua morte? Quem determina qual o lugar exato que lhe cabe no outro mundo, e como isso acontece?

Respostas detalhadas a estas questões são dadas no ensino da Agni Ioga[1].

Neste ensino diz-se que a morte é a maior ilusão do nosso ser.

A morte representa a separação do corpo astral do físico. Ao mesmo tempo, a consciência-alma do homem desloca-se do corpo físico «despojado», como uma roupa usada, para o astral e continua a existência racional, mas já no plano astral de ser. Assim, morrendo no plano terrestre, o homem depois «ressuscita», ou seja, regressa à vida racional no outro mundo.

[1] Sobre os fundamentos do ensino da Agni Ioga acerca da morte, das circunstâncias da transição do homem para o outro mundo e das condições da sua existência no Mundo Subtil, ver o livro de N. Kovaleva «Como seremos após a morte». M., 2010. — Nota do autor.

A morte, como aniquilamento completo e definitivo da consciência, não existe, exceto em casos muito raros de quedas espirituais particularmente horríveis do homem no abismo do mal. Para essas pessoas, realmente ocorre a destruição completa da alma...

No ensino da Ética Viva sobre a morte diz-se:

«A morte não é mais do que cortar o cabelo, assim se devolve a matéria».

«Folhas do Jardim de Moria», tomo 1, «O Chamado»

Esta mesma ideia repete-se nos «Grãos de Agni Ioga», nos quais, tal como no próprio ensino da Agni Ioga, são examinadas detalhadamente absolutamente todas as questões relacionadas com a transição do homem para outro plano de existência e com a sua existência nesse mundo.

«...A morte não é mais do que cortar o cabelo. Para os Nossos[1], ela é facilitada ainda mais. Lá são recebidos com carinho por almas queridas, rodeando-os de afeto e atenção. Encontram-se entre os seus, num ambiente familiar, ligados ainda na Terra por devoção e amor. E aquilo que aqui não os distinguia dos outros homens, lá destaca-os em condições completamente especiais. Cada um tem um Guia, se o desejar, mas a transição dos Nossos próximos e das pessoas comuns é incomparável. Também os últimos minutos da transição são cuidadosamente preparados, para preparar a consciência para a mudança iminente. Lamentar os que partiram não é sábio, pois ninguém parte antes do prazo que lhe foi destinado, e quem sabe onde é melhor para o que transita, na Terra ou lá, no Mundo Supraterrestre.

Todo o sofrimento é pessoal e egoísta, e especialmente as lágrimas. Não se sofre pelo que partiu nem se entristece por ele, mas geralmente por si mesmo. Já era tempo de nos habituarmos à ideia de que cada um já passou muitas, muitas vezes este limiar, e não há nada de novo nisso. Com uma consciência desenvolvida, o véu do esquecimento cai rapidamente dos olhos, e as condições já anteriormente conhecidas do Mundo Subtil são rapidamente assimiladas pela consciência. Os próximos lá ajudam muito este processo de assimilação. Mas os próximos que ficaram frequentemente atrapalham com o seu sofrimento inoportuno.

Destruímos todo o medo da morte. Tiramos dela os véus de mistério, de desespero e de enigmaticidade. Não reconhecemos a morte. A morte é o nascimento para uma Nova Vida, mais rica em possibilidades, beleza e amplitude do que a existência terrestre. Ao bom semeador lá nada tem a temer. Aquele que preparou a sua consciência para esta transição colhe de acordo com a consciência.

Nada termina, mas tudo continua pelas linhas estabelecidas pela consciência na Terra».

«Grãos de Agni Ioga», vol. 2, 134

Relação com os falecidos

Vanga sublinhava que os nossos entes queridos que partiram na realidade não estão tão longe de nós como parece.

«Os mortos continuam a viver. Estão entre nós, amam-nos e ajudam-nos a compreender as verdades eternas. Por isso devemos honrá-los nos nossos corações... Para os que partiram é importante o respeito e a sinceridade em relação a eles por parte dos vivos, e não os ricos banquetes fúnebres que os familiares por vezes organizam para exibição», — dizia a profetisa.

E eis o que se diz nos «Grãos de Agni Ioga» sobre as relações entre os vivos e os que partiram:

«Se falar mal dos mortos, pode-se atrair um forte inimigo do Mundo Subtil. Mas se falar bem, pode-se atrair um amigo. Pode-se até estabelecer uma «amizade» ou «conhecimento». Pode-se estabelecer novas relações boas com uma pessoa até então desconhecida e depois, ao passar para o Mundo Subtil, encontrar lá um novo amigo. As simpatias e antipatias que surgem em relação aos que já passaram as Grandes Fronteiras têm grande significado para a permanência supraterrestre. Apenas não se deve fazer inimigos. Das entidades indesejadas deve-se simplesmente proteger-se. Mas as que dispõem, atraem e suscitam simpatia, respeito ou amor pode-se retê-las, enviando-lhes mentalmente pensamentos e sentimentos bons.

Pode-se pensar no estabelecimento de ligações semelhantes, pois muitos inocentes perseguidos, torturados e assassinados partem do mundo terrestre. E tão poucos sabem quem exatamente da Terra lhes poderia ajudar. E tal ajuda é muito real e substancial. As palavras «rogai pelo meu repouso» contêm um significado profundo. Se o elogio ou a condenação do morto podem influenciar tanto as relações entre as pessoas, a boa recordação dos que partiram será para eles uma bênção. Alegram-se com cada boa menção deles. A Radonitsa, o dia dedicado aos defuntos, também não é sem significado. Na essência, os que partiram para Esse Mundo existem, mas não há mortos. O espírito não morre, e olhar para os que partiram como continuando a viver no espírito será indicador de conhecimento dos Fundamentos».

«Grãos de Agni Ioga», vol. 13, 792

«Sobre os queridos companheiros que este mundo com a sua presença para nós abençoaram, não digas com saudade: não existem, mas com gratidão — existiram». Nas palavras do poeta pode-se introduzir uma certa correção e dizer que não só «existiram», mas existem e existirão enquanto os sentimentos cardíacos por eles arderem no coração.

Infelizmente, não só os sentimentos bons, mas também os maus, como o ódio, também não morrem e também ligam fortemente as pessoas que se odeiam mutuamente. Por isso sejamos muito cautelosos com os sentimentos que vivem no nosso coração, para não sobrecarregar nem os outros nem a nós mesmos. O ódio e o amor não morrem, se forem transferidos para o Supraterrestre».

«Grãos de Agni Ioga», vol. 13, 793

«Podeis imaginar quantos sentimentos ligam as pessoas vivas aos que partiram para o Mundo Subtil. Esses fios vivos pulsam no espaço. Por eles transmitem-se pensamentos e experiências mutuamente. É verdade que não são captados claramente pelo raciocínio terrestre, mas a sensação de peso ou de alegria é frequentemente sentida pela pessoa, embora não seja capaz de explicá-las. A interligação dos mundos é muito forte. Os chamados mortos por vezes estão muito perto dos vivos e até influenciam neles. Os mundos estão ligados estreitamente. Aproxima-se o tempo da unificação dos dois mundos, e a fronteira entre eles tornar-se-á cada vez mais fina, até que ambos os mundos se fundam num só na consciência do homem.

«Grãos de Agni Ioga», vol. 13, 794

Preparação para a transição

Nos textos transmitidos pelos Mestres a B.N. Abramov também se diz que à transição para o Mundo Subtil se deve preparar com antecedência, para que nas suas condições o homem se sinta confortável e saiba previamente o que o espera e com o que se ocupará no intervalo entre encarnações na Terra.

«É tarde preparar-se mesmo antes da transição. Toda a vida do homem, desde os primeiros dias, deve ser preparação para a vida no Supraterrestre, pois semeadores aqui, e ceifeiros lá. Cada pensamento, cada sentimento, tudo o que foi afirmado na Terra tem eco nesse mundo, pois aquilo que ligardes na Terra estará ligado lá, e o que soltardes na Terra estará solto lá. Fios luminosos de ligações darão karma luminosa no Supraterrestre, fios sombrios — karma pesada. A lei não é violada. Não temos consolo apenas para os negadores da vida nesse mundo. Pois o que nega a vida lá condena-se à morte e realmente morre para a vida brilhante e plena fora do corpo. Cada partícula de conhecimento sobre as condições de permanência do outro lado facilita de forma inexprimível essa permanência.

Por isso acumulai conhecimento com antecedência, rejeitando a negação ignorante. (...) Na Terra é dado aos homens tudo para preparar a consciência para a transição inevitável, mas se a rejeitam — transitarão sem nada. Para os negadores da vida no Supraterrestre consolo não temos».

«Grãos de Agni Ioga», vol. 2, 134

Um dos aspetos mais interessantes do ensino da Agni Ioga sobre as regularidades da existência desencarnada é a questão do apego da consciência do homem às coisas e hábitos terrestres e a necessidade de

vencer esses apegos ao quotidiano terrestre, para se adaptar mais rapidamente às condições do outro plano de existência. Nos «Grãos» sobre isso diz-se:

«Ao livrar-se do velho corpo esgotado, regressa o homem ao Mundo Subtil com todo o conteúdo que constitui o seu mundo interior. Tudo o que considera seu, toda e qualquer propriedade continua a reter na consciência, se não se libertou dela atempadamente. Também os seus hábitos e inclinações, as suas capacidades e defeitos permanecem todos com ele, bem como todas as representações sobre a vida no Supraterrestre — numa palavra, tudo com que viveu na Terra. Mas lá as condições de vida são outras, e os resquícios terrestres não são necessários. Se permanecem, o homem vive com eles e neles. É necessária uma libertação completa de tudo o terrestre e a compreensão das condições do Mundo Subtil. Lá libertar-se é tarde, pois o que imprudentemente se leva consigo adere à consciência, como o tecido envenenado da roupa de Hércules. Eis porque a libertação se deve começar ainda aqui, na Terra, impondo a tudo o que rodeia o selo da renúncia a isso. A renúncia ao Mundo consistirá na libertação da consciência da representação habitual sobre o mundo circundante e as coisas de que o homem temporariamente possui. Nada é próprio, e tudo é dado por tempo, enquanto na Terra, e nada se pode levar para lá. É bom o costume de dar as coisas antes da morte.

Bom é aprofundar este princípio e estender a libertação da consciência não só às coisas, mas também aos fenómenos de ordem psíquica. Toda a vida o homem habituou-se a comer e beber. E lá isso não é necessário; ou viver numa casa, ou vestir-se e calçar-se, ou ir trabalhar, ou sentir frio ou calor, ou mover-se com a ajuda das pernas, ou fazer trabalho com as mãos — tudo isso lá é inaplicável. Move o pensamento, e pode-se voar, e com o pensamento pode-se vestir o corpo subtil com roupa ao gosto e desejo. E casa não é necessária, nem bebida nem comida. Tudo é novo, tudo invulgar.

Mas em vez de uma familiarização imparcial e aberta com as condições invulgares, do ponto de vista terrestre, do mundo supraterrestre, o homem ignorante e não iluminado pelo conhecimento continua a arrastar consigo, rodeando-se com isso, a sua representação habitual sobre o que o rodeia. Farrapos e pedaços de pensamentos terrestres e imagens da mesma ordem estão diante da consciência, mergulhando-a num mundo ilusório de resquícios terrestres e ocultando-lhe a verdade do Mundo Subtil. Mas mesmo naqueles que não estão apegados ao terrestre, não existe uma visão do mundo sobre o Supraterrestre, e tem de entrar nele em completa ignorância, quando é necessário um conhecimento exato das condições subtis de existência. Imaginai que já livrastes o corpo, que ele, tendo esgotado o seu, jaz inútil ao lado, e vós fora dele. O que fareis, para onde ireis, como e para quem? Lá começar a pensar é tarde; lá aquele que não pensou e não determinou a sua direção será arrastado para os seus vórtices pelos redemoinhos casuais do astral. Significa que começar a pensar se deve agora. Então, para onde vos dirigireis, para quem e para quê? Para quem e para quê vos dirigirdes, com

isso permanecereis: para os pais — com os pais, para o Senhor — com o Senhor, para os próximos — com os próximos; pensamentos habituais na Terra acompanhar-vos-ão também lá. Significa que também dos pensamentos se deve cuidar, pois os pensamentos são magnéticos e criam, atraindo para si e sendo atraídos, o ambiente psíquico do seu progenitor. Revestir-se de oração constante, como fazem os Rishis, significa unir-se ao Mundo Superior. Neste aspeto, o significado da oração é extraordinariamente profundo, pois dirige a consciência pelo canal aberto pela oração no espaço. Pensamentos terrestres habituais lá simplesmente não são necessários, pois criam atração magnética correspondente a condições terrestres ilusórias e imaginadas. Começar a pensar no Superior no Supraterrestre já é tarde, pois habitualmente não há material à mão para tal pensamento, nem hábito nem habilidade. Começar se deve aqui. Pode-se durante o dia reservar lugar e tempo para pensamentos sobre o Supraterrestre e aspiração deles ao Superior. No espaço, canais para a aspiração dos pensamentos se deve abrir com antecedência.

Esses canais estão abertos para pensamentos habituais, frequentemente impuros e inferiores, e se não se cuidar de canais de ordem superior, a consciência dirigir-se-á pelos inferiores para as esferas inferiores. Ferreiro da sua karma no Supraterrestre é o próprio homem, mas forja-a aqui, na Terra, pois a lei — o que semeares, isso ceifarás — age lá infalivelmente e sem erro. Pode-se chamá-la lei de ressonância e correspondência. Pois não se colhem lá uvas dos espinhos nem figos dos cardos. A lei nunca é violada. (...)».

«Grãos de Agni Ioga», vol. 1, novembro, 11

O terrestre e o supraterrestre

Na Agni Ioga também se sublinha que a vida terrestre é, na essência, preparação para a existência supraterrestre, e o sentido da existência terrestre consiste em que apenas na Terra o homem pode purificar maximamente a sua consciência e prepará-la para uma existência digna no Mundo Subtil.

Se as pessoas compreendessem e soubessem corretamente o que as espera após o breve período de existência física, dedicariam mais atenção ao seu aperfeiçoamento espiritual, consideram os autores dos «Grãos de Agni Ioga»:

«Pensam as pessoas que a evolução do espírito pode tornar-se rápida, se a vida na Terra for compreendida e aceite como degrau preparatório para a permanência no Mundo Supraterrestre. Então o cuidado não será com o que acumular na Terra, mas com como utilizar o tempo terrestre da forma mais oportuna. Ao preparar-se para uma viagem, cuidam do que levar consigo, como vestir-se e o que haverá no caminho — a analogia é completa com o que espera o homem nas suas peregrinações pós-morte. Há muito que se deve levar consigo para o caminho longínquo, por exemplo, intrepidez, coragem, aspiração, firmeza, serenidade e muitas outras qualidades do espírito. Conhecimento também é necessário, necessário o qualidade de discernimento

e pensamentos puros e devoção Àqueles Que Chamaram. Muito se deve levar consigo. E levar só se pode da Terra e com a Terra.

A Terra dá plena possibilidade de fazer a escolha do material necessário e de tudo o que é indispensável no caminho ulterior. Mas, realmente, vale a pena olhar atentamente para o que se preocupam as pessoas e como se preparam para o futuro. Afinal, a compreensão do sentido da existência terrestre não liberta o homem dos seus assuntos terrestres e do dever terrestre e da construção terrestre da vida, que pode ser frutífera e oportuna apenas com a consciência dos três mundos. Sem sentido é a vida terrestre sem a consciência do Mundo Subtil. O homem é uma essência triúna, e o mundo é triúno[1]. Na consciência da tri-unidade de tudo o que foi, é e será está a solução da vida».

«Grãos de Agni Ioga», vol. 5, 329

Resta apenas acrescentar que, se as pessoas compreendessem os conhecimentos expostos no ensino dos Roerich sobre o sentido da vida terrestre e da existência desencarnada do homem, muitas erros da vida poderiam ser evitados. No nosso mundo haveria muito menos sofrimento, ilusões e vidas vividas em vão...

[1] Refere-se aos mundos físico, Subtil e Ígneo. — Nota do autor.

Capítulo sexto

A Bíblia de Fogo de Vanga

O novo ensino

«Existe um antigo ensino indiano — o ensino da Irmandade Branca. Espalhar-se-á por todo o mundo. Sobre ele imprimirão novos livros, e lê-los-ão em todo o lado na Terra. Será a Bíblia de Fogo», — afirmava Vanga.

Evidentemente, sobre o grande significado mundial do património filosófico antigo indiano não falava apenas Vanga. O significado do conhecimento espiritual que nos veio da Índia era sublinhado por todos os grandes profetas do mundo. Algo semelhante dizia sobre o património espiritual do Oriente outro grande vidente, o profeta americano Edgar Cayce. Ele afirmava: «A Índia é o berço do conhecimento que ainda não é utilizado... Mas o seu tempo chegará».

Eis o que escreve sobre a relação de Vanga com o ensino dos Roerich o que se encontrou com a profetisa V.M. Sidorov:

«O ensino, em relação ao qual surgiam constantemente os nomes dos Roerich e de Blavatsky, interessava extraordinariamente a imaginação de Vanga. Ela chamava-lhe a Bíblia de Fogo.

— Este é o Novo Ensino, — dizia ela, — mas construído sobre as bases do antigo. O antigo aqui pode comparar-se às raízes, e o novo — como a flor que desabrochou ao Sol.

Segundo as suas palavras, o trabalho secreto e profundo sobre o Ensino agora está concluído. Já não pode permanecer secreto. Como um fluxo ígneo, irromperá até às pessoas».

Digamos em duas palavras sobre a história do Novo Ensino. Este ensino, entre os seguidores, recebeu imediatamente três nomes: Agni Ioga, Ética Viva e Ensino da Vida. Todos estes nomes correspondem plenamente ao conteúdo do referido ensino.

Ele, como dizia Vanga, foi construído sobre as bases dos conhecimentos filosóficos mais antigos para toda a civilização terrestre do Oriente. Durante séculos, este conhecimento foi esotérico, secreto, ou seja, transmitido apenas num círculo restrito de seguidores do Mestre para o discípulo. Os guardiões do conhecimento espiritual mais antigo do planeta eram os Mestres da lendária Shambhala — a oculta morada de ascetas espirituais nas alturas himalaianas, afastada do mundo, mas ajudando-o incansavelmente.

Chegou o tempo — e os guardiões do antigo conhecimento secreto transmitiram-no às pessoas, e os colaboradores dos Mestres espirituais de Shambhala foram precisamente pessoas russas: primeiro, Elena Petrovna Blavatsky, que trouxe ao mundo o ensino da teosofia, e depois a família Roerich, que recebeu dos Mestres de Shambhala o Ensino da Vida, ou Agni Ioga. O papel principal na receção deste ensino foi desempenhado por Elena Ivanovna Roerich, dotada desde a infância do dom da clarividência e da clariaudiência. Os textos do Ensino da Vida eram transmitidos a Elena Ivanovna pelo seu Mestre, o grande asceta do Oriente, através de um contacto espiritual-telepático especial, baseado na capacidade de clariaudiência e clarividência.

O Mestre da família Roerich era o Mahatma Morya, o próprio Guia de Shambhala, ou, como O chamavam na Índia e no Tibete, o Grande Senhor.

O ensino da Agni Ioga, como o próprio nome indica, pertence à tradição da Ioga, ou seja, tem significado prático relacionado com o sistema de autoaperfeiçoamento do homem. Mas se a conhecida hatha-Ioga se ocupa do aperfeiçoamento do corpo, a Agni Ioga aperfeiçoa antes de mais o espírito e a consciência do homem. Além disso, o Ensino da Vida dá aos seguidores uma série de conselhos úteis sobre os principais princípios de higiene psíquica e física, cuja execução pode curar o organismo do homem não pior do que as práticas da hatha-Ioga comum.

Mais ainda, na Agni Ioga contém-se toda uma metodologia de tratamento e auto cura mental-psíquico do organismo e uma multitude de conselhos valiosíssimos sobre a prevenção e tratamento das mais diversas doenças. É precisamente por isso que o Ensino da Vida é agora tão popular na Rússia.

Finalmente, outro aspeto, talvez o mais atual (e também o mais misterioso!) do Ensino da Vida — são os conhecimentos nele contidos sobre o Apocalipse vindouro, sobre as mudanças naturais que aguardam a

humanidade e a natureza da Terra num futuro próximo, e sobre o impacto que essas mudanças terão na saúde das pessoas...

Este aspeto é, talvez, o mais interessante, e era precisamente ele que Vanga sublinhava nas suas profecias sobre o Novo Ensino.

Porque veio até nós o Ensino da Vida

Ainda há pouco mais de um século, tanto os princípios fundamentais do ensino da Agni Ioga como mesmo as informações sobre a existência na Índia de uma morada de ascetas — iogues — fechada aos não iniciados, Shambhala, eram um segredo atrás de sete selos.

Porque razão os guias de Shambhala, ou da Irmandade Branca (assim se chama Shambhala no Ocidente), violaram de repente o segredo multissecular e transmitiram ao mundo o seu ensino secreto? A isso os Mestres foram impelidos pelo desejo de ajudar as pessoas a sobreviver ao período complicado da mudança de épocas cósmicas, chamado por nós Apocalipse...

O verdadeiro significado do Ensino da Vida, ou Agni Ioga, foi revelado ao mundo pelos seus criadores, incluindo Elena Ivanovna Roerich, que recebeu este Ensino dos Mestres espirituais da Índia e criou com base nele os livros do ensino da Agni Ioga, ou Ética Viva. Como escreve Elena Ivanovna, a transmissão ao mundo deste ensino estava estreitamente ligada aos eventos vindouros da mudança de épocas cósmicas na Terra. Fenómenos semelhantes são sempre acompanhados por mudanças naturais abruptas e grandes cataclismos. A chegada deste período complicado e dramático na vida da humanidade foi prevista pelos profetas dos tempos mais antigos. Especialmente muito se disse sobre estes tempos na Bíblia.

O grandioso evento da mudança de épocas foi descrito no bíblico «Apocalipse» («Revelação») de João o Teólogo. Desde então, o conceito de Apocalipse tornou-se sinónimo de fim do mundo. É verdade que na «Revelação» bíblica não se diz que os eventos vindouros terminarão obrigatoriamente com a destruição da civilização humana, mas ao mesmo tempo diz-se que as vítimas entre a humanidade no período de mudanças globais podem ser grandes. Segundo as profecias de João, perecerá um terço de toda a população da Terra.

O Apocalipse foi previsto também por videntes de tempos mais próximos de nós, como Renio Nero, Nostradamus, Edgar Cayce. Sobre este evento falava também Vanga.

Em maio de 1979, Vanga predizia:

«O mundo sobreviverá a muitos cataclismos e fortes abalos. Mudará a própria consciência das pessoas. Virão tempos difíceis. As pessoas dividir-se-ão pelo sinal da fé. Regressará a elas o mais antigo — o ensino sábio».

Na véspera das futuras mudanças naturais, os Mestres espirituais do Oriente transmitiram ao mundo o Novo Ensino, cujo principal objetivo consiste

em preparar, na medida do possível, a consciência das pessoas para os eventos vindouros e assim reduzir ao mínimo o número de vítimas entre elas. No ensino da Agni Ioga não só se explica o que é a causa das mudanças naturais dos tempos apocalípticos, mas também se dão conselhos práticos e vitais sobre como sobreviver a este tempo complicado, como preservar a saúde e ajudar a fazê-lo aos seus entes queridos.

E.I. Roerich, falando sobre o ensino recebido por ela do Senhor de Shambhala, Mahatma M., não por acaso chamou-lhe a Grande Revelação —

neste ensino às pessoas foi realmente dada uma Revelação, ou seja, conhecimentos ainda desconhecidos delas sobre novas energias que já agora vêm do Cosmos para a Terra, e sobre os meios de gerir essas energias.

Em 1934, Elena Ivanovna Roerich escrevia:

«A grande purificação ígnea aproxima-se. Por isso é tão importante purificar o pensamento e o coração e tentar assimilar os fogos espaciais.

Na mudança de raças é sempre dada a Grande Revelação, e, como sempre, apenas as pessoas cuja consciência já pertence ao degrau seguinte de desenvolvimento ou à raça vindoura podem percebê-la plenamente. Os restantes aproveitarão na medida em que puderem».

Roerich E.I. De uma carta de 23.06.34

E.I. Roerich sublinhava também o facto de que nos livros da Ética Viva às pessoas não por acaso foram dados tantos conhecimentos sobre as mudanças vindouras que ocorrerão na Terra num futuro próximo:

«Notou corretamente (que) o facto de os livros da Ética Viva serem dados em tal volume e com tais revelações indica a seriedade do momento».

Roerich E.I. De uma carta de 10.10.34

O enorme significado mundial da Agni Ioga consiste antes de mais no facto de este ensino falar sobre o futuro, explicando as causas das mudanças naturais vindouras e transmitindo às pessoas conhecimentos inestimáveis sobre o que precisamente as ajudará a sobreviver nas novas condições naturais. Porque é tão importante saber o que nos espera?

Como diziam os antigos romanos, «quem está prevenido está armado». A psique humana é assim constituída que, se a pessoa não consegue compreender o que acontece ao seu redor, de onde vem e para onde leva, pode simplesmente perder a vontade de lutar e sobreviver, enlouquecer de medo e da invulgaridade do que acontece.

Se os cataclismos e as doenças epidémicas — os principais sinais do Apocalipse — realmente começarem em breve (e sobre isso falaram todos os grandes profetas do mundo!), à humanidade ajudará antes de mais o conhecimento sobre o que precisamente acontece no planeta, como tudo isso terminará e onde procurar salvação. E neste caso, melhor de todos estarão

«prevenidos e armados» as pessoas que se interessaram por problemas não só materiais, mas também espirituais. O Ensino da Ética Viva contém conhecimentos exaustivos sobre com o que nos defrontaremos num futuro próximo! Eis como se fala sobre isso nos «Grãos de Agni Ioga»:

«O conhecimento do que acontece dá serenidade, pois foram prevenidos e preparados. Em perturbações súbitas, as pessoas inconscientemente e instintivamente voltam-se para o mais forte e agrupam-se ao seu redor. O mesmo acontece em cataclismos cósmicos ou fenómenos cósmicos incompreensíveis e ameaçadores. Nos últimos, a palavra explicativa será especialmente valiosa e necessária.

Negar como que impunemente os Fundamentos pode-se em condições habituais, mas, quando a terra tremer e sinais ígneos poderosos e incompreensíveis aparecerem claramente, a negação, a ignorância e as trevas já não ajudarão. Então os olhares dos terráqueos perturbados e desorientados começarão a procurar aqueles que os ajudarão a explicar a manifestação e o testemunho evidente e inegável daquilo que sempre negaram. E é preciso ir, e é preciso ajudar, e é preciso dissipar a névoa das negações, e explicar a existência do indubitável. «Haverá iluminações sem fim». Mas muito se queimará.

Muitas surpresas traz consigo o tempo que vem. Estão prontos para o enfrentar mesmo aqueles que sabem sobre

«Grãos de Agni Ioga». Vol. 12, 157.

Foi precisamente para que estivéssemos prontos para todas as surpresas e soubéssemos como enfrentá-las que nos foi dado o Ensino da Vida.

«Todas as religiões cairão...»

Valentin Sidorov escreve no seu livro:

«Vanga era uma pessoa profundamente crente. Observava rigorosamente todos os ritos ortodoxos. Censurava até o clero búlgaro por, ao contrário do russo, terem passado para o novo estilo calendário, violando a sequência habitual dos feriados religiosos. E, no entanto, contrariamente ao que professava — isso acontecia geralmente após uma breve imersão em estado de transe — declarava:

«Todas as religiões cairão. Restará apenas uma: o Ensino da Irmandade Branca. Como uma flor branca, cobrirá a Terra, e graças a ele as pessoas serão salvas».

Claro que as palavras de Vanga sobre a queda de todas as religiões não se podem compreender no sentido de que elas desaparecerão completamente. A vidente, muito provavelmente, queria dizer que a influência das religiões na consciência das pessoas no futuro diminuirá e elas não ocuparão um significado tão autossuficiente na sua vida — especialmente nas suas manifestações negativas.

Em princípio, não é preciso ser profeta para compreender que no futuro desenvolvimento da civilização muitos resquícios e superstições religiosas deixarão de influenciar a consciência das pessoas tão fortemente como acontece agora. Graças a isso, finalmente cessará o principal pesadelo e vergonha da humanidade — as guerras religiosas e perseguições. Num mundo renovado e mais espiritual, tornar-se-ão simplesmente impensáveis todas as formas de manifestação do fanatismo religioso, começando pelo terror com base no fundamentalismo religioso e terminando pela existência de seitas totalitárias que entorpecem a consciência das pessoas.

Aumentará o significado de novas formas seculares de espiritualidade. A ciência tornar-se-á mais espiritualizada, e os cientistas — mais inclinados ao diálogo com a religião, como sonhava com isso outrora Teilhard de Chardin, cientista e sacerdote. No Ensino da Vida diz-se que as religiões também passarão por uma purificação moral; as novas gerações de clérigos purificarão das camadas posteriores as verdadeiras bases iniciais das religiões, dadas pelos Grandes Mestres e profetas da humanidade.

Aliás, as palavras de Vanga sobre a queda de todas as religiões podem ser compreendidas também de outro modo. Possivelmente, a vidente tinha em mente o mesmo de que falavam nos séculos XVIII—XIX muitos vultos espirituais e profetas russos — a queda moral das religiões, ou mais exatamente, a degradação moral dos clérigos nos tempos pré-apocalípticos.

Recordemos as profecias de vultos santos russos relativamente ao estado das religiões e dos pastores espirituais.

São Serafim de Sarov

(1825-1832):

«A mim, pobre Serafim, o Senhor Deus destinou viver muito mais de cem anos.

Mas como nessa altura os arcebispos russos se tornarão tão ímpios que pela sua impiedade superarão os arcebispos gregos nos tempos de Teodósio o Jovem, de modo que até ao dogma mais importante da Fé Cristã — a Ressurreição de Cristo e a ressurreição geral — não acreditarão, por isso ao Senhor Deus aprouve até ao tempo tirar-me a mim, pobre Serafim, desta vida prematura e depois, para afirmação do dogma da Ressurreição, ressuscitar-me, e a minha ressurreição será como a ressurreição dos sete jovens na caverna de Oclônia nos tempos de Teodósio o Jovem. (...) »

«A mim, pobre Serafim, o Senhor revelou que na terra russa haverá grandes desgraças. A fé ortodoxa será pisada, os arcebispos da Igreja de Deus e outros clérigos afastar-se-ão da pureza da Ortodoxia, e por isso o Senhor castigá-los-á severamente. Eu, pobre Serafim, três dias e três noites roguei ao Senhor que antes me privasse do Reino dos Céus e a eles perdoasse. Mas o Senhor respondeu «Não os perdoarei: pois ensinam doutrinas humanas, e com a língua Me honram, mas o seu coração está longe de Mim...».

São Anatólio de Optina

(1917):

«As heresias espalhar-se-ão por todo o lado e seduzirão muitos. O inimigo do género humano agirá com astúcia, para, se possível, inclinar à heresia até os eleitos. Não rejeitará grosseiramente os dogmas da Santíssima Trindade, da Divindade de Jesus Cristo e da dignidade da Mãe de Deus, mas imperceptivelmente começará a distorcer os ensinamentos da Igreja transmitidos pelos Santos Padres pelo Espírito Santo, e o próprio espírito e estatutos dela, e essas astúcias do inimigo notarão apenas os mais experientes na vida espiritual.

Os hereges tomarão o poder sobre a Igreja, por todo o lado colocarão os seus servos e a piedade será desprezada... Por isso, meu filho, quando vires violações da ordem divina na Igreja, da tradição paterna e da ordem estabelecida por Deus — sabe que os hereges já apareceram, embora talvez até ao tempo ocultem a sua impiedade ou distorcerão a fé divina imperceptivelmente, para ainda mais conseguirem seduzir e atrair os inexperientes nas redes».

São João de Kronstadt:

«Governantes-pastores, o que fizestes do vosso rebanho? O Senhor pedirá contas das Suas ovelhas das vossas mãos!.. Ele vigia principalmente o comportamento dos arcebispos e sacerdotes, a sua atividade educativa, sacra, pastoral... A atual terrível decadência da fé e dos costumes depende em grande medida da frieza para com os seus rebanhos de muitos hierarcas e em geral do clero».

«...graças a ele as pessoas serão salvas»

Filosófico-esotérico pela forma, o Ensino da Vida é muito prático e vital pela essência e conteúdo. Como já foi dito, nele se fala sobre as melhores formas de resolver muitos problemas da vida, dão-se recomendações práticas para a autocura e auto cura. O significado desses conselhos muitas pessoas que se familiarizaram com o ensino dos Roerich já avaliaram.

A um número ainda maior de pessoas cabe fazê-lo no futuro.

Em nenhum ensino filosófico do mundo há predições tão detalhadas sobre o que espera a humanidade no futuro, e claro que nenhum profeta do mundo possuía tais conhecimentos relativamente ao que ajudará as pessoas a sobreviver ao tempo ameaçador da mudança de épocas cósmicas. Acrescentemos a isso que muitas predições dos Mestres de Shambhala sobre o futuro já se realizaram!

É precisamente por isso que Vanga, com a sua visão espiritual «vendo» o enorme valor deste Ensino para todo o mundo, lhe atribuía tal importância.

Quanto ao próprio Ensino da Vida, os seus autores nunca e de modo algum pretenderam «substituí-lo» às religiões, pois este ensino em si mesmo

não é de forma alguma uma religião. A Agni Ioga desperta, a cada ano que passa, um interesse crescente em todo o mundo, mas ninguém, em nenhum país do mundo, viu ainda uma «Igreja da Ética Viva» ou sacerdotes agni-iogues. Tal coisa não pode, em princípio, existir, porque o Ensino da Vida é um ensino filosófico, e não religioso. Os livros da Agni Ioga são lidos por seguidores de diferentes religiões, que neles encontram uma quantidade de coisas úteis e necessárias, desde a resolução de problemas espirituais até conselhos para reforçar a saúde. E neste ensino não há nada que contradiga os fundamentos das religiões mundiais, porque todas as religiões mundiais, nos seus fundamentos, ensinam às pessoas uma e a mesma coisa.

Capítulo sétimo Apocalipse

Para que serve o Apocalipse

A misteriosa data do fim do famoso calendário dos antigos maias — o ano de 2012 — não significa de forma alguma o ano do fim do mundo, como alguns publicistas escreveram nos seus artigos e livros. Trata-se apenas da data do fim de uma época cósmica, ou ciclo, e do início de outra, nova época. As épocas cósmicas, ou ciclos, são designadas nos ensinamentos do Oriente por períodos de tempo de enorme duração. Assim, a última época, segundo os cálculos dos maias, durou mais de 5000 anos. Quem e porquê dividiu toda a história da existência da Terra e da humanidade em ciclos? De acordo com o ensino da Agni Ioga, as antigas civilizações conheciam determinadas etapas da evolução da humanidade, que coincidiam com estes ciclos temporais. Ou seja, cada mudança de ciclos cósmicos significa a entrada da humanidade numa nova etapa da evolução cósmica. Ao mesmo tempo, ocorre também a mudança de raças — tipos históricos da humanidade.

Na filosofia esotérica, o conceito de raças significa algo diferente do que no entendimento comum moderno deste termo. As raças «esotéricas» diferenciam-se não apenas pela cor da pele ou por sinais externos dos seus representantes, mas principalmente pelo tempo do seu surgimento e existência na Terra, bem como pelos tipos espiritual e intelectual da sua evolução e, por fim, pelos sinais físicos. O ensino esotérico distingue na Terra cinco raças principais. Sobre as duas primeiras praticamente nada sabemos. A terceira raça são os lemurianos, habitantes do arcaico continente da Lemúria. A quarta raça são os atlantes, que povoavam a Atlântida, e a quinta raça é a nossa civilização contemporânea.

Segundo a filosofia esotérica do Oriente, a nossa raça surgiu há mais de um milhão de anos. (Evidentemente, o ensino esotérico sobre as raças não corresponde ao que a ciência histórica oficial diz sobre a história da humanidade.) O nosso tempo e a véspera do ano de 2012 são o tempo da mudança não só de épocas, mas, juntamente com elas, também das raças humanas. A quinta raça deve começar a ser substituída por uma nova raça, mais espiritual e perfeita, a sexta. O processo de mudança de raças não ocorre ao longo de, digamos, uma ou duas gerações. Este processo dura milénios. Por isso, é extremamente errado imaginar as mudanças apocalípticas na Terra

como uma substituição mecânica de uma comunidade de pessoas por outra. A nossa, quinta raça ainda existirá na Terra durante longos séculos. Mas, ao mesmo tempo, na Terra nascerão, a cada ano que passa, cada vez mais representantes da nova, sexta raça, mais perfeitos e espirituais do que nós próprios.

E os mensageiros da nova raça já apareceram na luz! Atualmente, são chamados em todo o mundo crianças-índigo. Estas crianças possuem capacidades espirituais-psíquicas surpreendentes e paranormais — clarividência, clariaudiência, telepatia e outras. As crianças-índigo são estudadas por cientistas de muitos países do mundo, e muitos dos investigadores consideram que o aparecimento dos índigo significa que na Terra se está a formar uma nova raça de pessoas, mais perfeitas do que nós próprios.

Parece que Vanga também previu o aparecimento na Terra de pessoas de uma nova raça.

Crianças-índigo — a sexta raça?

Vanga profetizou:

«Um novo e bom luz iluminará o ano de 1982 que se aproxima. Virão à terra novas almas... Estas novas almas espalharão à sua volta misericórdia e esperança. Virão pessoas enriquecidas de conhecimentos».

Eley, em grego, significa «misericórdia», e em sentido figurado — tranquilidade, esclarecimento. Ainda antes do início de 1982, Vanga previu o aparecimento na Terra de novos espíritos, «pessoas enriquecidas de conhecimentos»! E só nos anos noventa se tornou claro que na Terra havia aparecido um número significativo de crianças diferentes das outras. É interessante que o nome «índigo» tenha sido dado a estas crianças pela psicóloga-clarividente e bioenergoterapeuta Nancy Ann Tappe, que conseguiu ver a cor da aura destas crianças — as suas auras distinguem-se das auras das outras crianças por uma cor azul intensa.

Também aqui Vanga não se enganou! E, no entanto, neste prognóstico, foi antecedida pelos Mestres de Shambhala e pelos seus colaboradores. Já em 1934, E.I. Roerich anotava nas suas cartas:

«O tempo que a nossa humanidade terrena está a viver é o tempo da transição de uma evolução, na qual se desenvolveu o intelecto, para a evolução da espiritualidade, quando o espírito começará a predominar sobre o intelecto, e esta transição realiza-se na mudança de raças. Assim, a sexta raça começa a entrar nos seus direitos. (...) Precisamente a sexta raça deve iniciar uma nova era, e é penoso este período de preparação. Mas não se deve pensar que a sexta raça nasce numa única país ou nacionalidade, ela está amplamente difundida. Evidentemente, há sempre um núcleo principal dela…»

Roerich E.I. De carta de 23.06.34

E em 1964, o discípulo de N.K. Roerich, Boris Abramov, que também recebia mensagens espirituais-telepáticas dos Mestres de Shambhala, registou:

«...já entre as pessoas comuns aparecem precursores da sexta raça, dotados de sentimentos sutis mais desenvolvidos. E eles, multiplicando-se em número, começarão o desenvolvimento planificado da sexta raça».

«Grãos de Agni Ioga». T. 5, 1

Os investigadores do fenómeno índigo consideram que há mais destas crianças em três países do mundo: Estados Unidos, Rússia e China. Foi precisamente para elas, em primeiro lugar, que foi dado o Ensino da Vida, que contém em si conhecimentos sobre os fundamentos espirituais e os mistérios do universo.

Na Agni Ioga, além de conselhos simples, compreensíveis e úteis para todos, há também um profundo ensino filosófico sobre o mundo e o homem. Muitas pessoas consideram esta parte da Agni Ioga complexa, não acessível a todos. Porquê? Talvez porque foi dado à humanidade com muitos milhares de anos de antecedência, contando com um novo tipo de consciência mais perfeito e espiritual da nova raça. Evidentemente, às pessoas da nossa raça é necessário esforçar-se para compreender os fundamentos filosóficos do Ensino da Vida e aplicá-los com proveito para o desenvolvimento da sua consciência.

Como escrevia E.I. Roerich:

«Na mudança de raças é sempre dada uma Grande Revelação, e, como sempre, apenas as pessoas cujo consciência já pertence ao próximo degrau de desenvolvimento ou à raça vindoura podem percebê-la plenamente. Os restantes aproveitarão na medida em que puderem».

Roerich E.I. De carta de 23.06.34

O que diz então a Nova Revelação sobre as causas e consequências das mudanças naturais que em breve sobrevirão ao nosso planeta? E o que profetizou a este respeito Vanga, tal como, aliás, muitos outros clarividentes?

«Novas condições»

Na opinião de Vanga, no planeta deveriam sobrevir novas condições, cuja chegada a clarividente, por alguma razão, associava ao Novo Ensino. Como escrevia V.M. Sidorov:

«Apesar de todo o otimismo global da avó Vanga, nos seus prognósticos apareciam de vez em quando notas apocalípticas. Ela dizia que cada povo tem a sua estrela, que o satura de energia luminosa. No entanto, há exceções. Alguns povos, dizia ela, não têm estrela, mas sim um planeta. Pois bem: o Novo Ensino (segundo as palavras de Vanga, «branco-branco, como a neve») criará novas condições (segundo as palavras de Vanga, «tudo ficará branco-

branco, como leite»), nas quais estes povos não poderão sobreviver, pelo menos espiritualmente. Na atmosfera invulgar para eles, sufocarão. O povo que, em vez de estrela, tem um planeta ou — o que é o mesmo — uma estrela apagada, apagar-se-á também ele próprio, afirmava Vanga, como uma vela num vento demasiado forte».

V.M. Sidorov

Os povos da Rússia tiveram sorte. Nós temos a nossa «estrela», como dizia Vanga a este respeito. E o Novo Ensino veio em primeiro lugar para a Rússia!

Mas o que queria afinal dizer Vanga ao falar das «novas condições» que o Novo Ensino deveria criar? Quando «tudo ficará branco-branco, como a neve»... Como deve isto ser entendido?

Evidentemente, o Ensino por si só não pode criar novas condições no planeta. Vanga, muito provavelmente, exprimiu-se simplesmente de forma metafórica neste caso.

As novas condições no planeta serão criadas, mas não pelo ensino, e sim por mudanças naturais, que se tornarão a principal causa dos eventos apocalípticos — a mudança de épocas cósmicas e de raças. Em que consistirão concretamente estas mudanças naturais?

A esta pergunta só um ensino no mundo nos pode responder — precisamente aquele Ensino da Vida que Vanga chamou Bíblia de Fogo e sobre o qual disse que, graças a ele, as pessoas se salvarão.

O que nos diz ele sobre os tempos futuros e o Apocalipse?

Em 1934, Elena Ivanovna Roerich escrevia:

«A grande purificação ígnea aproxima-se. Por isso é tão importante purificar o seu pensamento e o coração e procurar assimilar os fogos espaciais».

Roerich E.I. De carta de 23.06.34

Na opinião dos criadores da Agni Ioga, as bruscas mudanças naturais que ocorrerão na viragem do terceiro milénio serão provocadas antes de mais pela alteração da energética espacial e pela chegada à Terra de novas energias cósmicas.

Estas energias terão uma natureza positiva, harmoniosa, e o seu impacto poderá purificar o campo energético do nosso planeta de todas as camadas nocivas que nele se acumularam durante todo o tempo da última época cósmica.

Provavelmente por isso Vanga disse que tudo ficará «branco-branco, como leite», referindo-se à natureza pura e espiritual destas energias.

A profetisa búlgara chamou ao ensino Agni Ioga «branco, como a neve» também porque ele é espiritual e puro na sua essência.

Mas apesar de as novas energias serem puras e harmoniosas, a sua chegada à aura, ou campo energético, do nosso planeta provocará na natureza cataclismos em grande escala e, na sociedade humana, epidemias de doenças perigosas.

Porquê que isto acontecerá?

Porque na Terra surgirá inevitavelmente uma discrepância entre a energia pura e espiritual dos raios cósmicos que chegam ao planeta e a energética negativa das camadas circum-terrestres. E quem poluiu a natureza com esta energética? Fomos nós, as pessoas! Os nossos pensamentos e sentimentos são energéticos na sua base. Quando pensamos em algo ou sentimos certas emoções, do nosso biocampo libertam-se no espaço energias de determinada qualidade, positivas ou negativas, conforme aquilo que pensamos ou sentimos.

As investigações científicas contemporâneas confirmaram o ensino da Ética Viva sobre a existência da energia psíquica e sobre o facto de os pensamentos e sentimentos das pessoas representarem poderosos tipos de energias. As energias dos pensamentos e sentimentos, irradiadas pela consciência do homem, acumulam-se na sua aura (biocampo) e no espaço circundante. Ao mesmo tempo, os sentimentos e pensamentos positivos — amor, benevolência, compaixão — exercem sobre tudo o que está ao redor, incluindo o próprio homem, uma influência benéfica e harmoniosa. Pelo contrário, a energética das manifestações psíquicas negativas — raiva, avareza, agressão — tem um carácter negativo e nocivo. O seu impacto destrutivo reflete-se não só no meio ambiente, mas também na saúde do seu «produtor» — o próprio homem.

E imaginem o que acontece: no biocampo do homem estão muito frequentemente presentes pensamentos e sentimentos negativos — ofensa, raiva, inveja, irritação. E se ele próprio não sente emoções negativas, então isso é feito com sucesso pelos seus familiares, amigos, vizinhos e simplesmente pelas pessoas que o rodeiam. Resulta que, de uma forma ou de outra, a aura de cada um de nós está repleta de uma quantidade considerável de energias negativas.

E, por outro lado, do espaço derrama-se sobre as nossas cabeças todo um fluxo de energias cósmicas invisíveis e não perceptíveis por nós, com uma carga positiva e harmoniosa. A discrepância entre a carga negativa do nosso biocampo e a carga positiva dos raios cósmicos que chegam ao planeta criará no futuro um desequilíbrio energético no nosso biocampo e afetará muito negativamente o estado físico do homem. Isto manifestar-se-á no surgimento de novos tipos de doenças, bem como na ampla disseminação de várias infeções víricas. Pois a imunidade depende antes de mais da vitalidade geral do organismo, e esta, por sua vez, é determinada pela quantidade de energia vital que existe no nosso biocampo. E de onde poderá vir esta energia vital, se

ela é literalmente devorada pelos próprios pensamentos e sentimentos negativos do homem, que se acumulam ao longo dos anos no seu biocampo-aura? E ainda por cima o efeito destrutivo da discrepância entre a energética do nosso biocampo e as vibrações das novas energias cósmicas que enchem o espaço à nossa volta!

É precisamente por isso que na Agni Ioga se diz que uma das principais manifestações do Apocalipse serão as epidemias de doenças infecciosas.

E a segunda manifestação típica do Apocalipse serão os cataclismos e desastres naturais. Pois não basta que tenhamos envenenado com os nossos pensamentos negativos o nosso próprio biocampo — ainda saturámos com a energia negativa do nosso pensamento toda a natureza. A energia dos pensamentos e sentimentos não desaparece no espaço com o tempo, acumula-se nele, como uma bola de neve! De que vale que não possa ser vista a olho nu — a radiação de uma explosão nuclear também não é visível no espaço, mas nem por isso o seu impacto se torna menos mortal!

Na Ética Viva diz-se que a discrepância entre as novas energias cósmicas e a energética negativa das camadas circum-terrestres gerará e já gera diversos cataclismos naturais — terramotos, erupções vulcânicas, oscilações climáticas destrutivas, inundações e furacões. A situação é significativamente complicada pelo perigoso estádio da crise ecológica global. Sobre as suas consequências advertiram o mundo os autores do Ensino da Vida. Falou sobre isso também Vanga.

Vanga profetizou ao mundo muitos cataclismos e abalos.

«Tudo o que está escrito na Bíblia se cumprirá! — dizia a profetisa. — Vem aí o Apocalipse».

Em 1995, ela disse:

«Sabem o que nos espera daqui a alguns anos? Terramotos, incêndios, inundações e outras desgraças, das quais sofrerão muitas pessoas. As infelicidades acontecerão por todo o lado, afetarão todos os povos...

Haverá menos pessoas no mundo... A carne de ovelhas, vacas e cabras não poderá ser consumida. E vocês não querem pensar em nada e não veem o que vos espera.

As pessoas andarão sem sapatos e sem roupa, viverão sem comida, combustível e luz».

E eis o que dizia a clarividente a respeito da crise ecológica e da perigosa poluição do meio ambiente em resultado da atitude negligente do homem para com a natureza:

«Não abusem dos adubos químicos, a natureza já está a sufocar com eles. Chegará o dia em que da Terra desaparecerão diversas plantas e animais... Primeiro o alho, a cebola e a pimenta. Depois desaparecerão as abelhas, e o leite tornar-se-á prejudicial para beber».

«Todo o ouro que agora está debaixo da terra sairá à superfície, e a água irá para debaixo da terra».

Vanga prognosticava também a escassez de água potável. Ela dizia:

«A água tornar-se-á mais cara do que o ouro». «Engarrafem a água».

Por mais que se gire, mas em grande parte o Apocalipse somos nós próprios que o criamos!

Os autores da Ética Viva enfatizam que o tempo do Apocalipse trará vítimas entre as pessoas não porque as novas energias cósmicas que virão à Terra sejam más pela sua natureza, mas porque as pessoas próprias poluíram os seus biocampos e a natureza que as rodeia com energia negativa do pensamento egoísta e espiritualmente baixo. Além disso, provocaram uma crise ecológica global com a sua atitude irrefletida e predatória para com a natureza.

Como ocorrerá então o Apocalipse? Em que se expressará?

«Não a paz, mas a espada...»

A ideia de um Apocalipse «energético» não é assim tão nova. Nas antigas profecias de muitos povos do mundo falava-se de que, na hora marcada, um certo fogo celestial viria do Cosmos à Terra para a purificar da impureza. Por «fogo celestial», nas fontes antigas, entendiam-se, evidentemente, as energias cósmicas superiores. Na Agni Ioga, a energética cósmica superior também é designada por «fogo». A palavra sânscrita «Agni», que figura no segundo nome do ensino da Ética Viva — Agni Ioga — significa «fogo».

A ideia da chegada à Terra de novas energias cósmicas encontrou reflexo também na conhecida afirmação evangélica de Cristo:

«Fogo vim lançar à terra, e que quero eu senão que ele já se tenha aceso!»

As antigas tradições sobre o fogo cósmico purificador, lançado à terra para destruir todo o mal e libertar o mundo da impureza, não são assim tão ingénuas como parecem à primeira vista. Por vezes, basta substituir a palavra «fogo» pela palavra «energia» para que os mais antigos tratados filosóficos falem connosco numa linguagem quase científica.

Seja como for, a mudança da energética espacial não pode deixar de exercer um certo impacto na humanidade. Em que consistirá ele?

Como se sabe, qualquer alteração da energética cósmica — a começar pelas erupções no Sol — provoca uma reação tanto na psique como em todo o organismo humano. O reforço das energias espaciais, que ocorrerá sob a influência de fatores naturais «apocalípticos» (nos quais, aliás, a energética solar terá um papel não pequeno), exercerá um poderoso impacto na saúde de cada pessoa em concreto. Sob a influência das novas ondas espaciais, a tensão energética do biocampo de cada pessoa aumentará bruscamente. E,

juntamente com ela, reforçar-se-ão também as qualidades morais de cada pessoa. Pois os pensamentos e sentimentos habituais para cada um de nós, que em grande parte determinam as nossas qualidades morais, também são energias. Resulta que as energias do Cosmos reforçarão aquelas energias que se encontram no nosso biocampo-aura. E, sob a influência deste duplo impacto energético, começarão a ocorrer mudanças nas pessoas!

Como se diz na Ética Viva, o primeiro estágio da alteração da bioenergética das pessoas expressar-se-á num reforçado manifestação das verdadeiras qualidades espirituais-morais de cada um de nós. Por outras palavras, todo o potencial moral-ético do homem manifestar-se-á já não só nos seus pensamentos e sentimentos, mas também no seu modo de vida e comportamento, ou seja, em atos concretos. Lembram-se do que profetizou Vanga? Ela previu que, nos tempos pré-apocalípticos, entre as pessoas criar-se-iam ligações frágeis e duvidosas, condenadas ao colapso logo no início. Os sentimentos desvalorizar-se-ão fortemente, e apenas a falsa paixão, ou melhor, a ambição e o egoísmo tornar-se-ão estímulos nas relações humanas.

«Em breve, na vida das pessoas sobrevirão grandes mudanças. As pessoas mudarão até ficarem irreconhecíveis. Os novos tempos serão marcados por muitos sinais, que começarão a manifestar-se em 1990... Cidades e aldeias ruirão devido a terramotos e inundações, cataclismos naturais abalarão a terra, as pessoas más ganharão vantagem, e haverá uma infinidade de ladrões, delatores e prostitutas».

«Ligações inconstantes e duvidosas surgirão entre as pessoas e desfar-se-ão, sem tempo para se consolidarem, logo no início. Os sentimentos desvalorizar-se-ão completamente, e apenas a fingimento, a vaidade e o egoísmo estimularão as relações».

«Por vezes vejo uma imagem que também terá lugar na Bulgária: as pessoas afundar-se-ão na depravação e começarão a copular diretamente nas ruas. Se soubessem o preço que terão de pagar por isso, nunca chegariam a tal ponto».

Vanga previu que, no nosso tempo, no planeta haverá muitos conflitos, choques, alienação mútua e malevolência:

«Orai para que Deus poupe o homem, pois ele enlouqueceu na sua odio ao próximo».

No ensino da Agni Ioga, o tempo de uma divisão tão brusca das pessoas pelos polos do bem e do mal foi chamado Armagedão, pelo nome da batalha bíblica entre o bem e o mal.

Muito antes das profecias de Vanga, Elena Ivanovna Roerich escrevia sobre estes tempos difíceis:

«O Armagedão não deve ser entendido apenas como uma guerra física. O Armagedão está cheio de perigos inumeráveis. As epidemias estarão entre os menores desastres. O principal efeito pernicioso será na perversão psíquica.

As pessoas perderão a confiança, habituar-se-ão a aperfeiçoar-se no dano mútuo, aprenderão a odiar tudo o que existe para além da sua morada, cairão na irresponsabilidade e afundar-se-ão na depravação».

Roerich E.I. De carta de 10.09.38

Haverá uma Terceira Guerra Mundial?

Uma das questões que mais interessam às pessoas, relacionadas com o Apocalipse, diz respeito à Terceira Guerra Mundial. Pois em algumas profecias diz-se que a Terceira Guerra Mundial é possível e, se acontecer, tornar-se-á indubitavelmente o início do fim. Em particular, havia alusões à possibilidade de uma Terceira Guerra Mundial também nas profecias de Nostradamus.

Haverá ou não uma Terceira Guerra Mundial?

Renyo Nero, Edgar Cayce e Vanga não previram a Terceira Guerra Mundial.

Como recordava o escritor e poeta V.M. Sidorov das suas encontros com Vanga:

«Deve dizer-se que todos os prognósticos globais da avó Vanga eram animadores. «A guerra não haverá», afirmava ela na altura em que o confronto nuclear atingiu o ponto crítico, quando o mundo pendia por um fio que qualquer acaso ou negligência poderia romper, para não falar de má intenção».

Sidorov V.M. «Ludmila e Vangelia»

Além disso, ao dizer que não haverá uma nova repartição do mundo, Vanga afirmava que todos os eslavos se unirão. Haverá algo como um Império Pan-Eslavo.

No entanto, Vanga previa também que, no nosso tempo, no planeta haverá muitos conflitos e choques, digamos, de carácter local.

E.I. Roerich dizia que a Hierarquia da Luz não permitirá o desencadeamento na Terra de uma Terceira Guerra Mundial, pois, nas condições existentes, isso significaria o fim de todo o planeta:

«Nenhuma destruição com bombas atómicas será permitida, pois isso significaria o fim da nossa Terra. As Forças da Luz estão de vigia, e os Raios dos novos Astros são os melhores ajudantes para a recuperação da atmosfera. Eles podem remover todos os detritos não só entre nós, mas em todo o Sistema Solar. A conveniência cósmica manifesta-se como Justiça Cósmica».

Roerich E.I. De carta de 06.09.48

«A guerra mundial não será permitida, ou melhor, será cortada pela intervenção das Forças Cósmicas. Mas em que se transformará e quão terrível pode ser o golpe contra aqueles que o brandiram? Pode desabar como um bumerangue. O nosso país será protegido, será o país vitorioso: assim foi ordenado e escrito nas runas estelares. Todos os que estiverem com ele

partilharão a sua vitória. Assim, as balizas foram mais uma vez colocadas e afirmadas. Lembrai-vos sempre do Grande Escudo. Os dias luminosos após a escuridão são particularmente brilhantes. E estão próximos...».

Roerich E.I. De carta de 26.08.50

No entanto, tanto E.I. Roerich como Vanga previam que, devido à rápida divisão moral da sociedade e à atividade do princípio sombrio no homem, os tempos pré-apocalípticos serão marcados por numerosos excessos sociais.

E.I. Roerich escrevia:

«A guerra mundial não haverá — apenas alguns choques».

Roerich E.I. De carta de 18.02.55

Vanga também previa guerras locais:

«A guerra estará em todo o lado, entre todos os povos...»

Todos estes choques pré-apocalípticos trarão não pouco sofrimento às pessoas. Isto acontecerá porque, sob a influência de poderosas energias cósmicas, a essência moral das pessoas manifestar-se-á com particular força. Aqueles que tendiam para o mau tornar-se-ão ainda piores do que eram antes. Mas, em compensação, aqueles que tendiam para o bem tornar-se-ão ainda mais bondosos e puros!

É verdade que, no primeiro tempo, quando na Terra se manifestar de repente tanto mal, será difícil para as pessoas bondosas e luminosas... Mas o que se há de fazer!

Este processo de divisão de toda a humanidade pelos polos do bem e do mal é chamado, no Ensino da Vida, polarização. Os autores da Agni Ioga enfatizaram particularmente que as profecias sobre aqueles tempos, quando cada pessoa terá de escolher de que lado ficar — do lado do bem ou do mal — , foram dadas às pessoas há ainda 2000 anos, e disso se fala nos Evangelhos. Quando Cristo disse: «Não vim trazer a paz à terra, mas a espada», referia-se à espada da divisão e do confronto entre o bem e o mal.

Ao fazer a escolha entre o bem e o mal, o homem realiza assim sobre si próprio o último, ou Terrível, Juízo, pois da sua escolha depende todo o seu futuro. Se antes havia aqueles «não alinhados», que não podiam manifestar a sua natureza moral num único polo e oscilavam de um para o outro, as novas condições naturais forçarão inevitavelmente todos e cada um a manifestar determinadamente as suas qualidades morais — e a aderir quer ao polo do bem, quer ao polo do mal. E então, entre os luminosos e os sombrios, estender-se-á uma invisível linha divisória, ou... a espada divisora — segundo as palavras de Cristo. Segundo os autores da Agni Ioga, Cristo disse isto precisamente sobre a futura divisão das pessoas pelos polos da luz e das trevas, do bem e do mal.

Na Agni Ioga diz-se que o Juízo Superior sobre a humanidade, «prometido» por todas as religiões, representa na realidade a divisão da sociedade pelos polos da luz e das trevas e a subsequente retribuição a cada pessoa pela escolha que ele próprio fez:

«...agora é o tempo da grande divisão e todas as pessoas se distribuem pelos polos da Luz e das trevas. A espada divisora, que o Senhor trouxe, não é um símbolo, mas uma realidade, e já não só daquele tempo passado, mas também do presente. Este é o Juízo, que cada um cria sobre si próprio. Cria-o ele próprio, pois cada um tem em si um juiz. O tempo da grande divisão é o tempo do Juízo. Da decisão e escolha do homem de ficar do lado da Luz ou das trevas depende todo o seu futuro, pois a humanidade encontra-se na rutura do mundo antigo e na transição da Kali Yuga1, Yuga das trevas, para a Satya Yuga2, Yuga da Luz».

«Grãos de Agni Ioga»

1 Kali Yuga — «Era Negra», época da queda da espiritualidade na sociedade, que na realidade já terminou. Vivemos num tempo de transição, mas ainda sujeitos à ação das antigas energias da época que se esgota. — Nota do aut.

2 Satya Yuga — época do renascimento espiritual e do florescimento, «idade de ouro» da humanidade. — Nota do aut.

Sobre este episódio dramático das mudanças apocalípticas na sociedade fala-se também noutras afirmações evangélicas:

«E serão reunidas diante dele todas as nações; e separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos...»

Do Mateus, 25:32

A época da divisão da humanidade pelos polos do bem e do mal foi prevista não só pelo autor do bíblico «Apocalipse» João, mas também por clarividentes de tempos mais próximos de nós, em particular Renyo Nero. Ele escrevia que, nos tempos apocalípticos, o mundo dividir-se-á em negros e brancos — muito provavelmente, tratava-se daquela mesma divisão.

Nas anotações do discípulo de N.K. Roerich, B. Abramov, diz-se:

«(...) como separar as ovelhas dos cabritos no processo da grande e última divisão da humanidade, sem dar possibilidade a todos de revelar o seu verdadeiro rosto, e manifestar a sua essência, e decidir o seu destino já para todo o futuro. Eis por que agora do fundo sobem todos os detritos da humanidade, para que tudo o que for capaz se mova mais adiante, e o que não puder ascender se afunde nas trevas de onde subiu, e da planeta se vá. Nas novas condições, aos sombrios não haverá lugar no planeta».

«Grãos de Agni Ioga», t. 7, 376

A seguir ao primeiro estágio preliminar da «limpeza» apocalíptica, virá o segundo, o conclusivo.

O segundo estágio da reorganização do mundo «sancionada» pelo Cosmos afetará já não só as condições espirituais-psíquicas, mas também as condições físicas da vida das pessoas. Isto consistirá no facto de que às pessoas que escolheram para si o caminho do bem e que carregam na sua consciência pensamentos e sentimentos luminosos (e, como consequência, energias positivas!), as novas energias cósmicas darão um poderoso impulso criativo — o apoio da própria natureza. Elas poderão não só continuar a sua existência nas condições naturais alteradas, mas também reforçar a sua saúde.

Mas os membros da sociedade que se colocaram no caminho do egoísmo e do mal não poderão continuar a sua existência nas condições da energética alterada.

Vanga predizia que muitas pessoas morrerão de diferentes desgraças, doenças e cataclismos. Quanto a quem está destinado a salvar-se e quem a perecer, ela disse, na realidade, o mesmo que se diz na Agni Ioga:

«Os bondosos sobreviverão, e os maus, que se consideram inteligentes, perecerão. Muitíssimos perecerão».

Como sempre nos cataclismos naturais, haverá também vítimas inocentes das perturbações apocalípticas. Na Agni Ioga diz-se que vítimas das mudanças naturais podem tornar-se também pessoas boas, mas que, por alguma razão, não desenvolveram em si um potencial suficiente de energia vital (na Agni Ioga ela é chamada energia psíquica).

E é precisamente pelo seu potencial que se determinará a possibilidade de sobrevivência do homem nas condições naturais que mudam bruscamente.

A julgar pelas previsões de muitos clarividentes (incluindo Vanga), tais podem ser muitos.

É precisamente por isso que, no Ensino da Vida, é dada às pessoas todo um sistema de conhecimentos sobre como reforçar o potencial de energia psíquica dado ao homem pela natureza, o que deve ser a base do seu reforço e desenvolvimento.

Novas doenças

Vanga, Nostradamus, Renyo Nero e outros clarividentes diziam que, durante o Apocalipse, à humanidade ameaçarão dois fatores principais: o primeiro são os cataclismos naturais, e o segundo as perigosas doenças epidémicas. Até a vulgar gripe, que todos nós conhecemos não de ouvir dizer, nos tempos apocalípticos pode causar grandes desgraças. Vários vírus — agentes causadores de doenças infeciosas — sob a influência de poderosas energias cósmicas adquirirão a capacidade de se reproduzir intensamente e, além disso, de mutar, criando novos estirpes, atrás dos quais à ciência médica não será assim tão simples acompanhar na busca de novos tipos de vacinas.

E há doenças ainda mais terríveis do que as constipações!

Ao prever o aparecimento do SIDA em 1981, Vanga disse que contra esta doença os médicos criariam um medicamento. Mas a desgraça é que depois aparecerão novas doenças, que se revelarão ainda mais perigosas do que o SIDA.

«Encontrarão medicamento para o SIDA, será ele de ferro, pois é precisamente ferro que falta no organismo humano. Mas virá outra doença, mais terrível do que o cancro e o SIDA».

Estas palavras Vanga pronunciou-as em estado de transe, no templo de Santa Petka em Rupite, em 1995.

Sobre novas doenças que podem levar a grandes vítimas, Vanga falava de forma ainda mais determinada:

«Aparecerão muitas doenças até agora desconhecidas — afirmava Vanga. — As pessoas cairão na rua sem causa visível, mesmo que antes não tivessem qualquer doença». Ao mesmo tempo, a clarividente afirmava que isto ainda pode ser evitado, tudo está nas mãos das pessoas.

Outros clarividentes e profetas também previam o aparecimento de perigosas novas doenças, que podem levar muitas vidas humanas.

A clarividente venezuelana María Esperanza falava do aparecimento de um novo vírus, que seria muito mais perigoso do que o SIDA. Desta doença, as pessoas morreriam em questão de dias. Ela falava também de que, pouco depois do aparecimento desta nova doença, seriam criados medicamentos contra ela e contra o SIDA, mas a população do planeta, até lá, teria diminuído significativamente.

Matrona de Moscovo também profetizou:

«Sem guerra, todos morrereis, haverá muitas vítimas, todos os mortos na terra jazereis. À noite, todos estareis na terra, e de manhã levantar-vos-eis — e tudo irá para debaixo da terra».

Então, o que nos ameaça? Que doenças desconhecidas se abaterão sobre as pessoas e por que razão?

A resposta a estas perguntas só pode ser encontrada no Ensino da Agni Ioga. E neste mesmo ensino fala-se de como evitá-las e do que se tornará o principal meio de cura destas doenças[1].

[1] Sobre a natureza das novas doenças, designadas por «ígneas», e sobre as causas das epidemias vindouras fala-se no livro de A. Marianis «2012: Apocalipse de A a Z». M.: EKSMO, 2009. — Nota do red.

Aliás, outro clarividente eslavo, o sérvio Mitar Tarabić, a respeito de uma perigosa nova doença que pode ceifar muitas vidas, dizia:

«Uma doença atingirá o mundo inteiro, e ninguém conseguirá tratá-la. Alguns dirão: «Eu sei, eu sei fazer, sou científico e superei todas as ciências», mas ninguém poderá fazer nada. As pessoas andarão à procura, mas nunca encontrarão o medicamento, e ele, com a ajuda de Deus, estará ao lado delas e nelas próprias».

Mitar Tarabić

Aproximadamente o mesmo se diz no Ensino da Vida. O principal meio de cura de todas as doenças da época apocalíptica estará no próprio homem! Basta saber como utilizá-lo.

Na Ética Viva está exposto todo um ensino sobre o que salvará as pessoas das novas doenças e as ajudará a adaptar-se às novas energias espaciais.

Vanga deixou ao mundo uma previsão também sobre os prazos do Apocalipse. A este respeito, ela dizia:

«Vem aí o Apocalipse. Então, vós não vivereis, mas os vossos filhos viverão!»

Na realidade, não falta esperar assim tanto tempo...

Seja como for, não vale a pena pensar que o Apocalipse e a mudança de épocas cósmicas terão apenas consequências negativas. Eis o que disse Vanga relativamente à futura época que se seguirá aos cataclismos apocalípticos:

«Digo a todos que a nossa consciência mudará, as pessoas tornar-se-ão mais bondosas. O novo tempo exige um novo pensamento, uma outra consciência, pessoas completamente novas, para não perturbar a harmonia no Universo».

Sidorov V.M. «Ludmila e Vangelia»

E, finalmente, particularmente otimistas foram as previsões de Vanga sobre o futuro da Rússia.

CAPÍTULO OITAVO

O FUTURO DA RÚSSIA

CATACLISMOS MUNDIAIS E A RÚSSIA

Ao prognosticar desgraças e cataclismos na Terra, Vanga, no entanto, disse que os cataclismos não atingirão todos ao mesmo tempo, no planeta haverá focos isolados de desastres.

O mesmo afirmava nas suas profecias sobre o Apocalipse Edgar Cayce. Ele dizia que as terríveis destruições apocalípticas não afetarão todos os países.

De acordo com o Ensino da Vida, a Rússia tornar-se-á um dos lugares mais seguros do mundo no período das mudanças apocalípticas no planeta. O mesmo se aplica ao centro da Ásia.

Como escrevia E.I. Roerich:

«O centro da Ásia nunca foi atingido por qualquer cataclismo e por isso sempre existiu e existirá até ao próprio fim da nossa Manvantara».

Roerich E.I. De carta de 27.08.38

Edgar Cayce dizia que a placa continental em que se encontra a maior parte da Rússia será a mais estável, e os cataclismos sísmicos praticamente não a atingirão. O centro da futura civilização o clarividente americano considerava a Sibéria Ocidental. Sobre estes lugares «protegidos» fala-se muito também no ensino da Agni Ioga. A Sibéria e o Altai os Roerich consideravam a parte mais sagrada do nosso país, o centro do futuro renascimento espiritual da Rússia.

Sobre o futuro da Rússia, Vanga dizia:

«Não há força que possa quebrar a Rússia. A Rússia desenvolver-se-á, crescerá e fortalecer-se-á. (...) Demasiado foi sacrificado. Ninguém poderá parar a Rússia. Tudo varrerá do seu caminho e não só se preservará, mas também se tornará senhora do mundo».

Sidorov V.M. «Ludmila e Vangelia»

A mesma ideia repetiu numa conversa com o vice-presidente da União Russa de Empresários Yu. Sakhanov, que se encontrou com ela em abril de 1996:

«A Rússia é a mãe de todas as potências eslavas. Aqueles que dela se afastaram regressarão sob nova forma. A Rússia não desviará do caminho das reformas, que no fim de contas levarão ao crescimento da sua força e poder».

Sobre a grande missão espiritual da Rússia adivinharam-na muitos grandes vultos espirituais, profetas e clarividentes de épocas passadas.

Vivendo no século XIX, o eminente vulto público e mestre espiritual da Índia Vivekananda dizia que a Rússia se tornará o líder espiritual do mundo. No futuro, será precisamente a ela que está destinado conduzir toda a humanidade à perfeição espiritual. Mas o caminho lhe será indicado pela Índia!

O mestre de Vivekananda, o grande vulto e santo indiano Ramakrishna, pouco antes da sua morte, disse aos discípulos que na sua próxima vida nasceria precisamente na Rússia. Prevendo a grande missão espiritual destinada ao nosso país, Ramakrishna queria servir essa missão.

A respeito do futuro do nosso país, Vanga comunicou a V. Sidorov uma profecia muito interessante:

«Agora chamais-vos União. Mas regressará a antiga Rússia e chamar-se-á tal como no tempo de São Sérgio[1]. Todos reconhecerão a sua superioridade espiritual, e a América também.

Isto acontecerá daqui a 60 anos.

Antes disso, três países aproximar-se-ão — a China, a Índia e a Rússia».

[1] Trata-se do venerável Sérgio de Radonezh. — Nota do aut.

A primeira parte desta profecia já se cumpriu — a URSS desagregou-se, regressou a antiga Rússia. Esta previsão V. Sidorov ouviu-a de Vanga em 1979. Consequentemente, segundo as profecias de Vanga, o florescimento no nosso país deverá ocorrer (1979 + 60) aproximadamente em 2039—2040.

É interessante que o florescimento da Rússia, e praticamente na mesma altura, foi prognosticado também pelo grande médico e cientista da Idade Média Paracelso, que deixou ao mundo não só tratados médicos, filosóficos e de ciências naturais, mas também interessantes profecias sobre o futuro.

Sobre a Rússia, Paracelso escrevia que chegarão tempos em que «brilhará a luz divina da montanha dos hiperbóreos, e vê-la-ão todos os habitantes da Terra».

Hiperbórea, nos tempos de Paracelso, os europeus chamavam à Rússia. Paracelso considerava que isto poderia acontecer 500 anos após a sua morte.

Paracelso morreu em 1541. 1541 + 500 anos = 2041.

O protetor espiritual da Rússia

Em que consiste o segredo da grande missão destinada ao nosso país? Não será no facto de a Rússia ter os seus protetores e intercessores celestiais? Tanto Vanga como os Roerich afirmavam que é precisamente assim.

Nas cartas de E.I. Roerich fala-se de que a Rússia tem um invisível protetor espiritual — o venerável Sérgio de Radonezh, que não abandonou o país que amava mesmo após a sua partida do plano terreno da existência.

Os Roerich veneravam santamente a memória deste santo e consideravam-no o maior vulto não só da Rússia, mas de todo o mundo.

Em 1938, E.I. Roerich escrevia:

«Todos os russos que purificaram o seu coração e ampliaram a consciência nestes anos de sofrimentos devem preparar-se para em breve realizar a proeza no seu país. Sabeis que à frente da nossa pátria está o mais poderoso Protetor, precisamente o seu Construtor e Educador do espírito do povo, o Venerável Sérgio de Radonezh. As sementes por Ele lançadas não morreram e vivem nas profundezas do povo. Nos prazos destinados brotarão com maravilhosos rebentos. Eis que a Lavra da Trindade-Sérgio já se está a restaurar, e ao povo recordam a milagrosa proteção da pátria pelo seu Fundador contra os tártaros e os polacos. É notável também que, aparentemente, ninguém se perturba com o facto de a ajuda contra os polacos ter sido manifestada pelo Venerável já em corpo sutil[1]. Todas estas balizas, que são dadas, para compreender o grande tempo vindouro».

Roerich E.I. De carta de 08.03.38

[1] Trata-se de visões de Sérgio a diversos vultos da Rússia já após a sua morte. — Nota do red.

É interessante que a profetisa búlgara, numa conversa com V.M. Sidorov, também chamou a Sérgio «o maior santo», que agora mais ajuda todo o mundo, e especialmente — a Rússia.

Eis como transmite a sua conversa com Vanga sobre o Santo Sérgio V.M. Sidorov na sua obra «Ludmila e Vangelia»[1]:

«Vanga:

— Veneram na Rússia o santo Sérgio?

— Pouco — respondo eu. — Principalmente na igreja[2].

Vanga:

— Vejo um mosteiro. (Confirmo que na Lavra da Trindade-Sérgio se encontram as relíquias do venerável Sérgio.) Este é o coração da Rússia. Ele é um grande profeta. Não é um santo simples, é o principal santo russo.

Com energia inesperada:

— Não há força que possa quebrar a Rússia. A Rússia desenvolver-se-á, crescerá, fortalecer-se-á.

[1] Recentemente esta obra de V.M. Sidorov foi reeditada sob o título: «Vanga. Rússia. 2010, 2012, 2029, 2041». M.: EKSMO, 2010. — Nota do red.

[2] A conversa de V. Sidorov com Vanga ocorreu em 1979, ou seja, nos tempos do domínio da ideologia comunista, quando a igreja desempenhava de modo algum um papel tão significativo na vida da sociedade como agora. — Nota do red.

E acrescenta que estas não são palavras dela, mas palavras do Santo Sérgio.

— Vejo — continua Vanga —, ele segura a Rússia na palma da mão. Vejo uma igreja pairando no ar. Vejo pessoas com lanças e elmos.

— Vanga — interrompo-a eu —, estás a dar uma descrição exata de um quadro de Roerich.

— Que quadro é esse? — pergunta Vanga.

— É pouco conhecido, porque não o expõem. Nele está representado o Santo Sérgio, que segura nas mãos uma catedral, simbolizando a Rússia. Ele abençoa os guerreiros — visíveis ao fundo do quadro —, que vão para a batalha de Kulikovo. A legenda do quadro diz: «Foi dado ao Santo Venerável Sérgio salvar três vezes a Terra Russa. A primeira vez com o príncipe Dmitri, a segunda com Minin. A terceira» — segue-se reticências.

— Por que não o expõem?

— Por causa da inscrição profética.

Vanga como que olha para o longe. Comunica:

— O quadro foi pintado por quatro almas, que vieram de outro mundo. Poucos sabem deste quadro. É preciso que muitos saibam dele, que todos saibam. Guardai o quadro como a menina dos olhos. É um grande documento, é a maior riqueza da Rússia. Não o envieis para outros países. Ele está destinado apenas à Rússia.

E, como que concluindo o dito, exclama:

— Aquele que foi o Santo Sérgio agora é o maior santo. Ele é o condutor de toda a humanidade. Oh, como ele ajuda agora a humanidade! Transformou-se em luz, o seu corpo é de luz».

As enigmáticas palavras de Vanga sobre o facto de o quadro com a imagem do Santo Sérgio ter sido «pintado por quatro almas» estão cheias de particular significado. O autor do quadro é, evidentemente, o grande pintor russo Nikolai Konstantinovich Roerich. Mas a família Roerich representava como que um monólito espiritual, enviado à Terra pelos Mestres de Shambhala para cumprir no mundo uma grande missão de esclarecimento. Provavelmente por isso a Vanga pareceu que o quadro foi criado precisamente por quatro almas — toda a família Roerich, cujos membros eram pessoas extraordinariamente talentosas.

Com a sua surpreendente visão espiritual, Vanga «viu» também a imagem de Nikolai Roerich, e, a julgar por tudo, tanto a externa como a interna.

Como escreve V.M. Sidorov:

«Uma vez ela comunicou-me que sentia a presença de Nikolai Roerich. Não me contive da tentação de mais uma vez verificar o dom clarividente de Vanga. Perguntei:

— E de que cor são os olhos de Roerich?

O facto é que muitos — eu sabia-o — por alguma razão consideram que os olhos dele são castanhos ou pretos. Mas Vanga respondeu imediatamente e sem erro:

— Azuis-azuis.

Após uma pequena pausa acrescentou:

— Mais exatamente: celestiais. Como os de Cristo...

V.M. Sidorov

E a Svyatoslav Roerich, o filho mais novo de N.K. Roerich, Vanga disse sobre quem tinha sido o seu pai de forma ainda mais concreta.

Svyatoslav Nikolaevich Roerich veio à Bulgária em visita oficial no âmbito das relações culturais entre a Bulgária e a Índia em 1978. Sabendo que Vanga se relacionava com muita reverência com a memória dos Roerich e com o Ensino da Vida, difundido pela família Roerich em todo o mundo, o famoso pintor visitou a clarividente búlgara. Durante o encontro, Vanga disse-lhe:

«Vejo o Tibete e os Himalaias. Lá, nesses lugares, começou a mais antiga história da humanidade... O teu pai foi um homem não terreno. Não só pintor, mas também profeta. Todos os seus quadros são visões. Deves continuar a sua obra».

Durante essa conversa, Vanga falou a Svyatoslav Roerich também sobre o que bem sabiam todos os membros da família Roerich: os quadros de Nikolai Roerich não são simplesmente obras de arte. Eles contêm em si conhecimentos espirituais ocultos, um sentido superior, que apenas pessoas espiritualmente refinadas podem compreender.

Mas voltemos a como Vanga percebia o Mestre espiritual dos Roerich, que numa das suas encarnações passadas foi precisamente «o santo Sérgio», como chamava a profetisa búlgara o venerável Sérgio de Radonezh.

Segundo o testemunho de V. Sidorov, em Vanga produziu uma enorme impressão o retrato do Mahatma Morya.

Como escrevia V.M. Sidorov:

«Existe um retrato do Mestre de Blavatsky, que se tornou posteriormente também Mestre de Roerich, reproduzido numa das primeiras edições do seu livro «Das cavernas e selvas do Hindustão». Segundo o seu testemunho, o retrato foi feito de modo invulgar. Invulgar é o rosto, que atrai a si como um íman, em particular — os olhos. A força do seu olhar foi sentida por muitos. Eu também.

Ludmila contava que viu este retrato pela primeira vez após a catástrofe. «O rosto pareceu-me dolorosamente familiar. Senti imediatamente que era o Mestre, que era o meu Mestre».

Decidimos — como uma espécie de experiência — mostrar a fotografia do retrato à avó Vanga. O facto de ela ser cega, neste caso, não tinha importância. Já várias vezes tivemos oportunidade de observar como a fotografia servia para ela de ponto de apoio. Ela colocava as mãos sobre a imagem da pessoa e como que entrava em contacto com os seus pensamentos. Como resultado — dava uma descrição exata não só dos traços externos da pessoa, mas também da sua biografia, particularidades do seu carácter etc.

Foi o que fizemos. Meu Deus! O que aconteceu com Vanga! Estremeceu, como se tivesse tocado num fio elétrico descarnado. Nunca a vi em tal estado de espírito.

— Por que não deste antes a fotografia? — exclamou excitada. — Ele está aqui. Está convosco. Por alguma razão, surge perante mim a Sibéria. Ele é russo, esteve na Rússia?

— Não. É indiano. É o Mahatma Morya.

Vanga:

— Ele é o protetor de Moscovo, ou melhor, é o protetor da Rússia. Já o tinha visto antes, só não sabia quem era.

Para fazer prazer à avó Vanga, propus:

— Toma de presente este retrato.

— Não — respondeu ela, assustada. E afastou a fotografia para o lado. — Ele vai-me atrapalhar.

Um pouco mais calma, disse:

— À minha casa vêm espíritos, muitos, muitíssimos espíritos. Mas este espírito — o mais forte de todos os que eu conheço — nunca ultrapassa o limiar do quarto. Fica sempre do lado de fora da porta. É difícil olhar para ele, porque brilha como o sol. Por vezes vejo-o num cavalo branco e com uns olhos que causam medo.

Recusou a fotografia, mas recomendou-nos que tivéssemos sempre connosco esse retrato.

— Guardem-no obrigatoriamente no bolso esquerdo. Ele deve interagir (especialmente quando planeiam ou realizam algo importante) com as correntes do vosso coração.

As encarnações do Mahatma M.

Como já foi dito, com o seu dom clarividente, Vanga conseguia penetrar sem dificuldade não só na vida passada das pessoas que vinham ter com ela, mas também nas suas encarnações anteriores. «Viu» uma vez também a encarnação anterior do Mestre espiritual dos Roerich, o Mahatma M.

Segundo as palavras de V. Sidorov,

«Mas eis o que era extremamente curioso. Vanga, segurando nas mãos a fotografia do Mahatma Morya, perguntou por alguma razão:

— Este é o retrato de São Sérgio?

— Não — respondi eu.

Vanga, pensativa, continuou:

— Sim, na fotografia não é o santo Sérgio. No entanto, vejo duas faces, dois corpos, mas uma só alma.

Evidentemente, Vanga nem suspeitava o quão exatamente captou a essência da conceção roerichiana, segundo a qual São Sérgio é uma das encarnações do Mestre Morya.

Disse-lho. Mas tal interpretação não perturbou minimamente a avó Vanga. Apenas acrescentou:

— Que saibam que ele teve dois corpos.

E de novo:

— Este espírito sempre foi o protetor da Rússia».

«O Novo Ensino virá da Rússia»

Foi precisamente o Mestre espiritual dos Roerich, o Mahatma M., o autor do novo ensino filosófico de que tanto falava Vanga e no grande futuro do qual ela tão santamente acreditava.

«O Novo Ensino virá da Rússia — profetizava Vanga. — A Rússia será pura, haverá a Fraternidade Branca na Rússia. Dali o Ensino começará a sua marcha por todo o mundo».

B.M. Sidorov

Vanga considerava que era precisamente com este ensino que devia estar ligada a grande missão espiritual destinada à Rússia no futuro e que muitos profetas e vultos espirituais de diferentes países do mundo previram.

O grande profeta americano Edgar Cayce dizia que à Rússia está destinada do alto uma missão espiritual de significado mundial.

«A missão dos povos eslavos consiste em mudar a essência das relações humanas, libertá-las do egoísmo e das grosseiras apegos materiais, restaurá-las numa nova base — no amor, na confiança e na sabedoria», afirmava o clarividente.

Como escrevia Cayce:

«Da Rússia virá ao mundo a esperança — não dos comunistas, não dos bolcheviques, mas de uma Rússia livre! Passarão anos até que isso aconteça, mas precisamente o desenvolvimento religioso da Rússia dará ao mundo a esperança».

O conceito generalizado de «desenvolvimento religioso da Rússia» nas palavras de Cayce significava claramente o florescimento espiritual do país. Mas o florescimento espiritual do país não ocorre graças à elevação da religião oficial, mas precisamente graças à mudança da consciência das próprias pessoas, ao seu aperfeiçoamento espiritual.

Elena Ivanovna Roerich relacionava o futuro renascimento espiritual de todo o mundo, antes de mais, com o renascimento da Rússia:

«O renascimento da Rússia é o renascimento de todo o mundo. A ruína da Rússia é a ruína de todo o mundo. Alguém já começa a compreender isso. Embora ainda há pouco todos pensassem o contrário, precisamente que a ruína da Rússia seria a salvação do mundo. (...) A Rússia está a passar por uma grande provação, e a sua lição aprender-se-á antes de muitas outras».

Roerich E.I. De carta de 17.12.35

Nas cartas de E.I. Roerich há não poucas linhas dedicadas ao futuro da Rússia.

Dotada de dom profético, Elena Roerich afirmava que, apesar de todas as dificuldades da chegada da nova época, o nosso país seria protegido pelas Forças Superiores e se tornaria «país vitorioso»!

«O nosso país será protegido, será o país vitorioso: assim foi ordenado e escrito nas runas estelares. Todos os que estiverem com ele partilharão a sua vitória. Assim, as balizas foram mais uma vez colocadas e afirmadas. Lembrai-vos sempre do Grande Escudo. Os dias luminosos após a escuridão são particularmente brilhantes. E estão próximos».

Roerich E.I. De carta de 26.08.50

«O destino do Ocidente está decidido, lá não há futuro. Não o procurem em nenhum país europeu... Mas o Oriente renasce. É impossível avançar e construir pelo antigo caminho da política de conquista. O medo do Novo é inspirado pelos inimigos, que temem o florescimento do nosso poderoso país. Mas a Rússia lidará com todos os inimigos, pois aspira ao bem comum».

Roerich E.I. De carta de 07.12.54

«Os acontecimentos desenrolar-se-ão de forma inesperada, não como nós esperamos, mas, como sempre, em benefício do melhor país. O tempo terrível passará como um vórtice purificador. A dificuldade está em que muitos ainda não compreendem a causa e o sentido do que se passa em todo o planeta. As novas consciências devem amar a onda da nova construção. A nova construção deve libertar o pensamento, daí surgirão mudanças benéficas. A maldade acumulada no mundo resolver-se-á com abalos. Mas não temais! O Escudo da Luz está sobre as novas consciências que renunciaram à maldade, à inveja e compreenderam para onde se dirige o fluxo da evolução. A propagação do mal será detida. A justiça cósmica pôr-se-á em ação novos alavancas, e a nova karma começará a afirmar-se».

Roerich E.I. De carta de 18.02.55

E Vanga relacionava o florescimento espiritual da Rússia com a afirmação nela do Novo Ensino. Por «Fraternidade Branca»[1] na Rússia, a clarividente entendia, evidentemente, os verdadeiros seguidores do Novo Ensino — portadores da nova consciência mais espiritual, que, na realidade, serão capazes de fazer da Rússia o líder de todo o mundo no processo de renascimento espiritual de toda a civilização.

Ao que parece, este papel estará destinado às novas gerações de russos.

Esperemos que as profecias de Vanga sobre o luminoso futuro do nosso país se realizem!

[1] O conceito de Fraternidade Branca nada tem a ver com a seita totalitária que se apropriou do mesmo nome e que atuou principalmente no território da Ucrânia nos anos 80 do século XX. — Nota do autor.

Conselhos de Vanga. Como tornar-se feliz e saudável

COMO TORNAR-SE FELIZ

Todos nós aspiramos à felicidade. Mas muitos nem sequer compreendem o que significa ser verdadeiramente feliz. A maioria das pessoas confunde dois conceitos — felicidade e satisfação. É precisamente por isso que, na consciência de muitas pessoas, a felicidade se associa antes de mais à riqueza. Mas o dinheiro ainda está longe de ser tudo.

Eis o que dizia Vanga sobre o dinheiro:

«As pessoas estão distantes umas das outras e interessam-se mais pelo dinheiro. Pensam que o dinheiro trará felicidade. Não sabem que chegará o dia em que o dinheiro lhes será desnecessário».

«Alguns pensam que com dinheiro se pode comprar também o amor, mas não é assim. O amor não se compra com dinheiro. E outros consideram que serão felizes se enriquecerem, mas isso também não é verdade...».

«Chegará o tempo em que as pessoas terão tudo, mas não conseguirão obter nada do que realmente tem valor e representa a verdadeira riqueza — a amizade, o amor, a compaixão e a misericórdia».

«A pobreza é uma flor. Não vos alegreis com a riqueza. Na pobreza trazem alegria os filhos, os amigos, os familiares. E da riqueza a alma dói».

O segundo (depois da riqueza) atributo invariável da felicidade, na opinião da maioria das pessoas, é o bem-estar familiar. Sem dúvida, a família, os entes queridos e os amigos mais próximos desempenham um papel enorme na vida do homem. Mas se a pessoa ama os seus próximos e odeia e engana todos os outros por causa do benefício — será feliz tal pessoa? Dificilmente.

Também não será feliz quem não sabe perdoar ou, pelo menos, esquecer as ofensas que lhe foram feitas. A sabedoria popular observou corretamente — felizes, como regra, são as pessoas bondosas, que têm uma alma luminosa. Ainda que lhes seja mais difícil viver no mundo do que aos outros, no entanto a sua consciência pura, livre de maldade, avareza e inveja, está em harmonia com o Cosmos, com a natureza. Tais pessoas, sem o saberem, recebem o apoio invisível da própria natureza e das Forças Superiores e, por isso, mesmo sem terem muito dinheiro, sentem-se mais felizes do que muitos ricos, que são oprimidos subconscientemente pelo fardo da riqueza adquirida por caminhos desonestos.

A consciência pura e uma consciência sem maldade e luminosa revelam-se muito mais importantes como premissas para a obtenção da felicidade do que o dinheiro e os altos cargos. Por isso Vanga aconselhava a saber perdoar, nunca sentir ódio nem maldade mesmo em relação aos ofensores e, na medida do possível, ajudar os outros.

Eis os seus conselhos a todos:

«Orai para que Deus poupe o homem, pois ele enlouqueceu no seu ódio ao próximo».

«Vivemos em tempos difíceis. As pessoas estão desunidas».

«As pessoas sofrem, e muitas delas são infelizes, porque não possuem a capacidade de esquecer o mau e de perdoar».

«Se deres neste mundo, terás no outro. Se tens duas maçãs, uma grande e uma pequena, dá uma delas ao outro. E se nada deres a ninguém nesta vida, também lá nada receberás».

«Deixai de vos odiar uns aos outros e de brigar. Amai-vos uns aos outros, pois todos vós sois meus filhos!»

O objetivo da vida na Terra

Tanto nos conselhos de Vanga como no ensino da Agni Ioga fala-se de que o componente mais importante da felicidade do homem e da sociedade em geral é a harmonia não só com os outros homens, mas também com a natureza.

A profetisa búlgara afirmava que cada pessoa que vive no planeta tem um dever perante ela e, mais ainda, está dotada de uma missão especial em relação a tudo o que existe. A clarividente dizia:

«A Terra espera de nós gratidão pelo facto de termos vindo aqui e vivermos nela. Pagamos à Terra as dívidas, como se fosse a renda da casa... Cada pessoa deve pagar».

«Cada pessoa, seja quem for, vem à Terra com uma determinada missão: proteger todas as formas de vida em todas as suas manifestações, para que

ela possa desenvolver-se em nome do objetivo superior, cuja essência ainda é para nós um mistério».

O mesmo se diz no ensino que Vanga chamava «Bíblia de Fogo». Na Agni Ioga, o homem é considerado mediador entre o plano terreno e o plano superior, espiritual, da existência. A sua missão deve consistir não só no desenvolvimento constante de si próprio, na evolução, mas também em ajudar a evolução de toda a natureza, de todos os seres vivos na Terra. E se a humanidade não cumprir a missão que lhe foi imposta pela própria Natureza, não poderá evoluir por si própria e atrasará o desenvolvimento de todo o planeta.

Nos textos da Ética Viva diz-se:

«A vida do planeta pode ser compreendida como a totalidade de todos os começos criados com ela. Ainda maior é a responsabilidade de todos os habitantes pensantes do planeta. Presume-se que eles são a coroa do planeta, mas se na coroa, em vez de pedras preciosas, houver carvões, o dano será já de escala planetária. Produzir-se-á a destruição de todas as correntes ligantes».

«Aum», 157

Segundo a Agni Ioga, na base da organização de todo o Cosmos estão os mesmos princípios morais que foram prescritos à humanidade pelos fundadores de todas as religiões mundiais. O principal destes princípios foi chamado, na Agni Ioga, princípio do Bem Comum. Se fosse diferente e na base do universo estivesse o princípio não da harmonia universal e da cooperação, mas da «guerra de todos contra todos» — o Cosmos não poderia existir. Como disse Cristo, «uma casa dividida contra si mesma não subsistirá». Mas enquanto a Natureza é governada por leis espirituais superiores da existência, nas relações humanas, infelizmente, reina uma atmosfera completamente diferente. Egoísmo e cobiça, mentira e avareza, crueldade, inimizade, guerras e conflitos armados, criminalidade, terrorismo e outros fenómenos semelhantes continuam a envenenar a vida da sociedade contemporânea.

Como já foi dito, isto afeta não só as próprias pessoas, mas também a natureza em geral!

Vanga compreendia isso, advertindo os contemporâneos:

«Qualquer ser vivo, assim como a Terra e o Universo, está sujeito a um determinado ritmo e ordem cósmicos. As violações dessa ordem, mesmo as mais insignificantes, levam a consequências graves, por vezes fatais, pelas quais depois as pessoas têm de pagar caro. Não violem a harmonia, sejam mais bondosos!»

«Devemos amar-nos uns aos outros e ser mais bondosos para nos salvarmos. Se nós próprios não compreendermos isso, as leis cósmicas inexoráveis de qualquer modo nos obrigarão a fazê-lo, mas já será demasiado tarde, e teremos de pagar um preço elevado».

Ainda mais concretamente sobre isso se fala em «Grãos de Agni Ioga»:

«O nosso planeta está doente. O pensamento da humanidade está envolto em trevas. As catástrofes naturais na forma de furacões, inundações, chuvas torrenciais, terramotos, perturbação do clima abatem-se sobre o planeta. Este mesmo desequilíbrio manifesta-se também no organismo humano, no qual os elementos da terra, da água, do ar e do fogo se expressam em toda a plenitude. Este desequilíbrio é acompanhado pelo crescimento de todo o tipo de doenças, que, como por exemplo o cancro, tornam-se ameaçadoras doenças psíquicas[1]. (...) E enquanto o espírito humano não despertar e enquanto o pensamento não se transformar, o equilíbrio dos elementos não se estabelecerá. Tudo é uno, e tudo está ligado entre si».

«Grãos de Agni Ioga», t. 8, 581

«Já vedes como de um só furacão morrem milhares de pessoas. O fenómeno de tempestades ominosas, não será ele que obrigará a humanidade a pensar de onde vem tal desequilíbrio, que não só furacões e terramotos, mas também inundações podem atingir dimensões máximas? Dirão que milhões de pessoas já morreram. Mas a consciência continua a piorar. Seria justo perguntar à humanidade em quantas dezenas de milhões de vítimas ela avalia a mudança da consciência?»

«Mundo Ígneo», parte 2, 211

Na Agni Ioga sublinha-se que a principal causa das doenças oncológicas reside na perturbação do estado da energia psíquica no organismo humano; por isso, evidentemente, o cancro neste caso é classificado como doença psíquica. — Nota do autor.

O que entendiam os autores da Agni Ioga quando falavam da necessidade de «transformação do pensamento» e «mudança da consciência»? Evidentemente, referiam-se ao aperfeiçoamento da natureza moral da humanidade e à mudança do seu pensamento.

Quando o homem aprender a pensar não só em si próprio e nos seus interesses egoístas, quando compreender que é preciso ser decente em relação aos outros, não mentir, não passar por cima das cabeças dos outros para atingir os seus objetivos, não cultivar na sua consciência ódio e maldade para com os outros por causa dos seus mesquinhos interesses — então, e só então, entrará na sua própria vida a verdadeira felicidade, e na vida da natureza da Terra regressará a harmonia.

Se uma pessoa realmente quer ser feliz, deve memorizar um aviso muito importante de Vanga.

A clarividente dizia frequentemente:

«As pessoas sofrem dos seus próprios maus pensamentos. Quando uma pessoa pensa mal, também age mal».

Comparemos as palavras da profetisa búlgara com o que se diz em «Grãos de Agni Ioga» sobre os pensamentos e o seu significado na vida do homem:

«...Consideramos os delitos mentais piores do que os comuns, pois com o pensamento se afirmam as causas dos futuros acontecimentos e com os pensamentos se forja o destino do homem, ao passo que o próprio delito é apenas consequência de pensamentos anteriormente admitidos, que com esse ato se esgotam imediatamente. Por isso, o controlo sobre o pensamento é ainda mais necessário do que o controlo sobre as ações, que esgotam a cadeia de pensamentos que as provocaram. Ao cometer um ato, pode-se concluir e esgotar a causa que o provocou, se já não se admitirem no consciência novos pensamentos da mesma ordem.

Olhamos para os delitos como algo que passou, como o passado do homem, mas para os seus pensamentos — como aquilo em que ele inevitavelmente se tornará no futuro. Esta é a diferença entre atos e pensamentos. Por isso, ao cometer ações não aprovadas no degrau alcançado pelo espírito, deve-se aprender a saber apagá-las, afirmando com o próprio pensamento que o dado ato é o acorde final dos pensamentos que o geraram e que no futuro não se repetirá, pois faltará o pensamento que o provocou. Por isso, a purificação da consciência de pensamentos que não correspondem ao degrau alcançado por ela é uma necessidade urgente para o progresso ascendente e para a libertação do espírito das cadeias do karma. O karma é composto pelo pensamento e pelo pensamento também é destruído. Por isso, o ênfase é colocado no pensamento».

«Grãos de Agni Ioga», t. 2, 254

Entretanto, pelas suas pensamentos o homem é responsável não só perante os outros homens, mas perante todo o planeta — pois a energia dos seus pensamentos e sentimentos influencia todo o meio ambiente.

Atitude para com a natureza

Iniciada em muitos segredos da alma humana e da natureza, Vanga apelava incansavelmente aos contemporâneos para que tratassem a natureza com mais cuidado.

Ela dizia quão importante função desempenham na Terra as flores, que são fontes de energia natural positiva, e advertia:

«Não colham flores! Qualquer flor é como um sol e... um banho. Olhamos para as flores, admiramo-las — e surge uma sensação de liberdade, como se o sol nos tivesse aquecido ou tivéssemos estado na banha. E vós colheis flores e não notais que elas choram...»

A clarividente aconselhava as pessoas a aprenderem a comunicar com as flores a nível espiritual e considerava que as flores são capazes de transmitir às pessoas energias especiais e até conhecimentos:

«Plantem no vosso jardim o maior número possível de flores, cuidem delas e toquem-nas com mais frequência. Cada flor tem o seu conhecimento, a sua vida. E, ao tocar nela, participais desse conhecimento.

É horrível quando as pessoas quebram árvores ou ramos de lilás, mesmo que ainda reste muitas flores. E arrancar uma tulipa ou um snowdrop *(campainha-de-inverno)* é o mesmo que uma mãe perder o filho único.

As plantas falam comigo, mas são tantas que consigo lembrar apenas muito pouco».

Vanga afirmava que a energia das flores vivas, não cortadas, absorve a energia negativa emanada pelas pessoas que se encontram em estado emocional pesado. Por isso, a profetisa dizia aos visitantes:

«Se recentemente morreu alguém dos vossos familiares, venham ter comigo com flores. Por que vêm sem uma flor em vaso? A informação sobre o falecido, que evocais com a vossa presença, é absorvida pela flor, e isso salva-me de ataques de mal-estar e de mergulho em transe».

Muitíssimo interessante se diz sobre as flores na Agni Ioga. Os autores deste ensino afirmam que as plantas em geral e especialmente as flores irradiam energia natural vivificadora — prana.

Esta energia tem enorme importância tanto para a manutenção das forças vitais das pessoas e de todos os seres vivos, como para o equilíbrio energético de todo o planeta em geral. Nos livros da Ética Viva fala-se de que as flores e outras plantas são capazes de restaurar de forma natural as forças vitais do organismo humano e de o curar:

«... as flores terrestres são a única ligação viva da terra com o céu.

Na criação do pólen floral como que se depositam cristais de prana. Não em brincadeira se pode dizer que nas flores o céu se deposita na terra.

Se privássemos a terra de flores, desapareceria metade da vitalidade. Igualmente importante é a neve, e as montanhas nevadas estão como faróis de salvação».

«Folhas do Jardim de Morya», t. 2. «Iluminação»

«Sobre a aplicação dos Meus medicamentos. Todas as forças do reino vegetal devem ser dirigidas para aquilo para que existem — o reforço da vitalidade. Curar todos os males pode-se opondo vitalidade.

Como reservatório de prana existem certas plantas. As agulhas de pinheiro acumulam, como agulhas, eletricidade. E como ligação entre o céu e as entranhas da terra, a terra está cheia de tentáculos vivos, que acumulam e guardam a verdadeira renovação do tecido espiritual...»

«Folhas do Jardim de Morya», t. 2. «Iluminação»

«... Nada acumula a essência da prana igual às plantas. Até a pranayama pode ser substituída pela comunicação com plantas. E é útil compreender como é preciso aprofundar atentamente o olhar na estrutura das plantas. Os poros das plantas expandem-se não só com novas folhas e flores, mas também com a remoção de partes mortas.

A lei da nutrição da terra por meio dos tentáculos das plantas permite extrair deste reservatório, pelo olfato e pela visão, a valiosa qualidade de vitalidade, chamada naturoloris, obtida com aspiração consciente.

Tão valiosas são as plantas vivas, que não perderam a vitalidade, como podem ser úteis os preparados secados ao sol. Mas deve-se evitar o estágio de decomposição, pois a decomposição é igual em tudo e atrai os espíritos mais imperfeitos. Por isso, é preciso vigiar o estado das flores cortadas. O cheiro de decomposição deve ser sentido — não a aparência, mas o cheiro revela o sinal.

Quando não é tempo de flores, é útil ter pequenas árvores coníferas; como máquina elétrica, elas acumulam vitalidade — antecipam a correção da respiração. E em vez de respirações rituais pode-se obter a mais condensada reserva de prana. Evidentemente, a mesma condição de tranquilidade reforça a ação.

A compreensão viva do poder da natureza enviará, sem magia, o refresco das possibilidades».

«Folhas do Jardim de Morya», t. 2, «Iluminação»

Os autores da Agni Ioga advertiram que a atitude predatória das pessoas para com a natureza, o desperdício das suas riquezas, esgotam os recursos naturais, em resultado do que sofre não só o planeta — sofrem no fim os próprios homens.

«Assim, é preciso convencer as pessoas a preservar os seus valores. O mais terrestre avarento frequentemente é um dissipador planetário.

O Novo Mundo, se se realizar, mostrará amor pelos valores da Natureza, e eles dar-lhe-ão a melhor emulsão da essência da vida. Pois terá de dispersar-se das cidades para a natureza, mas será sobre areias?! Em cada parte do mundo formaram-se oceanos de areia. Assim também a consciência das pessoas fragmentou-se em grãos de maldade. Cada um dos desertos foi outrora um prado florido. Não a Natureza, mas os próprios homens destruíram as flores. Mas o pensamento sobre a manifestação do Fogo obrigue as pessoas a pensar na poupança», — diz-se no ensino dos Mahatmas.

«Mundo Ígneo», parte 1, 321

COMO TORNAR-SE SAUDÁVEL

Outro problema extremamente atual para todos nós — como preservar e manter a saúde no nosso tempo complicado?

Vanga e o ensino da Agni Ioga davam às pessoas conselhos muito simples e perfeitamente exequíveis a este respeito. Se aprendêssemos a colocá-los em prática — os problemas de saúde seriam muito menores. Mas, infelizmente, — os anos passam, e a natureza das pessoas praticamente não muda. Continuamos a ler conselhos e recomendações úteis para, ao pousar o livro, esquecer imediatamente o que nele se dizia...

Mas para aqueles que, apesar de tudo, pretendem dedicar pelo menos alguma atenção à sua saúde, será útil conhecer o que aconselhavam às pessoas Vanga e o ensino da Ética Viva.

Alimentação da saúde

Vanga dava os seguintes conselhos relativamente aos princípios básicos da alimentação:

«Não comam em excesso! O vosso organismo não precisa de assim tanta comida, caso contrário a natureza ter-nos-ia dotado de dois estômagos, e não de um».

«Consumam mais produtos de cor branca. Bebam chá de infusões de ervas medicinais. Procurem não consumir comida demasiado gordurosa. As pessoas saudáveis podem perfeitamente renunciar à carne. Todas as substâncias nutritivas necessárias ao organismo estão contidas nos vegetais e nas frutas. Pelo menos uma vez por semana comam papa e bebam mais água para manter as forças.

Cultivem centeio, as pessoas devem comer mais pão de centeio, que ajudará a preservar a saúde e a longevidade. Nos nossos tempos, o centeio tem enorme importância».

A própria Vanga não consumia carne. Valentin Sidorov, no seu livro «Ludmila e Vangelia», relatava o seguinte sobre a profetisa:

«Vanga há muito é uma vegetariana estrita. Mas acontece que dias inteiros ela geralmente não sente necessidade de comida. Limita-se a água, não fervida, fria — outra não gosta. E eis o que é surpreendente: com isso não sente o menor cansaço. Sente um afluxo de vigor. Quem sabe, não será isto resultado da comunicação com o mundo invisível, que em certas condições pode dar uma subalimentação energética invisível».

É verdade que, nas recordações de outras pessoas sobre Vanga, diz-se que ela por vezes usava na comida peixe cozido e ovos, mas novamente não mais do que uma vez por dia. E Vanga comia apenas duas vezes por dia — de manhã era papa e vegetais cozidos, e à noite, após um dia inteiro de receção contínua de visitantes, a clarividente jantava vegetais com peixe cozido ou ovos.

Dois conselhos de Vanga — não comer em excesso e não consumir carne — são especialmente próximos dos conselhos para a recuperação do organismo contidos na Agni Ioga. Como se sabe, os verdadeiros seguidores da Ioga são, como regra, vegetarianos ou vegetarianos. O vegetarianismo estrito exige dos seus seguidores a renúncia completa à comida de origem animal, até aos ovos e ao leite. Evidentemente, nas condições da vida moderna, na atual fase da crise ecológica e com o ritmo de vida extremamente intenso, que dá grandes cargas ao organismo, tal dieta dificilmente é possível sem risco de arruinar a saúde.

É completamente diferente o vegetarianismo. Este regime alimentar permite o uso de alguns produtos de origem animal — leite, ovos, peixe. Os vegetarianos renunciam apenas ao consumo de carne de animais de sangue quente — e isso só beneficia a sua saúde. A carne de animais de sangue quente possui um magnetismo muito prejudicial no sentido energético, como se diz na Agni Ioga. Os animais, possuindo um sistema nervoso mais desenvolvido do que os peixes, e rudimentos de psique, pressentem a sua morte antecipadamente, já quando os encurralam no matadouro. Eles vivem muito intensamente o horror da morte iminente, e esta reação «regista-se» no seu sangue e carne sob a forma de um determinado campo energo-informacional. Esta energética negativa conserva-se na carne. Além disso, a carne começa a decompor-se muito mais cedo do que, por exemplo, produtos de origem vegetal. No fim, os amantes de pratos de carne saturam involuntariamente o seu organismo com energia e informação extremamente negativas.

Há ainda outro aspeto — ligado, por estranho que pareça, ao Mundo Sutil — a influência negativa da comida carnívora no organismo humano. Na Agni Ioga diz-se que o Mundo Sutil está estreitamente ligado ao físico. As camadas inferiores do mundo astral representam verdadeiras esferas infernais, nas quais habitam entidades astrais negativas e almas de pessoas que, na vida terrena, foram viciosas e grosseiras. Nas fontes religioso-filosóficas tibetanas, o astral inferior chama-se «mundo dos espíritos famintos». Entre estes «espíritos famintos» — tanto almas de pessoas como entidades negativas do plano astral — há entidades vampíricas, que se alimentam de emanações (irradiações) terrestres negativas. Irradiações astrais semelhantes geram no plano físico sangue, carne, bebidas alcoólicas fortemente cheirosas e quaisquer substâncias em estágio de decomposição.

Dado que não existem fronteiras entre os planos astral e físico da existência, as entidades negativas do plano astral, invisíveis para as pessoas (exceto clarividentes), pululam literalmente nos lugares onde há as irradiações pesadas e de baixa vibração que elas amam. A carne impregnada de sangue atrai-as especialmente. Alimentando-se das emanações astrais da comida carnívora, os vampiros astrais frequentemente tentam sugar-se também à aura da pessoa que absorve esta comida e satura o seu organismo com a sua energética negativa. Por isso, sobre a comida carnívora na Ética Viva diz-se:

«O refinamento do coração indicará a renúncia à comida carnívora. Ao mesmo tempo, a compreensão do Mundo Sutil mostrará não só o dano da ingestão de produtos podres, mas também que vizinhos atrai a decomposição. Na realidade, é difícil decidir onde está o maior dano — na ingestão de carne ou na atração, pela carne, de hóspedes indesejados? Até a carne seca e fumada, que é relativamente menos prejudicial, no entanto, pelo cheiro, atrai os famintos do Mundo Sutil, e se, ao mesmo tempo, os saudar com algumas palavras repugnantes, obter-se-á a mais prejudicial companhia. Como ouviram, muitos tomam a comida em silêncio ou acompanhando-a com discursos dignos.

Evidentemente, qualquer decomposição é inadmissível. Até os vegetais não devem ser permitidos até à decomposição. Às pessoas não é preciso muito — dois frutos, um pouco de farinha e leite. Assim, pode-se purificar não só o interior, mas livrar-se de muitos vizinhos...»

«Coração», 331

Vizinhos aqui, evidentemente, não sem ironia, são designadas as entidades negativas do plano astral — os nossos vizinhos bastante prejudiciais pela dimensão. A eles é dedicado também o seguinte fragmento dos textos da Agni Ioga:

«As pessoas não devem guardar em casa nada podre. O fenómeno da fermentação ou água não fresca atraem entidades indesejadas. Quando se desenvolver a fotografia das entidades do Mundo Sutil, poderá mostrar-se no filme[1] a diferença do ambiente de um pedaço de queijo, de carne ou de uma rosa fresca. Em vez de argumentos lógicos, pode ver-se que as formas atraídas pela carne não são atraentes. Estes amantes da decomposição até acompanham até à própria boca o prato que lhes é apetitoso».

«Mundo Ígneo», parte 1, 227

É verdade que há doenças — por exemplo, a diabetes —, nas quais o consumo de carne dietética é desejável para a manutenção das forças. Pelo menos, assim considera uma série de cientistas-médicos. A carne contém aminoácidos que não existem nos produtos de origem vegetal. As pessoas saudáveis, como dizia Vanga, podem perfeitamente passar sem ela. Tanto mais que agora, em todos os países desenvolvidos do mundo, em vez de carne usa-se soja, cuja proteína vegetal não cede em nada à carne em valor nutritivo e a supera em muito em benefícios. A carne de soja nem no sabor difere muito da verdadeira, mas ao mesmo tempo não contém produtos de decomposição de uma célula viva e, o mais importante, sangue com a componente energo-informacional negativa característica dele.

Mas se a pessoa está tão habituada à carne que não consegue renunciar a ela, ou, suponhamos, o seu menu, por razões médicas, deve conter produtos carnívoros, os autores da Agni Ioga recomendam consumir carne apenas em forma fumada ou seca. Assim, ela é a mais inofensiva no sentido energético, porque a substância do sangue nela está maximamente processada.

Eis ainda uma citação do ensino da Agni Ioga com conselhos úteis:

«...não é preciso consumir carne, exceto a fumada; frutos, vegetais, leite, farinha, como sempre, são úteis. Também são expulsos todos os vinhos, exceto para uso medicinal. O ópio é inimigo do Agni Iogue. Nuvens no céu são pesadas para o Agni Iogue. Aconselho calçado isolado com borracha e de manhã passear, evitando o fumo.

Corajosamente pode-se enfrentar diversas mensagens da vida, pois é impossível decidir onde está o pior e onde o melhor».

«Comunidade», 166

Por «enfrentar corajosamente diversas mensagens da vida» entende-se aqui a capacidade da pessoa de enfrentar todas as vicissitudes do destino calmamente, sem agitação e medo, que por si sós enfraquecem as funções protetoras do organismo e levam muitas forças vitais. Aliás, sobre o estado psíquico e o seu papel na manutenção da saúde do homem falaremos um pouco mais adiante.

Eis o que ainda aconselhava Vanga aos que a rodeavam:

«No verão, andem descalços, não interrompam a vossa ligação com a Terra. Assim, podem proteger-se das doenças no tempo frio.

Diariamente, à noite, lavem os pés. A água deve ser não muito quente. Se houver possibilidade, usem sabão caseiro».

«Não durmam no chão, perto da terra. Caso contrário, os espíritos que vivem debaixo da terra podem raptar-vos...»

Vanga encontrava-se com muitas pessoas de profissões criativas, escritores, poetas, músicos. Frequentemente dava-lhes bons conselhos capazes de ajudar no trabalho. Assim, ao escritor e poeta V. Sidorov, Vanga disse qual o horário do dia especialmente produtivo para a criação literária. A clarividente disse a V. Sidorov:

«O teu melhor tempo para trabalhar é até às dez da manhã. E deves começar a trabalhar em jejum. Levanta-te da secretária apenas quando sentires fome. O trabalho deve continuar — com interrupção para o pequeno-almoço — até às doze horas, não mais. Depois disso, não vale a pena insistir e esforçar-se.

Por exceção, pode trabalhar-se depois das doze, mas só durante o dia; à noite — de modo algum!

(Segundo as palavras de Vanga, à noite de cima não ajudam ou ajudam muito pouco, e sem tal ajuda nada de bom pode resultar.)».

Sidorov V.M. «Ludmila e Vangelia»

Na Agni Ioga também se diz que as horas da manhã são as melhores para o trabalho criativo:

Sempre é melhor deixar a decisão para a manhã.

A manhã está nutrida de prana.

Após o pôr do sol é prejudicial esforçar-se.

A noite é tempo de entrega,

A manhã — hora de conhecimento.

«Folhas do Jardim de Morya», t.1, «Chamado»

Energia do pensamento e saúde

O fator mais importante que determina o estado de saúde é designado, na Agni Ioga, pelas manifestações psíquicas do homem, pensamentos e sentimentos.

Já falámos da qualidade do pensamento das pessoas, da sua expressão energética e da influência desta energia em todo o planeta.

Mas o primeiro a receber as consequências dos seus pensamentos e sentimentos é o próprio homem. E se o seu nível moral é tal que vive constantemente com pensamentos impuros, egoístas e baixos na consciência, mais cedo ou mais tarde isso obrigatoriamente se refletirá no estado da sua saúde. Nos livros da Agni Ioga há muitas advertências relativamente à influência destrutiva na saúde dos pensamentos e sentimentos negativos. Isto deve ser lembrado por quem quer ser saudável.

Acima citámos as palavras de Vanga sobre o facto de os maus pensamentos não trazerem nada de bom às pessoas. Os autores da Agni Ioga faziam especial ênfase na qualidade dos pensamentos e sentimentos do homem, explicando com isso muitos problemas na sua vida e no estado de saúde.

Eis apenas alguns fragmentos de muitas afirmações dos autores da Agni Ioga dedicadas à qualidade do pensamento e à sua influência no estado físico das pessoas.

«É instrutivo compilar um livro sobre o dano causado pelos maus pensamentos, tanto para si como para os outros. Estes pensamentos são fonte de muitas doenças. Antes associavam aos maus pensamentos apenas doenças psíquicas, mas é tempo de distinguir a multitude das mais diversas doenças físicas geradas pelos pensamentos. Não só as doenças cardíacas, mas também a maioria das doenças gástricas e cutâneas são consequência de pensamentos destrutivos. Também as doenças contagiosas podem ser transmitidas não só por predisposição, mas também pelo pensamento. Isto não será apenas autossugestão, mas pode ver-se casos em que a contagio se espalhava por uma só pessoa a muitas. Pode ver-se como as consequências físicas vão de modo completamente semelhante aos fenómenos espirituais. Ao mesmo tempo, nota-se como involuntariamente alguns organismos espalham uma determinada contagio, sem se submeterem a ela próprios. Já nos tempos

antigos conheciam tais portadores de contagio, mas depois esqueceram o conhecimento científico, transferindo tudo para o chamado mau-olhado».

«Coração», 302

«Portanto, até contra dores físicas é preciso procurar a causa na qualidade do pensamento. Assim, gradualmente dirigi os pensamentos dos que vos rodeiam para o bem. Já tendes um exemplo de quanto causam dores as maldições e insultos até a grandes distâncias. É preciso, para chamar a atenção, dirigir o coração para o existente. Especialmente podem atuar estes obcecados, quando embora um pouco a aura se tocava. Assim, é preciso prestar muita atenção à primeira impressão das pessoas, quando o coração pode dar o seu sinal.

Na Terra cuidamos do corpo, por isso é preciso penetrar na origem das doenças. O médico poderia dizer ao doente: ataque de avareza tendes, ou anemia de presunção, ou pedras de traição, ou sarna de mexericos, ou golpe de ódio.

Nos cemitérios tanto gostamos de recordar as virtudes do que jaz, não seria mau indicar a verdadeira causa das doenças — o espetáculo seria instrutivo.

Amigos, repito — mantende os pensamentos puros, esta é a melhor desinfeção e o mais famoso tónico».

«Comunidade», 23

«Cada instante o homem ou cria, ou destrói. O mundo está cheio de pensamentos contraditórios. Uma multitude de doenças é lançada por pensamentos de destruição. Uma multitude de assassínios ocorre a grandes distâncias por pensamentos ou por pensamentos cruzados, mas quase é impossível convencer o homem de que o seu privilégio está no pensamento constante. É impossível transmitir quão responsável é o homem pela qualidade do pensamento. O coração bate incessantemente, assim também é constante o pulso do pensamento. Mas sobre isso não se costuma falar».

«Sinais de Agni Ioga», 141

«Facilmente se pode imaginar quão propagadores de contagio devem ser os obcecados, por isso é preciso evitá-los tanto».

«Coração», 303

Força curativa das plantas

Vanga deu não poucos conselhos também a respeito de métodos de tratamento de diversas doenças. Na Bulgária, Vanga era considerada não só profetisa, mas também curandeira — graças ao seu dom de clarividência, frequentemente atuava como tal, recomendando às pessoas modos bastante eficazes de luta contra diversos males.

Vanga sempre enfatizava o enorme papel das plantas medicinais no tratamento de diversas doenças. Conservaram-se as seguintes afirmações da clarividente a este respeito:

«A salvação das pessoas está nas ervas».

«A luz começou com ervas e com ervas também terminará».

«As pessoas desde tempos antigos tratavam-se com ervas e com ervas também se tratarão no futuro. Mas deve-se usar apenas as plantas que crescem no vosso país, na vossa localidade. Cada um deve tratar-se com as suas ervas».

«Os medicamentos fecham perante a natureza a porta, pela qual, juntamente com as ervas, ela poderia penetrar no organismo doente e curá-lo. De cada doença há a sua erva».

No último caso, por medicamentos Vanga entendia, evidentemente, não os vegetais, mas os meios criados a partir de compostos químicos.

Na Agni Ioga e nas cartas de E. Roerich também se fala da necessidade de cautela no uso de meios medicinais modernos, pois frequentemente os farmacêuticos que os desenvolvem não supõem a presença de efeitos secundários extremamente prejudiciais para a saúde nos novos preparados.

Por isso, a advertência de Vanga relativamente aos medicamentos modernos é bastante fundamentada.

E.I. Roerich nas suas cartas anotava:

«Como são ridículos todos os ataques à homeopatia etc. no nosso tempo, quando as melhores mentes entre os médicos em Inglaterra e na América regressam aos antigos meios populares, que não entram na farmacopeia oficial. Precisamente agora começa a campanha contra os meios patenteados. Até aqui os jornais estão cheios de anúncios sobre o regresso aos antigos métodos de tratamento. Assim, que aquele que defende os meios patenteados saiba que precisamente as mentes luminosas compreenderam todo o dano dos venenos prontos, que representam um negócio tão lucrativo para os comerciantes e para as agências funerárias».

Roerich E.I. De carta de 10.06.37

«Agora não me lembro onde, mas num dos jornais científicos americanos recebidos por nós ou num artigo de jornal lemos que o Conselho Médico na América reconheceu que os medicamentos patenteados em muitos casos causavam grandes complicações e até a morte aos que os usavam. <...> Lembro-me de dois dos nossos médicos de família na Rússia (...). Ambos recorriam a medicamentos apenas nos casos mais raros e preferiam os meios caseiros mais simples, e ambos diziam que o melhor médico é aquele que sabe não interferir com a natureza, mas apenas ajudá-la, mas de modo algum envenenar o organismo com venenos patenteados. Por isso, até hoje guardo

no coração grande gratidão a estes verdadeiros curandeiros esclarecidos, que protegeram a minha família do sofrimento».

Roerich E.I. De carta de 17.03.38

Quanto ao conselho de tratar-se com ervas que crescem no mesmo país e até na mesma localidade onde nós próprios nascemos, talvez este conselho tenha sido dado pela clarividente em ligação com algumas regularidades genéticas. Se os nossos antepassados viviam nesta mesma localidade, muito provavelmente usavam as ervas locais como medicamentos. A influência das ervas locais no organismo das pessoas ao longo de muitas gerações seguramente encontrou a sua expressão na chamada «memória genética», ou seja, fixou-se ao nível genético. Assim, o organismo do homem estará desde o nascimento adaptado precisamente às ervas com que se tratavam os seus antepassados, e por isso estas ervas serão para ele especialmente eficazes.

Há, é verdade, ainda outra explicação, já não genética, mas antes «energética», para o conselho de Vanga. Cada localidade na Terra tem o seu fundo energético, o seu campo energético, na formação do qual participam também as irradiações das plantas. O organismo do homem adapta-se não só ao clima e a outras particularidades naturais da localidade onde vive, mas também a um determinado campo subtil-energético em que essa localidade se encontra. As plantas locais, cuja energética está há muito harmonizada com o campo energético geral da dada localidade, serão percebidas pelo organismo, evidentemente, mais facilmente do que plantas com irradiações energéticas desconhecidas.

Os autores do ensino da Agni Ioga também atribuíam grande importância aos métodos de tratamento ligados ao uso de plantas. Na Ética Viva fala-se muito de fitoterapia e homeopatia.

Num dos livros da série Agni Ioga diz-se:

«A homeopatia até certo grau antecipou o curso da medicina do futuro».

«Supramundano», 23

O fundador da homeopatia, Hahnemann, chamava método alopático ao método habitual de tratamento, no qual ao paciente eram dados medicamentos que provocavam no seu organismo sintomas opostos aos da doença. O método homeopático de tratamento consistia em prescrever ao paciente medicamentos que provocavam no seu organismo sintomas análogos aos da doença. Hahnemann, assim, utilizava na sua metodologia o velho e bom método — «curar o semelhante com o semelhante». Na Europa, após o surgimento da homeopatia, começaram disputas entre médicos — seguidores de diferentes modos de tratamento. Uns consideravam o método mais eficaz a homeopatia, outros insistiam nos métodos tradicionais de tratamento.

Os autores da Agni Ioga a este respeito comunicavam:

«A disputa sobre alopatia e homeopatia deve também ser levada ao síntese. O médico sábio sabe onde é útil aplicar este ou aquele princípio. Até água com açúcar será aplicável com proveito. Não esqueçamos que os raios espaciais são muito alopáticos. Não se pode fugir das doses concedidas pela Natureza. O laboratório do organismo humano também é muito alopático. E por isso, em tais disputas, relacionemo-nos conciliadoramente».

«Mundo Ígneo», parte 3, 523

«Corretamente elogiar a medicina ayurvédica. É preciso compreender como muitos milhares de anos deixaram camadas de experiência e sabedoria. Mas não sejamos, à maneira dos ignorantes, mortalmente dividir a homeopatia da alopatia. Não esqueçamos as acumulações da China e do Tibete. Cada povo tinha perigos ameaçadores particulares e especialmente se preocupava em opor-se a eles. Assim será médico-vencedor aquele que reunir as melhores flores».

Ao mesmo tempo, os criadores da Ética Viva sublinhavam o facto de que quaisquer métodos de tratamento, incluindo os que recorrem a plantas, têm sempre apenas um caráter auxiliar. A principal força curativa não se encontra no exterior, mas no interior do ser humano — trata-se da sua própria energia psíquica. A Natureza pode apenas ajudar o organismo a lidar com a doença, mas o papel principal na luta contra a doença caberá à energia psíquica da própria pessoa:

«Em algum lugar proíbem-se os meios homeopáticos, também alguém deseja tratar as pessoas apenas pelo seu método. O pensamento proibitivo é limitado. É impossível estabelecer um único método de tratamento. Deve recordar-se que todos os medicamentos são apenas meios auxiliares. Sem a energia primordial nenhum medicamento produzirá o efeito devido.»

«Irmandade», 11

Na Agni Ioga refere-se que as plantas podem curar não só através da ingestão de medicamentos preparados a partir delas, mas também graças à aromaterapia:

«O tratamento com aromas de flores, resinas e grãos remonta à mais profunda antiguidade. Assim, a rosa dá não só uma semelhança com o almíscar, mas previne o imperil. Um jardim de rosas era considerado pelos antigos um lugar de inspiração. As frésias são úteis para o sistema simpático, que vibra tanto no iogue. Os grãos de cevada são insubstituíveis para os pulmões, já conhecem a menta, a resina de cedro e outras resinas...»

«Hierarquia», 316

Numa palavra, o antigo conhecimento sobre a força curativa das plantas, em grande parte revelado às pessoas na «Bíblia de Fogo», poderá servir consideravelmente em benefício da humanidade. Verdade seja dita, para isso é necessário que o valor desse conhecimento seja finalmente compreendido e reconhecido pelas próprias pessoas, especialmente pelos cientistas.

Ainda mais conselhos valiosíssimos, expostos na Agni Ioga, aguardam a sua descoberta e aplicação. Vanga profetizou que em breve chegaria o tempo da ampla divulgação deste ensinamento por todo o mundo...

Conclusão

Vanga faleceu a 11 de agosto de 1996, levando consigo o mistério do seu dom invulgar. E o dom dela era inegável. Poucos, mesmo entre os mais fervorosos céticos dos seus contemporâneos, se atreveram a acusar a famosa vidente de charlatanismo — demasiado evidente era o dom de clarividência que lhe era próprio.

V. M. Sidorov, que conversou com Vanga durante muitas horas, recordava na sua obra sobre ela:

«O que atraía e conquistava nas profecias da baba Vanga (nas quais ela era bastante pródiga) era a ausência de névoa, de frases ambíguas que dessem margem a interpretações divergentes, por vezes até diametralmente opostas. Felizmente, ela não se parecia com os oráculos de Delfos. As suas predições (se não todas, pelo menos muitas) eram claras, precisas e — o mais importante — frequentemente passíveis de verificação num futuro próximo. Eis um desses exemplos.

Logo no nosso primeira encontro — no verão de setenta e nove — Vanga falou comigo sobre Indira Gandhi. “Tu és amigo de Nehru e de Indira Gandhi”, declarou ela com a categoricidade que lhe era própria.

E imediatamente informou — repare-se, isto era dito numa altura em que Indira Gandhi estava na oposição, tinha estado recentemente na prisão — que em breve ela voltaria ao poder. Naquela altura ainda não estavam planeadas eleições parlamentares antecipadas — isso viria mais tarde —, e nenhum sistema informático poderia prognosticar o curso dos acontecimentos com tanta certeza como o fez uma simples e pouco letrada camponesa búlgara. Pelo menos, tanto quanto eu sei, na nossa embaixada soviética em Deli as hipóteses de vitória de Indira Gandhi, quando foram anunciadas as eleições antecipadas, eram consideradas nulas.

É verdade que Vanga acrescentou — e isto também está registado no meu diário búlgaro — que o cargo de chefe de Estado ela ocuparia por pouco tempo e que o seu exercício do poder seria interrompido pela morte. Como sabem, foi exatamente o que aconteceu.»

V. Sidorov. «Ludmila e Vangelia»

Qual era, pois, a fonte dos seus conhecimentos extraordinários? Será possível explicar a natureza das capacidades fenomenais da profetisa búlgara?

Muito do que era invisível para as pessoas Vanga via com os seus próprios olhos espirituais.

«Estou nos pontos mais quentes do planeta, vejo batalhas, cataclismos naturais e catástrofes. À noite vocês dormem, e eu vivo as tragédias de todas as pessoas da Terra, tudo o que acontece no mundo», dizia ela.

Mas muitas informações sobre o futuro, tanto de pessoas individuais como do mundo inteiro, eram-lhe transmitidas por uma certa voz que ressoava na sua consciência.

Essa voz soou para Vanga pela primeira vez a 6 de abril de 1941. Disse-lhe: «A partir de agora preverás a vida e a morte...»

Muito mais tarde, a própria vidente dizia:

«Eu não leio pensamentos. Fala-me uma Voz, ditando o que dizer às pessoas, e eu ouço-a a 18 centímetros acima da minha cabeça. Ela fala-me de forma educada e agradável, e se ela me enganar, também eu enganarei os outros.»

V. Sidorov observava com razão:

«Vanga sentia-se uma espécie de ressonador, que atuava não por sua própria vontade. Aquilo que passava pela sua consciência era mais forte do que ela e nem sempre lhe era compreensível. Por isso acontecia que, por vezes, ela pedia esclarecimentos a nós.»

Outra característica marcante — os acontecimentos de escala mundial Vanga predizia-os, por regra, em estado de transe. E, tal como Edgar Cayce e outros grandes profetas, Vanga testemunhava que aquilo que predissera em estado de transe ela não conseguia recordar no seu estado normal.

Os mais famosos profetas do mundo declaravam abertamente que eram apenas intermediários, transmitindo às pessoas conhecimentos sobre o futuro que lhes eram comunicados por certas Forças Superiores — independentemente da forma como as percebiam.

Nostradamus considerava que o seu dom de profecia provinha de Deus, que o utilizava para transmitir às pessoas os seus planos e intenções.

O notável profeta americano Edgar Cayce afirmava:

«Sou apenas um instrumento através do qual o Altíssimo envia ao mundo a sua informação cósmica.»

Verifica-se, assim, que as verdadeiramente grandes profecias são sempre transmitidas ao mundo por Forças Superiores — a razão humana comum não é capaz de abarcar o futuro de todo o planeta, e há razões para isso.

Nas cartas de E. I. Roerich sobre pessoas dotadas da capacidade de transmitir ao mundo conhecimentos sobre o futuro provenientes de uma Fonte Superior, ou seja, das Forças Superiores, diz-se:

«Fenómenos semelhantes ocorrem sob a observação e com a bênção das Forças da Luz, para despertar a consciência das pessoas para o

Conhecimento Superior, baseado na pureza moral e na aspiração do espírito ao serviço da humanidade.»

Roerich E. I. De carta de 28.11.50

É evidente que Vanga era precisamente uma intermediária entre as Forças Superiores e as pessoas. Realmente lhe foi revelado muito do que só era conhecido pelas Forças Superiores. Não é por acaso que Vanga sabia da futura missão espiritual da Rússia e do ensinamento da Agni Ioga, destinado a desempenhar um papel determinante nessa missão. Aliás, as informações sobre os lados ocultos da existência transmitidas por Vanga não contradiziam os princípios fundamentais da Ética Viva.

Todos os intermediários das Forças Superiores que, durante algum tempo, estiveram no mundo connosco, mais cedo ou mais tarde partem, quando se completa o seu caminho terreno, mas os conhecimentos sobre os lados invisíveis da existência não se interrompem com isso. Esses conhecimentos estão expostos na «Bíblia de Fogo», transmitida ao mundo pelas mesmas Forças Superiores que, de quando em quando, enviam à humanidade os seus arautos-profetas. E esses conhecimentos estão agora acessíveis a todos. O essencial é conseguir aderir a eles a tempo e, com a sua ajuda, mudar a própria vida para melhor ainda antes da chegada de bruscas alterações naturais, designadas na Bíblia por Apocalipse. Essas alterações, como predisseram todos os grandes profetas, constituirão para todas as pessoas do mundo um exame. E só poderá passar esse exame com honra quem se preparou convenientemente para ele.

Pela editora «ЭКСМО» foi publicado: Agni Ioga (Ética Viva) com comentários. Em 2 tomos (Coletânea completa dos textos, comentários de E. I. Roerich)

O ensinamento da Agni Ioga, ou Ética Viva, transmitido pelos Mestres espirituais de Shambhala à família Roerich, é com razão considerado o mais significativo ensinamento esotérico da atualidade.

A presente edição constitui a coletânea mais completa dos textos da Agni Ioga e, além disso, contém material de referência detalhado e prático com comentários de E. I. Roerich, que explicam os aspetos mais complexos deste ensinamento, bem como um glossário de termos esotéricos.

Nos livros da Agni Ioga são examinados os problemas mais atuais do nosso tempo: • cumprir-se-ão as antigas profecias sobre o Apocalipse; • quando chegará o novo ciclo cósmico na Terra e em que se expressarão as alterações naturais «apocalípticas»; • qual o perigo da era de Armagedão e que cataclismos aguardam o nosso planeta; • como preservar a saúde na era das futuras alterações naturais; • o que aguarda o ser humano após a morte; • o que é o «olho mortal» do Oriente; • como utilizar a força do pensamento para realizar os próprios objetivos; • será possível ao ser humano que vive no mundo contemporâneo encontrar um mestre espiritual e como fazê-lo; • como aprender a curar doenças com energia psíquica; • serão os seres de outros

mundos capazes de influenciar-nos; • como proteger-se do vampirismo energético; • qual o perigo da magia e do mediunismo na nossa era; • existem forças do mal e em que consiste a sua influência sobre a humanidade; • o que representa o outro mundo e como está ligado à vida de cada um de nós.

Estas e muitas outras questões são tratadas nas páginas da nova edição dos livros da Agni Ioga.

E. I. Roerich. Conhecimento Secreto. Teoria e prática da Agni Ioga.

O presente trabalho constitui uma verdadeira enciclopédia de conhecimentos esotéricos. A sua base foram fragmentos de cartas de E. I. Roerich que iluminam os aspetos mais interessantes e atuais do mais notável ensinamento esotérico da atualidade — a Agni Ioga, ou Ética Viva: • Surgimento do Universo e atividade da Inteligência Superior; • criação do ser humano e regularidades da sua evolução espiritual;

• estrutura multidimensional do organismo humano, natureza espiritual e energética da consciência-alma e da psique; • estados alterados de consciência, as suas bases espirituais e psicofisiológicas; • seres de outras dimensões e a sua influência sobre as pessoas; • morte e existência póstuma da consciência; • reencarnações e os seus mecanismos cármicos; • diversos planos de existência e o seu impacto na vida do mundo terreno; • regularidades esotéricas das relações entre os princípios masculino e feminino, o destino cósmico do amor, a combinação harmoniosa das pessoas em casamentos,

e muitos outros problemas são iluminados nesta coletânea.

No meio dos seguidores de ensinamentos esotéricos, as cartas de E. I. Roerich são com razão consideradas a fonte número um, na qual os princípios fundamentais da antiga sabedoria secreta do Oriente são expostos de forma mais completa, acessível e cativante.

O mais significativo ensinamento esotérico da atualidade — a Agni Ioga, ou Ética Viva — recebeu uma cobertura abrangente nas cartas selecionadas de E. I. Roerich apresentadas nesta coletânea. Nessas mesmas cartas, E. I. Roerich respondeu às mais diversas questões de pessoas interessadas no património esotérico do Oriente. As questões e problemas esclarecidos por E. I. Roerich nas cartas são os mais importantes e atuais princípios da teoria e prática do conhecimento secreto oriental:

• outros mundos e a sua influência sobre nós; • Anjos da Guarda e a sua verdadeira natureza; • essência do carma e métodos para o seu aperfeiçoamento acelerado; • problemas das relações entre os princípios masculino e feminino e da combinação harmoniosa das pessoas em casamentos; • estado póstumo da consciência e a sua condicionamento pela vida terrena do ser humano;

E. I. Roerich. Três chaves

• força do pensamento e as suas potencialidades; • misteriosa Shambhala e a sua participação nos destinos históricos de diferentes países e povos; • Hierarquia Cósmica da Luz e a sua origem; • métodos mais ótimos, nas condições modernas, de autoperfeiçoamento espiritual; • princípios sagrados da relação entre o Mestre e o discípulo do conhecimento esotérico —

esta é uma lista longe de completa das questões examinadas nas cartas da colaboradora dos Mestres de Shambhala. Não é por acaso que os seguidores de ensinamentos esotéricos consideram as cartas de E. I. Roerich a fonte mais completa e autorizada de conhecimentos sagrados da Índia e do Tibete.

N. K. Roerich. Portas para o futuro

Nesta coletânea é apresentada a maior parte da criação literária de N. K. Roerich — contos, ensaios e textos escritos pelo artista em diferentes anos da sua vida, de 1910 até aos anos 1930. Filosofia em exemplos vivos da vida — assim se pode caracterizar o motivo principal dos trabalhos literários de Roerich.

A misteriosa morada espiritual dos Himalaias — Shambhala — e os sábios mentores espirituais, rishis ou Mahatmas, que guiam para o caminho da verdade aqueles que buscam conhecimento espiritual; mistérios da vida e da morte e investigações na área de fenómenos paranormais, história da arte russa e sacralidade da cultura espiritual do Oriente — a isto e a muito mais são dedicadas as obras literárias do grande Mestre.

Lendo os trabalhos de Roerich, convencemo-nos de quão certo estava M. Babenchikov ao escrever:

«Cegos são aqueles que veem em Roerich apenas pintura. Sábios são os que nele veem um dos maiores guias espirituais da nossa era».

N. K. Roerich. Altai—Himalaias

Escrita sob a forma de notas de viagem, o livro «Altai—Himalaias» é extraordinariamente diversificado no conteúdo.

• Lendas sobre o misterioso país de Shambhala e os Grandes Mestres do Oriente, • manuscritos antiquíssimos sobre as viagens de Cristo pela Índia e Tibete, • testemunhos de oculares dos fenómenos mais misteriosos do nosso planeta — OVNIs e o homem das neves, • uma quantidade de informações interessantíssimas sobre a vida espiritual e cultura dos países do Oriente e da Ásia

— tudo isto o leitor encontrará nas páginas do diário de viagem do grande artista e pensador russo N. K. Roerich, que, juntamente com os membros da sua família, realizou a maior expedição científico-investigativa da história pela Ásia Central.

Avatares de Shambhala: história, factos, profecias

Os Avatares existem não só em livros e filmes!

No alvorecer da civilização terrestre, emissários da Razão Cósmica vieram à Terra para contribuir para a evolução da humanidade. Foram exatamente eles, os Avatares cósmicos, que fundaram na Terra o antigo centro da Razão Superior — Shambhala...

Este livro ilumina todas as questões relacionadas com o fenómeno mais único que existe no nosso planeta.

• Existe Shambhala? • Quando, onde e com que objetivo foi fundada na Terra? • Quem são os Adeptos de Shambhala e possuem realmente capacidades invulgares? • Como é a misteriosa morada himalaia e o que se pode ver lá? • Por que razão a localização de Shambhala ainda não foi descoberta? • Quem encontraram no Tibete os membros da expedição de Schäffer, enviada por Hitler à procura de Shambhala? • Existe realmente o misterioso meteorito enviado à Terra da constelação de Orion e que possui um impacto extraordinário sobre tudo o que o rodeia? • Visitaram os Roerich Shambhala? • Sobre o que os Arhats de Shambhala — os Mahatmas — advertiram o governo soviético em 1926? • Que profecias transmitiram ao mundo os Adeptos de Shambhala? • O que aguarda o planeta após 2012, como será o Apocalipse e o que ajudará a humanidade a sobreviver à mudança de épocas cósmicas, da qual seremos testemunhas?

As respostas a estas e muitas outras questões encontrará neste livro.

Todas as publicações sobre Shambhala tradicionalmente oferecem aos leitores apenas perguntas e enigmas. Só este livro revela ao leitor todos os segredos do fenómeno único do nosso planeta!